



Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel



Taxa Paga
Portugal
Linda a Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1449 | 1 Abril de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75
 Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

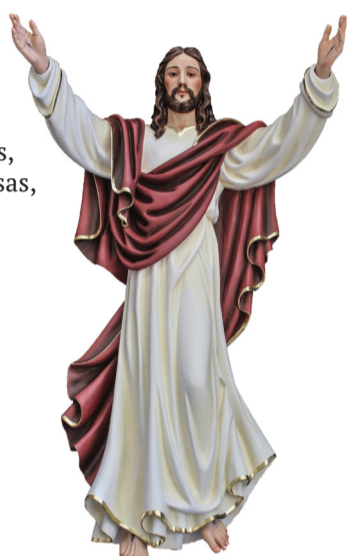
DEIXEMOS ENTRAR A LUZ...

Vão-se dissipando os dias
De sombras tristes e teimosas,
Permitindo vislumbrar, riosas,
A Natureza e suas alegrias.

Deixemos entrar a Luz
Em nossas almas fechadas,
Queiramo-las escancaradas
Ao amor que ela conduz.

Fora trevas! Fora escuridão!
Aos outros dêmos a mão,
Numa ajuda fraternal

Cantemos, com o coração,
Hinos de universal União,
Jesus Renasceu, Triunfal!



Armanda Urze, Vila
25 de março de 2021

106 candidaturas do Alto Minho ao Programa de Apoio à Produção Nacional de Base Local P.32



Roscas de Melgaço já têm marca registada P.24



Alberto Brito, eleito Presidente da Assembleia Geral da Misericórdia de Melgaço P.9



Memória Páscoa 2021 P.26-27

Copo exclusivo para saborear os alvarinhos de Melgaço e Monção P.14



José Albano Domingues em entrevista a "A Voz de Melgaço" P.22-23



SÃO JOSÉ, O HOMEM DOS VERBOS **P.2**

COMÉDIAS DO MINHO NO PALÁCIO DE BELÉM **P.3**

PAPA FRANCISCO E O COVID **P.6**

ESCUTEIROS EM MACAU. BELO TESTEMUNHO **P.7**

ARQUITECTO MELGACENSE CONCEBEU MODELOS 3D DO HOTEL DO PESO **P.10**

DESCONFINAMENTO: RISCOS E DÚVIDAS **P.12**

PRESIDÊNCIA PORTUGUESA QUER DISPARAR A 'BAZUCA' **P.13**

OSTEOPATA CÁTIA ROCHA TRABALHA EM MELGAÇO HÁ 10 ANOS **P.16**

ACADEMIA MUSICAL DE MONÇÃO QUER ESTENDER A SUA ACÇÃO A ALUNOS DE MELGAÇO **P.25**

ATLETA DE MINAS GERAIS QUER CRIAR CENTRO DE CAMINHADA ATLÉTICA EM MELGAÇO **P.29**

VIAJAR PELA BIRMÂNIA **P.30-31**

FESTA DO ALVARINHO E DO FUMEIRO 2021 REINVENTA-SE **P.32**

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



Tal como a Primavera já se destaca no meio das cores de Outono, também o Primitivo se irá destacar na sua mesa de Páscoa

S. José, o homem dos verbos... (1)

Catarina Gonçalves

Foi enviado o Anjo Gabriel [...] a uma virgem desposada com um homem chamado José [...] (Lc, 1, 26, 27). S. Lucas nesta passagem de 7 palavras [em grego bíblico] (número perfeito e profético na história bíblica), atira-nos a curiosidade sobre este homem: José! É legítimo, ao lermos os textos canónicos, perguntarmos: quem era José?! Eu atrevo-me a dizer que era o homem dos verbos: escutar, esperar, obedecer, aceitar, ensinar, aprender e amar. São estas acções sensitivas e activas que nos dão a chave para entrarmos na essência e no íntimo de José.

Escutar. Eis o dom mais profundo e mais valioso do noivo de Maria. José, descendente de uma estirpe nobre: 14ª geração da casa de David (Mt 1, 1-16), artesão de profissão, é conhecedor e praticante da Torah, como todos os homens letrados e reconhecidos na sociedade de então. Porém, distingue-se dos demais, não é homem de vivências exteriores, de exegeses superficiais e legislativas, como os fariseus e os levitas, pelo contrário é homem religioso de vivência interior. É no seu coração, no íntimo do silêncio, que vive e compreende as Escrituras, e delas tira o grande ensinamento transmitido por Deus ao longo do Antigo Testamento: o amor, vivido e praticado na adversidade dos acontecimentos.

José ama Maria, e pensa casar-se com ela, dentro da maior normalidade. Não imagina que esta união esponsal o fará atravessar a sua noite escura de fé (diria S. João da Cruz). A noiva procura-o e anuncia-lhe que está grávida, contando-lhe uma verdade de difícil credibilidade. Ele sabe bem que a Deus nada é impossível, todavia ninguém se sente merecedor de tal empreitada aos olhos do Senhor, e José, na sua mais pura humildade, não é diferente. Diferente é o seu comportamento: na dúvida medita e não julga, nem faz julgar. Retira-se e toma uma decisão prudente, abandonar Maria em segredo. Contudo, não a coloca em prática de imediato: espera, entra no seu quarto e entra no silêncio da noite. Não o invade a insónia da raiva e do desapontamento, que seriam normais, mas sim o sono tranquilo, onde Deus entrará para lhe descortinar toda a verdade, através do seu mensageiro. Acordado do sonho, José compreende que foi escolhido por Deus, para a missão mais sagrada de toda a Escritura e do Mundo: ser pai davidico de Deus feito Homem. A tristeza deu lugar à alegria contida na aceitação, ao abraço de uma nova realidade, ao temor de um futuro desconhecido. Ele sabe que a partir daquele momento a sua vida já não lhe pertence mais. É a hora de se dar à obediência plena. E neste momento José faz o seu *Magnificat*.



Confraria de Melgaço - Vila Praia de Ancora

Júlio Domingues



a) ÁGUAS DE MELGAÇO: Os “SUPERMERCADOS DE PROXIMIDADE - C O V I R A N - Supermercado BRÁS”, sitos nesta Vila, já disponibilizam as nossas ÁGUAS DE MELGAÇO (Termas do Peso).

Na fotografia, os Melgacenses Rosa e António Táboas, acabados de chegar da França, bem como a nossa prima professora Paula Alves, nascidos na Freguesia de Rouças, já clientes destas Lojas.

Não faltam também, no referido Estabelecimento, os Nossos Queijos, como se vê na imagem, QUEIJO CURADO DE CABRA - PRADOS/MELGAÇO.

A nossa Água de Melgaço, já muito conhecida, pois aqui há uns anos, já o nosso amigo MEC -Miguel Esteves Cardoso, numa das suas crónicas diárias do Jornal O Público, realçava a grande e boa qualidade das mesmas.

b) “PRAIA DAS CRIANÇAS”: A nossa praia, mesmo aqui ao pé da Vila, este ano, já mereceu a atenção e o cuidado dos Serviços responsáveis da Câmara Municipal, tendo-se procedido a uma limpeza geral, devido às fortes chuvadas que se fizeram sentir.

Mais atractiva.

c) HORTAS COMUNITÁRIAS: Continuam os trabalhos de arranjo dos limites das Hortas, aqui existentes, no Dólmen da Barrosa, pelos serviços camarários, sendo vários os Melgasenses que também ali continuam e produzir os mais diversos produtos hortícolas.

Daqui, fazemos mais um apelo para que esta dita “crise”, passe, com vista e organizarmos o II Almoço/Convívio Anual, de toda a já Grande Família Melgacense, neste também bonito Vale de Âncora.

Os nossos Amigos

Carlos Nuno

Se ainda não pagou assinatura de 2021 e tem outros anos em atraso, por favor não adie mais o pagamento. Vivemos com o dinheiro das assinaturas.

Se não puder pagar directamente, é muito fácil fazê-lo por transferência bancária.

IBAN = PT50 0018 0000 28639224 00105

Entre os que pagaram no último mês, destaque para o Dr. Manuel Cândido Rodrigues, do Brasil, que já

pagou o ano 2023; Valentim Camilo Afonso, de Afife, que pagou 2021 como amigo. O mesmo fez Nuno Guerreiro Ranhada, de Pedrouços, pagando já 2022; Maria de Lurdes Fernandes, da Morreira, Braga, pagou 2021 como amiga; João Pereira Coutinho, de Guimarães, pagou 2021 como amigo; José Eduardo de Freitas, do Seixal, pagou 2021 como amigo; Henrique Outeiro Esteves, de Braga, pagou até 2025 como amigo; O mesmo fez para 2021 e 2022 Maria Leonor Rodrigues Teixeira,

do Mindelo, Vila do Conde; João da Costa Gomes, do Porto, pagou 2021 como amigo; Maria Augusta Alves, de Dume, Braga, pagou já 2022 como amiga; Manuel Lobato Afonso, de Braga, pagou 2021 como amigo, e o mesmo fizeram Alberto Manuel Gonçalves Esteves, de Braga e Manuel Vieira Abreu, de Ponte de Lima.

A todos o nosso sincero obrigado. Que a Páscoa continue a ser festiva e sentida ao longo de todo este tempo pascal, e continue a dar sentido ao resto do ano.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Âncora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadalete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, nº 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 22,50 Euros
Estrangeiro – 30 Euros

No Dia Mundial do Teatro, as COMÉDIAS DO MINHO levaram A Carrinha Velha até ao Palácio de Belém

João Martinho



Depois de meses a criar para o 'digital', os actores das Comédias do Minho interromperam o seu jejum de palco com uma actuação para Marcelo Rebelo de Sousa. A convite da Presidência da República, no âmbito das comemorações do Dia Mundial do Teatro, Luís Filipe Silva e Joana Magalhães apresentaram A Carrinha Velha, de Tânia Almeida.

A Carrinha Velha ganhou um corpo e revelou ao Presidente o que observou ao longo de anos nas estradas minhotas, ao serviço desta companhia de teatro itinerante. É esta Fiat que faz de carro de som e anuncia os espectáculos pelas aldeias. É nela que se transportam cenários e figurinos, por montanhas e vales, para chegar às aldeias mais isoladas do território. Pelo caminho, acontecem romances e desavenças. No fim do dia, muitas vezes são os seus faróis que permitem a desmontagem do espectáculo, “embora agora já não haja espectáculos há muito tempo”, acrescentou Luís Filipe Silva.

A proposta, levada ao palco do Jardim da Cascata do Palácio de Belém no dia 27 de Março, partiu de um episódio do *podcast* ficcional “A Tua Mesa Odeia-te”. Criado durante o actual confinamento para a Rádio Comédias e integrado na programação digital ‘Comédias Takeaway’, o *podcast* consiste em entrevistas a objectos inanimados que fazem parte da história das Comédias do Minho. Em início de desconfinamento, adapta-se o 'digital' ao 'presencial'.

Quando parecia que o espectáculo tinha acabado, os actores colocaram uma coluna de som em palco, porque ela “pediu para falar”: Estes têm sido tempos muito difíceis para as atuações ao vivo. Muitos artistas e técnicos, meus queridos, têm lutado pela sua profissão, já de si carregada de insegurança. (...) A bela cultura do teatro viverá enquanto eles ficarem aqui. (...) E como coluna que já tem saudades de ser usada, só me resta dizer: Mal posso esperar!



Nas palavras de Magda Henriques, Diretora Artística das Comédias do Minho, “não é de pouca importância termos sido nós, Comédias do Minho, a receber este convite. Somos uma estrutura localizada num território que não coincide com os ditos ‘grandes centros’ e este é um gesto relevante. As escolhas importam. Afirmar formalmente as periferias como ‘centrais’ tem significado, porque descentralizar não chega. Importa olhar para o país como um território complexo, diversificado, composto de múltiplas realidades e centralidades. Cabe-nos assim, também, celebrar o teatro e todos aqueles que o tornam possível. São tantas as estruturas culturais, mais ou menos invisíveis, que existem por esse país fora. Tantas pessoas. Tantos profissionais. É o teatro que está no centro desta celebração e com ele, necessariamente, todos aqueles que o tornam possível. Todos são imprescindíveis.”

As ‘Comédias do Minho’ são fruto do esforço colaborativo dos municípios de Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira. Depois de garantidas as ditas necessidades básicas, era preciso dotar o Vale do Minho de um projeto cultural próprio, adaptado à realidade socioeconómica e com um enfoque especial no envolvimento das populações.

Há dezassete anos que a Companhia de Teatro profissional leva as suas criações às vilas e aldeias do território. Hoje, há também um Projecto Pedagógico que trabalha as artes performativas com toda a comunidade educativa da região. As associações locais e grupos de teatro de amadores são abrangidos pelo Projecto Comunitário.

Esta estrutura cultural foi o exemplo que o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, quis destacar no Dia Mundial do Teatro, afirmando que “Portugal não é Lisboa e há muita coisa a fazer para levar mais longe a descentralização, que está nas leis, mas que tem de passar para a vida das pessoas”.



O Presidente aprofundou, dizendo que “descentralizar não é apenas fazer leis a dizer que se dá mais poderes, é dar mais meios para se exercerem esses poderes. Não é apenas reconhecer o papel das Câmaras Municipais e das Juntas de Freguesia, é permitir que se unam, que ganhem força, que tenham massa crítica para poderem levar mais longe a descentralização”, disse, apontando este como um “desafio dos próximos tempos”.

Na sua curta intervenção, o Presidente da República considerou que a cultura “foi talvez a actividade mais sacrificada pela pandemia” Covid-19.

Já Magda Henriques recusou alongar-se “em considerações sobre o estado actual de muitos profissionais da área. A situação é sobejamente conhecida. O contexto em que vivemos só tornou visível e radicalizou o que já estava aí.”

As salas de espectáculos voltam a abrir no próximo dia 19 de Abril.

Comédias do Minho

Fotos: Rui Ochoa/Presidência da República

Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.



EstheticSmile
Largo da feira - Melgaço

Tlf. +351251404002
808215415





EstheticSmile
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

PREZAMOS A SUA SEGURANÇA E A SUA CONFIANÇA.
Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços.

Dar sem medida o melhor de nós

Helena Matos

A gratidão mora no coração de quem olha a vida com respeito e vive o amor com alegria e simplicidade.

Olhar de frente e escutar os sentimentos que nos fazem ser merecedores do melhor que nos acontece é um trabalho diário que exige paciência e desprendimento. É um trabalho que molda a missão e humanismo de cada um. Nós somos as acções que praticamos.

Quando a tristeza bate com força e te tira as boas energias então há que ir à luta e descobrir a melhor forma de dar a volta à situação e de mansinho deixar que a fé e a esperança faça luz no caminho a seguir.

É tão bom saber que não caminhamos sozinhos!

Naquelas horas tardias em que o cansaço te enfraquece e dás contigo na mó de baixo o melhor é parar, baixar o semblante e orar. A oração enche a alma de

júbilo e canaliza as boas energias.

As alianças fortalecem os laços que nos unem em comunidade!

O compromisso é algo que enobrece nossos actos quando a exigência da efectivação dá as mãos à lealdade e à verdade.

Não somos obrigados a dar a outra face para provarmos que temos razão nas escolhas que fazemos. E quando nos ofendem o nosso bom senso não nos convida a ser altruístas!... E porquê?!... Porque “quem não se sente não é filho de boa gente”!... E porque, no que concerne a sentimentos há coisas que não se explicam e outras que não carecem de explicação.

Se queres ser grato e fazer o bem não deixes para amanhã o que deve ser feito hoje. Amanhã pode ser

tarde!...

O bem pratica-se em vida e não deve ser adiado.

Às vezes o compasso obriga a trocar o passo!...

Quando despertas tu agradeces o que te é dado sem nada ser pedido em troca. E ao longo do dia fazes parte da mudança e dás o teu contributo.

Quando adormeces voltas a agradecer pelo que te foi dado usufruir e construir. Preparas o teu corpo para o descanso e esperas que o amanhã seja um belo dia.

A máxima é dar o nosso melhor e trazer alegria e paz à nossa vida.

Nunca esqueçamos que:-

- *“A linguagem do amor é a única linguagem adequada para mostrar o rosto de Deus”.*

Do “Vale do Lima” XXVIII

P. M. Domingues

“Nós nascemos para recordar (fazer anamnese)”.

Prestes a encerrar o capítulo das *“minhas memórias”*, emitidas a partir deste Vale do Lima, quero recapitular alguns episódios mais pessoais e marcantes que se inserem no contexto dum tempo que também o foi da nossa *história colonial* e que não podemos malquistar. Aqui ficam como pequeninos parágrafos, porventura de rodapé.

Ordenado sacerdote em 15 de Julho de 1962, no mesmo ano fui nomeado pároco da Gave onde permaneci até Setembro de 1967, data de nomeação para capelão militar, o que implicou um curso intensivo na Academia Militar em Lisboa. Ainda voltei à paróquia mas no dia 9 de Fevereiro de 1968, discretamente, sem despedidas, saio para Braga. No dia 11, às 21h tomo o comboio e, no dia seguinte, às 8H40 apresento-me no quartel de Abrantes. Ia começar uma etapa de vida, feita de aventuras, de sustos, de muita camaradagem, de entrega e confiança em Deus e nos homens.

Já em *memórias* anteriores discorri sobre este serviço a que fui chamado. As chefias militares sabiam que os capelães eram uma *mais-valia* para as tropas em campanha e, ao mesmo tempo, para a implementação da *psico-social* junto das populações nativas. A grande maioria dos soldados eram oriundos de ambientes católicos e os indígenas também, em boa parte, evangelizados pelos missionários católicos.

A missão do capelão militar não era anestesiar o soldado para que não olhasse o perigo da morte, como uma altura me queria incutir um oficial do “ar condicionado” do sector de Cabinda. Um meu colega e eu tivemos que lhe fazer ver com firmeza o desconcerto e o absurdo da sua ideia. No meu caso pessoal, posso dizer que corri grande parte dos riscos dos soldados porque os acompanhava (e eles sentiam-se bem) em todas as picadas e missões, excepto nos *“golpes de mão”*. As emboscadas ocorriam, geralmente, nas deslocções e não sei quantas vezes teria estado na mira das espingardas. Algumas vezes, *escapei por acaso (?)*. Recordo um domingo, aliás de Carnaval, ir do Chimbe ao Sanga Mongo, em fila indiana, na densa floresta do Maiombe onde qualquer som estranho era suspeito, os nervos tensos, um travo amargo na boca, mas, ao mesmo tempo, uma grande confiança no meu Anjo da Guarda a quem rezava por mim e pelos rapazes do pelotão. Ao chegar, cumprimentei o pessoal desse posto avançado e constatei que o alferes que comandava não tinha as condições psicológicas mínimas, estava assustado e pedia-me que intercedesse perante o comandante da Companhia para que o substituísse. Celebrei a Santa Missa tendo como mesa da celebração um barril que tinha sido de vinho. Aquela Eucaristia era a Paz no meio da guerra e do medo! Regressámos pelo mesmo trilho, envoltos em calor húmido. Não recordo quan-

tos quilómetros caminhamos, mas, ao chegar, só numa cama me reconfortei do cansaço dorido. Um caso, entre casos. Mas atravessar rios em viatura sobre dois troncos de árvores, subir picadas lamacentas onde o jeep se *“ia abaixo”* e só pegava de empurrão de marcha atrás, demorar horas a tirar viaturas da lama, eram outras tantas façanhas que só o humor e a coragem do soldado português conseguiam vencer. A minha homenagem!

O enclave de Cabinda ficava entalado entre o Congo Braza, donde partiam os ataques do MPLA, e o Congo Kinshasa que apoiava a UPA. O meu Bat.Caç 2841 posicionava-se ao norte, Alto Maiombe, com sede em Belize. Desembarcados na cidade de Cabinda, onde já cheirava a petróleo, seguimos por estrada de terra batida, na escuridão da noite, passando por Malembo, Lândana (um grande centro missionário), Dinge, Panga Mongo, Bata Sano, donde derivou uma companhia para o Chimbe, Ganda Cango, Belize, ao raiar do dia. Era domingo de *“Pascoela”* e celebrei a primeira Eucaristia às cinco horas da tarde. Dali a oito dias já estou em Caio Guembo e à noite parto para Sanga Planície onde celebrei pelo primeiro soldado morto na noite anterior. Foi um ano intenso de canseiras, considerei-me o *“homem das picadas”* porque era o único que tinha a seu cargo nove destacamentos. No ano seguinte transferiram-nos para o norte de Angola, com sede em Ambrizete, mas o trabalho continuou. Coisa linda ser jovem e aventureiro e conviver com o soldado português!

Flashes do Ciclo

Democracia Amordaçada

Arménio Melo

Manuel Maria Rodrigues, investigador criminal e analista, da Justiça Portuguesa, escreveu, no Jornal Correio da Manhã, com o título, CONFIANÇA, o seguinte: - “Sucedem-se as referências à ausência de imparcialidade de um Juiz, do Tribunal Central. Enquanto o povo aquele em nome, do qual se diz que a justiça é feita, tenta compreender a engrenagem da complexa máquina da justiça, vários dos processos que mais abalam a credibilidade política e institucional, passaram para a tutela do juiz Ivo Rosa.

Assumi o Processo Marquês, no qual um antigo primeiro ministro é acusado de 31 crimes entre corrupção, fraude fiscal agravada e branqueamento de capitais. Apesar do regime de exclusividade, ainda não decidi se o processo passa à fase de julgamento ou se fica a servir de calço à secretária. Prescindiu agora da exclusividade e abarcou outros dois processos: “Máfia do Sangue” e “EDP” que envolvem, respetivamente, Lalanda e Castro e Manuel Pinho, ambos ligados ao tal

primeiro ministro.

São 14 as decisões deste juiz que o Tribunal da Relação lançou no caixote do lixo e 2 os processos por suspeição de parcialidade extravasa competências e interfere na investigação criminal. As perguntas do povo são simples. Ninguém, entre Ministra, PGR, Conselho Superior da Magistratura, põe fim imediato a este escândalo? A quem serve a conduta deste senhor? Como querem que se confie na Justiça? - Correio da Manhã de 16 -03-2021” - Só é lamentável, este artigo, não merecer a mesma propaganda que foi feita, contra Cavaco Silva, quando denunciou Democracia Amordaçada e, este artigo, consubstancia, o pensar de Cavaco Silva. Efectivamente, a base principal, de um Estado de Direito, é ter uma Justiça Justa e Célere e, foi precisamente a falta destes factores, que Sócrates fez a Justiça cair no fundo. Depois veio o Governo PSD/CDS, nomeou a Procuradora Marques Vidal, PGR, a qual conseguiu tirar

a Justiça do pântano em que se encontrava. Mas para o efeito, não respeitou o PS e, obviamente, foi substituída, com a preciosa colaboração do PR, quiçá, por precisar do PS, com vista à renovação do mandato, pois sabia que precisava, dos votos socialistas. Assim, o juiz Ivo Rosa, está a mostrar, cabalmente, o caos em que se encontra a Justiça em Portugal, cujo azimute, são as prescrições, dos crimes de Sócrates e seus amigos. De facto, as substituições principalmente: da PGR, Tribunal de Contas, Banco de Portugal e a nomeação do Procurador Guerra, para a Europa, foram escandalosas e vergonhosas no Estrangeiro, visto, mandarem informações falsas, para a Europa aprovar Guerra, em vez de quem tinha esse direito. Obviamente aprovo tudo, o que Manuel Maria Rodrigues escreveu.

“-SE A VACINA NOS SALVA DO VÍRUS QUEM NOS SALVA DESTES POLÍTICOS?” - João Pereira Coutinho, Diário da Manhã, de 18-3-2021

A consolda ou confrei

Teresa Tábuas

A ciência moderna busca por novas terapias de uma forma incessante. O uso de produtos naturais para tratamento de doenças é uma prática muito antiga. Após terem sido ignorados por um longo tempo, os produtos naturais ganharam novo interesse e um número crescente de pessoas voltaram a consumi-los para a prevenção e o alívio de inúmeras doenças

No entanto, para usar plantas medicinais, temos que conhecer bem os seus efeitos. Não é por ser planta, natural, que sempre será saudável, ou inócua.

Hoje vou falar do confrei ou consolda planta nativa da Europa, cujo nome científico é *Symphytum officinalis* L. e pode ser comprada em algumas lojas de produtos naturais e em farmácias de manipulação onde é aconselhado apenas o seu uso externo, como adstringente, cicatrizante, emoliente, anti-inflamatório tópico, anti-eczematoso e anti-psoriático. As folhas do confrei são utilizadas desde a antiguidade na preparação de chás para o tratamento caseiro de doenças gastrintestinais, disenterias, inflamações, reumatismos, hemorroidas, tosses e várias outras enfermidades. No entanto, estudos recentes mostram que o uso prolongado da planta pode ser tóxico ao fígado e causar o aparecimento de tumores malignos no fígado, nos brônquios e na bexiga, não sendo recomendado o seu uso por via oral. Esta sua condição, ao que presumo, deve-se ao fato de que **o confrei ter a propriedade de incentivar a reprodução de células**, fator bastante positivo quando se trata da cicatrização de tecidos saudáveis, porém, que se torna negativo caso existam células cancerígenas, pois potencializa a sua multiplicação.

Atualmente, o extrato de raiz de consolda extremamente eficaz é utilizado com sucesso na medicina moderna para o tratamento de dores musculares, desconforto nas articulações e dores na coluna. As maté-

rias-primas medicinais são obtidas a partir da raiz da consolda, que atua como um acumulador para a planta, conforme demonstrado pela sua elevada concentração de substâncias ativas. No entanto, também pode obter o seu remédio caseiro preparando compressas de confrei. Para isso devem-se ferver 10 g de folhas de confrei em 500 mL de água e depois coar e colocar a mistura numa compressa e aplicar sobre a região afetada. Para preparar uma compressa para tratar o acne, deve-se colocar 50 g de consolda em 500 mL de água fria, deixar ferver durante 10 minutos e coar. De seguida, molhar um pano fininho nesse chá e aplicar na região que se deseja tratar.

As propriedades terapêuticas do confrei estão relacionados a presença da alantoína, A sua utilização remonta a 2000 a.C. na consolidação de ossos fraturados, além de seu uso para cicatrizar feridas. Confrei tem uma longa e comprovada história de indicações para diversas doenças ou enfermidades. **É referida como planta essencialmente medicinal.** Raízes e folhas do confrei foram muito utilizados nas diarreias, disenterias, hemoptises e outras hemorragias, principalmente de pulmões, até que se contraindicou seu uso via oral, ao descobrirem que pode provocar doenças graves no fígado se usado por longo tempo como já referido

Atualmente, o confrei (*Symphytum officinale*) é utilizado na medicina farmacêutica utilizando os princípios ativos, por exemplo, extrato das raízes são utilizados para produção de cremes anti-inflamatórios indicados no alívio de algumas dores musculares, dores de articulações, dores ocasionadas em contusões e também nas entorses, tendinites e dores nas costas, pois, como foi dito anteriormente, esse extrato possui ação anti-inflamatória e analgésica, agindo sobre a região inflamada aliviando o inchaço e a dor..



Em resumo, esta planta é conhecida pelas suas propriedades cicatrizantes, analgésicas e anti-inflamatórias, mas também, pela sua hepatotoxicidade.

Falta acrescentar que é uma belíssima planta herbácea vivaz que pode crescer até 1 metro de altura, de forma muito rápida. É comum na Europa, exceto na região mediterrânica, surge no nosso país nalguns jardins e hortas, onde é cultivada de forma a tirar partido das suas inúmeras características: em consociação com outras plantas hortícolas, melhora a produção e a qualidade, por melhorar a disponibilidade de fósforo e potássio. Resistente ao frio, floresce entre maio e junho e as suas sementes ficam maduras entre julho e agosto.

Nos últimos anos é cada vez mais procurada para agricultura ou jardinagem biológica, onde deve ter um lugar de destaque, pois pode facilmente substituir a aplicação de fertilizantes de síntese, algo muito difícil de conseguir com qualquer outra planta.

GAZETILHA

Álvaro Carvalho

A Educação Nacional (conjunto de órgãos encarregados da organização, da direcção e da gestão de todos os graus do ensino público, bem como da fiscalização do ensino particular) precisa entrar nos eixos para encontrar um rumo de excelência naquilo a que se propõe e que dela é esperado.

Afinal que benefícios trouxe este “perfil democrático” que os políticos quiseram incutir no sistema de educação vigente?!...

Quando se fala tanto em descentralização o que é posto em prática é precisamente o contrário. Centraliza-se o poder e descentraliza-se o quê?!... Os custos da “máquina” em funcionamento e seus equipamentos?!...

Paíra constantemente uma “guerra” que prejudica um todo carente de meios e de políticas que beneficiem

“mestres e aprendizes”!...

Não podemos adiar o inadiável. Todos, sem excepção, estamos a ser prejudicados e sentimo-nos envergonhados com o proliferar destas políticas de mediocridade no ensino.

As Escolas não podem substituir as Famílias. Mas são as Famílias que aguentam as más “políticas” praticadas ao nível das Escolas.

Como é possível que o Ensino não saia da “cepa torta”?!...

Os “favores” políticos confundem as regras e não se aposta na qualidade. E a liderança de um projecto tem que se seguir por normas justas, equilibradas e éticas que rompam com clientelas e compadrios. A obra feita tem que ser visível para toda a comunidade e não para

agradar e responder a agendas políticas.

A valorização do saber não pode entrar em colisão com o aprender.

O papel do professor não pode ser confundido e tem que ser respeitado e compreendido como tal. Um professor não pode ser visto como pau para toda a obra.

É nobre ser Professor.

Então:-

Haja docência com eficiência.

Haja prudência com a maledicência.

Haja decência com a paciência.

Haja clarividência com a beneficência.

Haja o que houver não se brinque com o passado, o presente e o futuro dos cidadãos do meu País – Portugal.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES

TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



Daniela Afonso Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Papa Francisco e a Covid ou um belo diário de bordo

Costa Guimarães

O papa e o Covid é o título de um texto de Mimmo Muolo publicado no jornal italiano *Avvenire* (23.02.21) e que sintetiza trezentos e sessenta e cinco dias de discursos, gestos, orações, atos concretos de caridade.

Não podíamos deixar passar em claro este autêntico corpo magisterial sobre a doença que revirou o mundo. Desde 23 de fevereiro de 2020, dia em que Francisco realizou a Bari a última viagem antes do confinamento (e a única destes doze meses, à exceção da breve deslocação a Assis para assinar a encíclica “Fratelli tutti”), passou um ano.

É um ano que encerra com o sinal mais forte: a visita ao Iraque, entre 5 e 8 de março. Francisco, como sempre, tem o olhar voltado para a frente. Ele não quer perder um minuto, porque «certas coisas vêem-se apenas com os olhos das lágrimas». Aquelas que o vírus está a fazer derramar no mundo. E que, segundo o papa, podem tornar-se lentes poderosíssimas para ver e projetar um futuro novo.

Poucos dias antes, a 20 de fevereiro, a descoberta do “Paciente 1” certificava a difusão do Covid entre os cidadãos italianos. Em Portugal, um dos dois primeiros pacientes detectados, a 2 de março, esteve de férias no norte de Itália e sentiu os primeiros sintomas a 29 de fevereiro.

As palavras e os gestos do papa constituem uma espécie de diário de bordo da barca de Pedro no tempo do coronavírus, além de serem um paradigma para a acção de toda a comunidade eclesial.

Francisco cose o conjunto das suas intervenções com o fio do Evangelho, declinado periodicamente com relação às recaídas económicas, políticas, ambientais, caritativas deste triste tempo. Está tudo ligado, tinha escrito na “*Laudato si*”. A crise mundial é a mais evidente das confirmações. Como atesta também a releitura deste diário, projectado para o futuro.

TUDO COMEÇA A 26 DE FEVEREIRO

26 de fevereiro de 2020. É a última audiência geral na praça de S. Pedro antes do confinamento. Daí em diante é transmitida em directo da biblioteca do palácio apostólico. É o início de um longo túnel, do qual se sairá, para as audiências gerais, apenas a 2 de setembro, com os encontros presenciais, mas no pátio de S. Dâmaso, mais pequeno e circunscrito. Na sequência da segunda vaga, regressa à biblioteca a partir de 4 de novembro. Para a oração do Angelus segue-se a mesma modalidade. O último aparecimento à janela ocorre a 1 de março. Depois é preciso esperar 31 de maio, dia de Pentecostes. «Hoje que a praça está aberta, podemos regressar. É um prazer», afirma Francisco. O Angelus regressa à transmissão pela internet a 20 de dezembro. Só a partir de 7 de fevereiro deste ano, Francisco volta a aparecer à janela do palácio apostólico voltada para a praça de S. Pedro. A 10 de março de 2020 são fechadas a praça e a basílica de S. Pedro. E depois também os museus do Vaticano. Medidas que visam impedir o contágio. A saúde as pessoas antes de tudo será a linha constante de conduta. A 8 de dezembro, Francisco realiza o acto de homenagem à Virgem na praça de Espanha, em Roma, às 7 horas da manhã, praticamente sozinho, para evitar ajuntamentos.

No dia 9 de março de 2020, a Itália começa o confinamento e deixa de ser possível celebrar missas com a presença do povo, o papa autoriza a transmissão em “streaming” da missa matutina na casa de Santa Marta, onde deixam de ser admitidos os fiéis. É assim até 18 de maio, permitindo a Francisco tornar-se próximo de todos com a oração eucarística. Mas a 17 de abril Francisco recorda que uma coisa é a «necessidade ob-

jectiva», outra «o ideal da Igreja sempre com o povo e com os sacramentos». Por isso, a 19 de maio interrompe o “streaming”, dado que em Itália pode voltar-se à missa.

A 15 de março de 2020, nas ruas desertas de Roma, Francisco dirige-se à basílica de Santa Maria Maior, dele sempre muito querida, e a San Marcello al Corso, onde se guarda o crucifixo milagroso que, segundo a tradição, fez terminar a peste em 1522. Um gesto simples e antigo como a peregrinação, mas ao mesmo tempo moderno e comunicativo também para a sociedade 2.0. Mesmo se Francisco, naquela tarde, não profere palavra, a mensagem é clara para todos: ninguém se salva sozinho.

UM EXÉRCITO SOLIDÁRIO EM MARCHA

A pandemia avança e ceifa vidas. São necessárias máscaras e equipamentos sanitários. O papa doa 100 mil euros à Cáritas de Itália para o «primeiro socorro». É o início de um longo elenco de intervenções, coordenadas sobretudo pela Esmolaria pontifícia. O cardeal Konrad Krajewski (que no final de 2020 contrai Covid, sem consequências graves) distribui aos mais necessitados e às comunidades religiosas atingidas pelo contágio bens de primeira necessidade. São duas as directrizes da caridade do papa: apoio aos hospitais através do envio de centenas de equipamentos de ajuda à respiração praticamente em todos os continentes; e ajuda directa aos pobres em várias partes do mundo.

É impossível enumerar todas as intervenções (cf. <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-04/igreja-catolica-coronavirus.html>). É suficiente recordar apenas a constituição, a 6 de abril, de um fundo de emergência junto das Obras Missionárias Pontifícias, com uma dotação inicial de 750 mil dólares, com o propósito de ajudar países de missão. O Vaticano vai ao encontro dos comerciantes seus inquilinos, reduzindo sensivelmente os encargos a seu cargo, dado o encerramento das lojas.

UMA IMAGEM ÍMPAR

A 27 de março de 2020, o papa sozinho sobe debaixo da chuva os socalcos do adro da praça de S. Pedro, numa imagem-símbolo do ano, um dos cumes absolutos do pontificado.

É a imagem de um poder evocativo que não escapa ao olhar do mundo. O ícone evangélico da barca na tempestade, colocado por Francisco no centro daquele memorável momento de oração, não é apenas a realista fotografia da situação, mas é também um grito de dor e um acto de fé realizado em nome de toda a humanidade.

«Sobre esta barca estamos todos.» A própria praça de S. Pedro transforma-se naquela tarde numa nova arca de Noé. Sobre a qual, todavia, há lugar para todos. O crucifixo de S. Marcello al Corso, presente no fundo, também ele debaixo de água, indica a direção: «Convertei-vos, regressai a mim com todo o coração».

A praça de S. Pedro regressa ao centro da cena na tarde de Sexta-feira Santa. Na via-sacra que substitui a



tradicional no Coliseu, Francisco permanece em silêncio, deixando falar as meditações escritas por alguns reclusos. Todo o mundo foi colocado na prisão pelo vírus. Os ritos pascais devem respeitar as regras anticontágio, e por isso são celebrados sem fiéis no altar da basílica de S. Pedro. No dia de Páscoa não houve varanda para a mensagem “*Urbi et orbi*”. Mas o papa, ao proclamá-la em directo pelos meios de comunicação, recorda que da ressurreição de Cristo «um outro contágio se transmite de coração a coração. O da esperança».

De 5 de agosto a 30 de setembro, o pontífice dedica todo um ciclo de catequeses à pandemia: um tratado de doutrina social da Igreja. A 4 de setembro envia uma mensagem a economistas, a quem recorda: «Compreendemos melhor que cada opção pessoal recai sobre a vida do próximo». Não faltam, noutras ocasiões, apelos a uma política ao serviço de todos.

A 4 de outubro, em Assis, o papa assina a sua terceira encíclica, “*Fratelli tutti*”. «Se tudo está ligado, é difícil pensar que este desastre mundial não esteja relacionado com a nossa maneira de nos colocarmos em relação à realidade, pretendendo ser donos absolutos da própria vida e de tudo aquilo que existe». Francisco rejeita a ideia de um castigo divino e sublinha: «É a própria realidade que geme e se revolta».

A 15 de novembro celebra-se o 4.º Dia Mundial dos Pobres. “*Estende a tua mão ao pobre*” é o tema escolhido. O papa, na sua mensagem, recorda as muitas «mãos estendidas» que «podemos ver» nestes meses de pandemia. Mas «este é um tempo favorável para sentir novamente que temos uma responsabilidade para com os outros e para com o mundo». E, com efeito, Francisco continua a fazer-se voz de quem não tem voz. Pede repetidamente vacinas para todos: «Seria triste se na vacina para a Covid-19 se desse a prioridade aos mais ricos. É preciso sair da lógica do lucro». E dá o exemplo. Testes gratuitos, alimentos e máscaras para os mais indigentes. Em janeiro de 2021 são vacinados alguns pobres assistidos pela Esmolaria.

Com a mensagem “*Urbi et orbi*” de 25 de dezembro, faz novo apelo à fraternidade. No “*Te Deum*” de 31 de dezembro convida a procurar o sentido da pandemia na possibilidade de ajudar os necessitados. E a 1 de janeiro de 2021 afirma: «Será um bom ano se cuidarmos dos outros».

E chegámos aos nossos dias. A mensagem do papa para a Quaresma (12 de fevereiro) reitera que «viver uma quaresma de caridade quer dizer cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia», e que este tempo de preparação para a Páscoa «é feito para esperar», também num período como o nosso.

Vigília de Oração – 20-03-2021

Testemunho de um candidato a Dirigente

Armindo Vaz



Quem de entre vós vai fazer a Promessa amanhã?

....

Eu também!

Confesso-vos que nunca me passou pela cabeça ser Escuteiro.

Mas a minha esposa, a Chefe Celeste, sempre foi Escuteira.

Quando, há 24 anos atrás, foi formado o “Grupo de Escuteiros Lusófonos de Macau” (GELMac) ela aderiu de imediato ao projecto. E eu fui ajudando!

Os filhos nasceram e tornaram-se Escuteiros.

Aos poucos fui ganhando o gosto por esta coisa do Escutismo:

- Gosto da alegria e da boa disposição de espírito dos Escuteiros;

- Gosto da sua preocupação com a Natureza e com o meio ambiente;

- Gosto da honra e da lealdade do Escuteiro;

- Gosto do seu espírito de serviço e de cidadania...

...mas sobretudo, gosto da 4ª Lei do Escuta que diz:

“O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas.”

Há 79,000 Escuteiros em Portugal e cerca de 54 milhões em todo o mundo, praticamente em todos os países, a quem ireis poder chamar de “irmãos”.

Isto é simplesmente fantástico!

Não há muito tempo atrás, o Chefe Alex Wong, da Associação de Escuteiros de Hong Kong, publicou na sua página do Facebook uma história que ilustra bem esta fraternidade escutista universal:

Durante a 2ª Guerra Mundial num dos recontros entre Americanos e Japoneses numa das ilhas do Pacífico, um soldado Americano, ferido e semiconsciente, viu-se de repente caído e com a baioneta de um soldado Japonês apontada ao pescoço. Longe de entrar em pânico, aceitou que tivesse chegado a sua hora. Instintivamente, fez a saudação escutista, fechou os olhos, e caiu inconsciente.

A saudação escutista apanhou desprevenido o soldado Japonês, porque também ele era Escuteiro. Decidiu não matar o Americano. Em vez disso, escreveu um bilhete que meteu no bolso do Americano, dizendo que lhe tinha cuidado das feridas e que lhe desejava boa sorte.

Quando o Americano voltou a si, não viu ninguém à sua volta, mas deu conta do bilhete deixado pelo Japo-

nês. Mais tarde, foi resgatado pelas forças Americanas e devidamente tratado.

Apesar das tentativas feitas, depois de celebrada a paz, não lhe foi possível encontrar o soldado Japonês que lhe salvou a vida.

No entanto, o episódio ainda hoje é evocado através de um monumento existente no Kuni Park, em Yokohama, inaugurado em 05 de Maio de 1966, na presença de cerca de 2.500 Escuteiros Japoneses e Americanos.

Amanhã, depois de fazeres a vossa Promessa, ides tornar-vos irmãos de 54 milhões de outros Escuteiros em todo o mundo.

Vale a pena ser Escuteiro!

Se me perguntardes se é sempre tudo côr-de-rosa, digo-vos que não. Muitas vezes é preciso ser-se muito generoso; “*combater sem cuidar das feridas*”; “*trabalhar sem procurar descanso*”.

Mas o saldo final muito, muito positivo!

Tanto assim, que aqui estou eu, pronto para outros 24 anos de serviço, “*Sempre Alerta para Servir!*”.

Macau, 20-03-2021.



Turismo de natureza para o desconfinamento: Empresário local já tem reservas “até Setembro”

João Martinho

A partir de 5 de Abril, o plano de desconfinamento apresentado pelo Governo na primeira quinzena de Março intensificará o calendário de retoma de actividades.

A reactivação cautelosa dos vários sectores assinala-se por isso, na primeira semana deste mês com o regresso dos alunos do 2º e 3º Ciclos ao ensino presencial, ATL para as mesmas idades e os equipamentos sociais.

No que respeita à retoma da actividade turística e comercial, reabrem na mesma data os museus, monumentos, galerias de arte e as lojas com uma área até duzentos metros quadrados que tenham porta para a rua. Feiras e mercados não alimentares, poderão também voltar a realizar-se, dependendo neste caso de decisão municipal.

Os estabelecimentos com esplanada poderão voltar a funcionar, limitadas a quatro pessoas por mesa. É permitida a prática de modalidades desportivas de baixo risco e a actividade física ao ar livre, em grupos de até quatro pessoas. Os ginásios reabrem, sem aulas de grupo.

A partir de 19 de Abril, e a manter-se a tendência decrescente de infecções, o plano de desconfinamento prevê a reabertura do Ensino Secundário e Universidades.

Reabrem os cinemas, teatros, auditórios e salas de espectáculo e ainda as Lojas de Cidadão, com atendimento presencial por marcação, assim como todas as lojas e centros comerciais.

Na restauração, passa a ser autorizada a abertura de restaurantes, cafés e pastelarias, mas com a restrição na ocupação por mesa: quatro pessoas no interior ou



seis pessoas em esplanada, com horário até às 22 horas durante a semana e às 13 horas ao fim-de-semana.

A prática de actividade física ao ar livre alarga a permissão em grupo de até seis pessoas, assim como as modalidades desportivas de médio risco.

Volta a ser permitida a realização de eventos exteriores com diminuição de lotação e casamentos e batizados com a restrição de 25 por cento da lotação dos espaços.

No dia 3 de Maio serão cumpridas as medidas de desconfinamento mais visíveis do plano traçado até esta data. Restaurantes, cafés e pastelarias possam



funcionar sem limite de horário, embora ainda com limitação na ocupação de espaços. Modalidades desportivas, actividade desportiva ao ar livre e ginásios voltam a funcionar sem restrições.

A partir desta data voltam a ser permitidos os grandes eventos exteriores e eventos interiores com diminuição de lotação. Casamentos e batizados podem realizar-se com 50 por cento da lotação dos espaços.

Em Melgaço, a ânsia por este laivo de ‘nova’ normalidade já se faz sentir, com o sector do turismo a aguçar o engenho para as lotações de ocupação que se adivinham.

O levantamento das restrições trará “mais qualidade de vida, podermos utilizar mais o espaço público, convivemos mais, utilizarmos mais os serviços e sermos mais clientes dos negócios que estão estabelecidos”, sugere o autarca de Melgaço, Manoel Batista, deixando no entanto a ressalva para “a necessidade de muita segurança nas relações sociais, profissionais e familiares”.

Sobre o impacto da época de confinamento nas empresas locais, o edil considera que “**embora muito penalizadas, a maioria das empresas conseguiu sobreviver. Porque é de sobrevivência que estamos a falar**”.

“Estarão capazes de, nesta reabertura, voltar à sua actividade e voltar a ter resultados e facturação, importantíssimo para as empresas, famílias e tecido empresarial do município”, reconhece o edil.

Manoel Batista recorda o “bom exemplo” do desconfinamento na Primavera/Verão de 2020 e sai de novo em defesa da comunidade, assegurando que neste novo regresso, “Melgaço e os seus empresários voltarão a dar o exemplo”.

“Tenho a certeza de que, **uma vez abertos em Abril e tendo condições para manter a abertura gradual em grande força**. A restauração, o alojamento e as empresas ligadas aos desportos de natureza terão uma procura muito grande”, assegurou o presidente da Câmara, de confiança reforçada após ter ouvido o testemunho francamente positivo de um empresário do sector.

“Falei com um empresário que me disse ter a casa de turismo rural de que é proprietário, com os fins-de-semana esgotados até Setembro. É sinal de que há uma procura grande que já está traduzida em reservas para o nosso alojamento”, sublinhou.



Hotel Castrum Villae: hospitalidade, natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030 reservas@hotelcastrumvillae.pt

Castro Laboreiro - Melgaço hotelcastrumvillae.pt

CASTRUM
VILLAE
HOTEL

Alberto Brito eleito Presidente da Assembleia da Misericórdia Melgacense



Decorreu no vinte e sete de março último, uma reunião da assembleia geral extraordinária da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, onde estiveram presentes noventa e seis elementos daquela irmandade (uma das maiores participações de que há registos).

O primeiro ponto da ordem de trabalhos visava a proposta de destituição do Presidente e da Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral. Depois de amplamente apresentado e debatido o assunto, foi o mesmo a votação, por voto secreto em urna, de acordo com o previsto nos estatutos. Os resultados foram claros, com 90% dos votos a favor da destituição dos referidos membros.

Passou-se de seguida ao segundo e último ponto, em que foram eleitos Alberto António Alves de Brito e Cristina

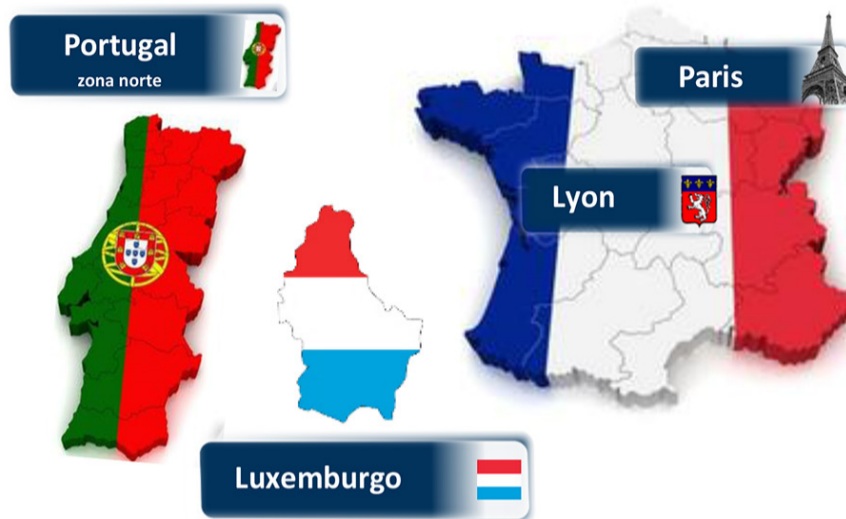
Clementina da Silva como novos Presidente e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, respetivamente, mantendo-se Stephanie Mendes de Sousa como Secretária daquele órgão.

Os irmãos presentes que tivemos oportunidade de ouvir, foram unânimes em afirmar que a grande participação da reunião e a contundência dos resultados obtidos, deixam claro que todos querem e acreditam que esta reunião representa um virar de página e que a paz reinará nesta secular e nobre Instituição, pilar da solidariedade social no nosso concelho.

Aos nossos conterrâneos eleitos para tão nobres funções, desejamos os melhores sucessos pessoais, que representarão também o sucesso da Santa Casa e de toda a comunidade melgacenses.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT nº 1849
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

Imobiliária
Gestão de Arrendamentos

Na UKUBO encontra um serviço especializado na área de gestão de arrendamento.

Saiba que vantagens encontra ao colocar o seu imóvel nas mãos de uma empresa especializada;

- **Rentabilização máxima do imóvel** - a previsão da saída de um inquilino pressupõe a preparação imediata de um novo arrendamento;
- **Apoio Jurídico/legal** - dispomos deste apoio para todas as questões jurídicas e legais que possam surgir, caso necessite;
- **Divulgação do imóvel** - através da estratégia de comunicação que adotamos é possível alcançar um maior número de interessados;
- **Seleção do inquilino** - fazemos uma análise do perfil do arrendatário que se adequa com as pretensões do senhorio, particularmente a nível da duração de contrato;
- **Gestão de rendas** - atualização, cobrança de rendas e emissão de recibos.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Braga
Av. Robert Smith, nº19
4715-398 Braga

Monção
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

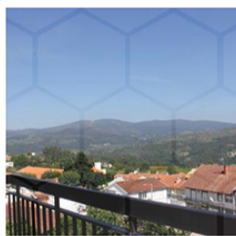
info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 localizado no centro da Vila de Melgaço. Encontra-se mobilado e com cozinha equipada. Possui uma garagem individual fechada com 25m2.

130.000€
01086 D



Apartamento T2
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, mobilado, com bons acessos e bem localizado. Possui caixilharia com rotura térmica, vidro duplo e garagem fechada.

110.000€
00572 F



Moradia V4
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Excelente moradia V4, em local calmo, a 5 minutos da Vila. Possui cozinha mobilada e equipada, aquecimento central, garagem, anexo, jardim e pomar.

Sob Consulta
00603 D



Terreno de cultivo
Pademe, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno de cultivo e monte com cerca de 2.300 m2 no Lugar da Longarinha. Bons acessos.

10.000€
00733



Moradia V3 e terreno
Penso, Melgaço, Viana do Castelo

Casa de moradia V3, em pedra, totalmente recuperada. É composta por dois andares, com divisões amplas dispostas ao longo de 167m2. Área descoberta: 500m2. Possibilidade de venda, em conjunto, de dois terrenos para cultivo com cerca de 2.000m2.

Sob Consulta
00789 C



Ruína e terreno
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Ruína e terreno em Chaviães. Possui poço de águas, bons acessos e boa exposição solar. Declaração de Ruína: SCE177941938

40.000€
00805



Terreno de Cultivo
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno de cultivo em Ramo, Cristóval, com cerca de 10.000m2.

60.000€
00881



Moradia para restauro
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia em pedra, para restauro, com rossios. Excelente localização e ótimas vistas. Declaração de ruína nº: SCE192378434

70.000€
01008



Raphael Castro e a arquitectura da luz e “energia natural” do século XXI

Arquitecto melgacense concebeu os modelos 3D do Hotel do Peso

João Martinho

Quando, em finais de 2020, a comunidade melgacense vibrou com as primeiras imagens 3D do projecto do que será o renovado Grande Hotel do Peso e do envolvimento de um filho da terra integrado na equipa de investimento, poucos terão reparado no jovem arquitecto que nos fez aguçar a curiosidade e renovar a esperança daquele emblemático edifício.

Raphael Castro, de quem já falamos neste jornal há algum tempo, sobre o projecto académico de proposta de renovação de uma casa senhorial no centro da vila de Melgaço, é um dos elementos da equipa de arquitectos que criou as linhas mestras da nova vida do hotel.

O jovem melgacense trabalha actualmente na Câmara Municipal de Gondomar e colabora esporadicamente, a convite de vários gabinetes de arquitectura, nos modelos tridimensionais que ajudam a antever o rasgo arquitectónico dos edificadros, mesmo quando ainda não saíram do papel. Não foi por isso inesperada a sua participação num dos grandes projectos da sua terra.

“Quero acreditar que cheguei a este projecto por mérito próprio. Os trabalhos que constam no meu portefólio, nomeadamente na área da reabilitação, eventualmente contribuíram para o convite a participar no projecto”, começa por dizer Raphael Castro, explicando um pouco mais sobre os bastidores do seu percurso.

“O interesse e gosto pela modelação tridimensional surgiu logo no período escolar e manteve-se em constante evolução. Grande parte do trabalho desenvolvido nessa área foi sendo divulgado através das redes sociais [Architectural Visualization 3D]. Esta colaboração estendeu-se a vários arquitectos, nomeadamente ao arquitecto Luís Alves, que também integra a equipa da reabilitação do grande Hotel do Peso”, esclarece.

Contudo, qual é a importância da tridimensionalidade dos projectos de arquitectura? Raphael Castro mostra-nos que é mais do que um exercício de embelezamento das linhas do antigo mas essencial projecto 2D, o que no caso do Hotel do Peso ajuda a prever a harmonia do edificadros com a paisagem.



“As imagens já divulgadas acabam por ser uma aproximação real daquilo que foi proposto, onde foi possível testar a viabilidade do projecto, assim como o enquadramento com o envolvente e todos os materiais propostos. Assim, é possível ter uma expectativa mais segura daquilo que se prevê ser edificadros. Acredito que a harmonia entre o edificadros e o espaço em que se insere ficará melhor e superará as expectativas”.

“Orgulhoso” de poder participar no desenvolvimento “desta icónica pré-existência arquitectónica”, o arquitecto melgacense não deixou adormecida a sua vontade criativa e “poderia” ter tomado outras liberdades, mas reconhece a coexistência entre a história e a modernidade no projecto final do Hotel do Peso.

“Existem várias ideias ou opiniões do que poderia ter sido proposto para este espaço, contudo, como conhecedor do local e de toda a sua história, acredito que a união entre o passado e o futuro deverão coexistir para preservar a memória dos espaços e das gentes. Por isso, seguiria igualmente a linha arquitectónica presente no projecto”, assume.

Num momento em que a arquitectura dos edifícios, desde residências a instalações de uso comum procuram ser mais do que um abrigo de pessoas ou serviços, Raphael Castro já foi desafiado a conceber urbanismos mais ‘fora da caixa’, até porque, somadas as tendências, “a arquitectura é uma forma de reprodução dos costu-

mes e comportamentos sociais de uma época”.

“O projecto em que estive envolvido e que mais extrapolou os padrões comuns de arquitectura foi a candidatura ao Centro Cultural e Interpretativo de Marvila. Não que o traçado deste seja muito fora dos parâmetros comuns, mas sim pela oportunidade de nele conjugar esse factor com o aproveitamento da energia natural, por forma a potenciar a sustentabilidade do edifício e aproveitar ao máximo as energias renováveis”.

Raphael Castro alinha a sua preferência de trabalho por aquela que deverá ser a nova tendência no que respeita à habitação, um pouco por todo o país. Isto é: Haverá melhor do que reaproveitar as casas da nossa história e torna-las num novo lar, à luz das necessidades de conforto do século XXI?

“O contexto em que me sinto mais confortável a projectar é no contexto da reabilitação e conservação de edifícios. Talvez por isso tenha seguido esta linha aquando da minha dissertação de mestrado. Existem alguns projectos a nível local em que estou envolvido, quer na concepção, quer na representação tridimensional dos mesmos, nomeadamente em habitações unifamiliares, coletivas e turismo habitação, que brevemente serão construídos em Melgaço”, anuncia o jovem arquitecto, notando que, “além dos projectos a nível local”, tem concebido representações tridimensionais para diversos pontos do país”.







ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adeга-sabino.com

Onde está o Túnel?

António Jorge Tavares

O título do meu anterior artigo “A Luz ao fundo do túnel”, acabou por me sugerir o título para o artigo deste mês, atendendo às incertezas que estamos a atravessar.

Onde está essencialmente a nossa liberdade? Muitos contestam o processo que nos foi imposto sobre o confinamento que estamos a sofrer. Quando é que o mesmo terminará e em que circunstâncias, de modo a ser permitido voltar a dar um abraço, um simples aperto de mão, gestos que fazem parte do nosso dia-a-dia. Quando?

Vivemos uma grande incerteza, ainda sobre as origens do Covid 19, ainda por cima agravado pelas diferentes novas espécies que apareceram.

Uma questão que retenho para já de toda esta situação que vivemos há mais de um ano, é a falta de sensibilidade da nossa sociedade, para não ir mais longe, e falar no desprezo que, votamos aos idosos que morreram nos lares deste país. É uma vergonha o número de mortes que esta pandemia atingiu, vindo pôr a nu as fragilidades que os atingiu, e ainda atinge.

Vêm agora as reportagens dos inúmeros canais de televisão a dar imagens da prioridade que têm tido no processo de vacinação, querendo desse modo minorar a consciência daqueles que sabiam das condições precárias em que estavam os idosos. E, importa referir que muitos dos idosos que se encontravam nos lares, muitos deles sofriam da falta de afecto dos familiares que não os visitavam, muito antes do aparecimento do Covid. Claro que, não quero de modo nenhum meter todos no mesmo saco, havendo claro está excepções. E, depois foi aquilo que todos sabemos: a proibição de visitas aos lares pelos familiares, deixando os idosos ainda mais isolados.

Também os avanços e recuos verificados para a vacinação dos idosos, acabaram por pôr a nu, a falta de

critério utilizado com os mesmos, numa clara demonstração da falta de organização.

No momento, com o desnorte evidenciado pelo governo em todo este processo, resta-nos aguardar que para o próximo ano, se tudo correr bem, possamos ter uma vida mais ou menos normal. As perspectivas anunciadas pelas entidades de saúde não são animadoras, e só nos resta pensar numas férias de máscaras na praia, com os GNR(s) a vigiarem as inúmeras rotundas existentes nas estradas, a mandarem parar os automobilistas, e a perguntarem para onde vai toda a família que se encontra na viatura. É a falta de liberdade que estamos a sentir, aliado à devassa dos nossos dados pessoais, já que muitos agentes da GNR, ao solicitarem a identificação do condutor, acabam por fotografar com o telemóvel o dito cartão, como já vi em reportagens de alguns canais de televisão.

Mas que importa isso, desde que sabemos que pelo nosso smartphone, eles acabam por saber todos os nossos movimentos. E, depois muito candidamente, dizem-nos que o fazem para nossa segurança.

Também, todos aqueles que utilizam as redes sociais, como o Facebook, Instagram, LinkedIn, Netflix, para mostrar e enviar para os amigos onde estão, o restaurante onde se encontram, as fotografias dos meninos, não se podem queixar de que a sua privacidade seja vista por outros e depois, como tantas vezes acontece seja manipulada, e mostrada a quem não deve. Sinais dos tempos modernos.

É uma realidade que por muito que não queiramos, já existe, e vamos ter que viver com ela. Não se podem queixar agora, depois de entrarmos nesta vertigem das novas comunicações, as quais de comunicação saudável, honesta e franca já não têm significado.

A própria dita comunicação social escrita, já se socorre destes meios, para manipular, desvirtuar e falsear notícias, utilizando esses meios.

É uma nova era que chegou, onde os mais novos, têm novos desafios para conseguirem trabalho, e outros perderão os seus empregos, criando grandes desigualdades numa sociedade onde a falta de solidariedade e fraternidade se irá acentuar. Depois também quando poderá existir o medo, vem a ganância e o egoísmo. Até onde iremos, se não conseguirmos vencer esta maldita pandemia?

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga Ortografia)

UM ABRAÇO PARA OS MEUS AMIGOS CARLOS LEMOS E MOLLY

Não podia deixar de enviar os meus parabéns, a este maravilhoso casal que conheci através do mau amigo Carlos Vaz, pelos 60 Anos de Feliz Matrimónio.

Falar deste ilustre melgacense, outras pessoas já o fizeram melhor que eu neste jornal, pelo fantástico percurso que fez ao longo da sua vida, vivendo nessa longínqua Austrália com a Família.

O que quero aqui realçar, são os 60 anos de um Feliz Matrimónio, ao lado da magnífica companheira Molly.

Cada vez mais nos dias de hoje, é difícil encontrar casais felizes, como este belo exemplo de felicidade e longevidade nos dá este maravilhoso casal.

Vivemos tempos conturbados, onde o sentido de Família, está cada vez mais aviltado, como uma certa imprensa sensacionalista gosta de mostrar ao mundo, com o casa/descasa, no dia-a-dia. Outros tempos...

Um grande Abraço de Parabéns do,

António Jorge Tavares

Inimigo invisível

Isolina Fernandes

Estamos a viver numa guerra
Não conhecemos o inimigo.
Ninguém o viu chegar à terra
Continua bem escondido.

O mundo anda à procura
de uma arma pró matar.
Deus permita que a descubram
P'rá nossa alegria voltar.

Ele anda por aí destemido
Por esse mundo além.
Anda muito bem escondido
Não diz nada a ninguém.

Os da saúde bem se matam
Pró poder combater
Mas ele veio p'ra ficar
E não há que lhe fazer.

Não vemos armas a matar
Só vemos gente a morrer
Muitas pessoas a lutar
Pra tentar sobreviver.

Tristes notícias nós temos
Todos os dias nas televisões.
Neste mundo em que vivemos
Estão a morrer aos milhões.

Ele é muito porfioso
Para em nós poder entrar.
Vamos usar um cruzeiro
P'ra ver se o podemos zangar.

Peçamos a Deus e aos santos
Que o consigamos derrubar
E afastar de vez das nossas vidas
P'ra melhor podermos respirar.

Ataca por todo o mundo
Mata sem dó nem piedade.
Leva as economias ao fundo
E faz sofrer muito a humanidade.

Os profissionais da saúde
São os heróis desta guerra.
Que Nosso Senhor os ajude
P'ra poderem acabar com ela.

Está o mundo inteiro a viver
Numa grande aflição
Porque está sempre à espera
De quando chega o ladrão.

Não repitamos os erros do Natal
Fingindo que tudo está bem.
Não vá acontecer que a Páscoa
Nos cobre com juros também.

Já duas vezes confinados
Em casa todos metidos.
Mesmo com todos os cuidados
Continuamos a ser perseguidos.

Rezemos muita oração
à Santíssima Virgem Maria
Ela nos livre desta aflição
Acabando com a epidemia.

P'ra este terrível ladrão
Não há portas a fechar
Porque nem bate à porta
Nem pede licença p'ra entrar.

Os cuidados são para manter
Mesmo com a vacinação
Até um medicamento aparecer
Que o mate sem hesitação.

Máscaras temos de usar.
O nosso rosto anda tapado.
Só os olhos podemos mostrar
O sorriso fica meio abafado.

Doutores e enfermeiros
Todos eles a trabalhar
P'ra ver se encontram, certos
Uma arma pró poder matar.

O governo bem recomenda
Que as máscaras devemos usar
Manter a distância física
E as mãos mais vezes lavar.

Aproveitemos estas contrariedades
Para robustecermos a mútua amizade
E, juntos, venceremos as dificuldades
É assim que se constrói a Felicidade!.

Em grande tristeza vivemos
Sem saber o que fazer:
Se esta luta venceremos
Ou que fim vamos nós ter.

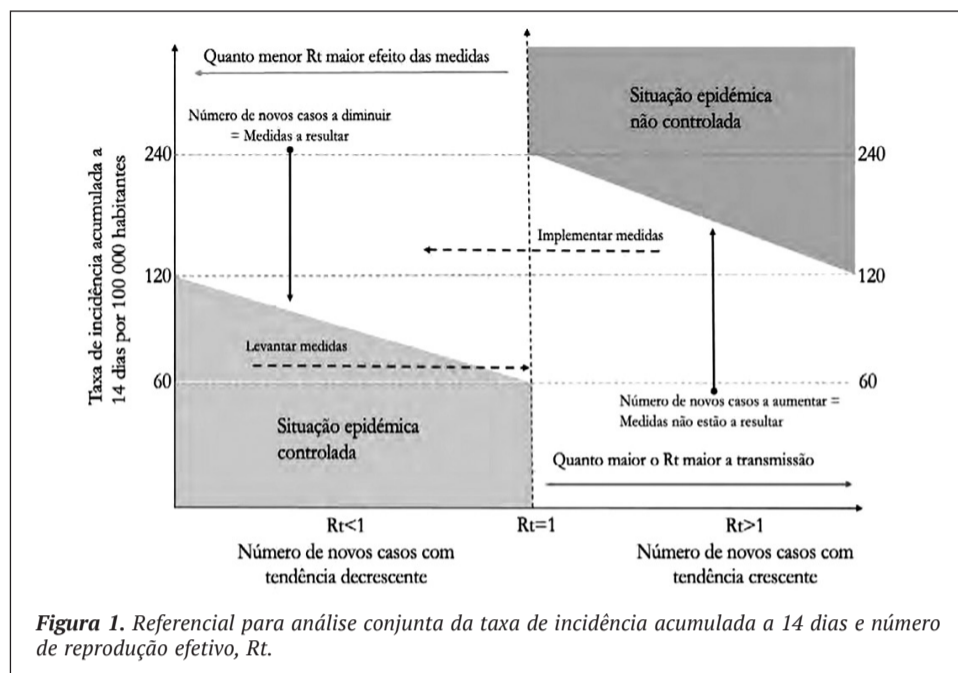
A arma está má
De se poder encontrar
Porque ele não tem pernas
Mas tem asas p'ra voar.

Ele não veio do céu.
Alguém o deixou escapar
P'ra nos meter no inferno
E a nossa vida transtornar.

Isolina Fernandes, 78 anos
Padrosoiro – Castro Laboreiro

Desconfinamento: riscos e dúvidas

Costa Guimarães



O Governo adotou uma nova classificação para o risco da pandemia, no âmbito do plano de desconfinamento apresentado há quinze dias. Este plano tem riscos, lança dúvidas. Portugal liberta-se das amarras de um violento recolhimento a casa, mas por toda a Europa soam alarmes inquietantes que fazem os portugueses desconfiar de um novo confinamento violento.

Oxalá, o Primeiro ministro e o Presidente da República tenham razão.

É legítima a suspeita sobre o que possa vir: negligência e desleixo. Não se trata de moralismo, mas de definir uma linha no tempo, medir o que o país conquistou e garantir a gestão dessas conquistas.

O Presidente queria mais cautela antes da Páscoa e os peritos não aconselharam a abertura do 1.º ciclo nesta primeira fase. Em relação às escolas, Costa assume a responsabilidade de ir mais longe e, não só avança com a abertura do 1.º ciclo já na segunda-feira, como “acelera” a abertura dos 2.º e 3.º ciclos a partir de 5 de abril, e ensino secundário e superior a partir de 19 de abril.

Caso seja necessário dar um passo atrás e voltar aos dias de chumbo do confinamento, haverá quem queira ouvir António Costa ou o Presidente da República, apesar dos seus exemplos passados serem merecedores de confiança?

E se correr mal, os portugueses continuarão a acreditar em António Costa e Marcelo Rebelo de Sousa, os autores desta solução?

A responsabilidade primeira é deles ou de quem recusa usar máscara, desobedece no distanciamento físico ou não cumpre normas de higiene?

Até agora os quatro níveis de risco eram determinados apenas pela incidência de novos casos: Extremo (960 ou mais novos casos por 100 mil habitantes em 14 dias); Muito Elevado (480 a 960); Elevado (240 a 480) e Moderado (inferior a 240).

A nova classificação, contudo, leva em conta a incidência mas acrescenta o índice de transmissibilidade, o $R(t)$, da Covid 19.

Agora, aquele que era o limite mínimo [240] passa a ser o limite máximo e as medidas têm de ser revistas sempre que ultrapassarmos o número de 120 novos casos por 100 mil habitantes a 14 dias ou sempre que o nível de transmissibilidade ultrapasse o 1.

Foi definida uma classificação com dois eixos: no vertical, o número de casos por 100 mil habitantes em 14 dias tem como linha divisória o valor de 120; no horizontal, o $R(t)$ tem como limite de separação o valor de 1.

Para o nível de risco mais baixo é necessário que haja menos de 120 casos por 100 mil habitantes e um R inferior a 1.

No segundo nível, os casos têm de ser inferiores a 120 mas o R pode superar o 1.

Com mais de 120 novos contágios mas um R inferior a 1 estaremos no terceiro nível e, por fim, com mais de 120 casos e um R acima de 1 ficamos no patamar de risco mais elevado.

Na prática, no nível mais baixo é possível continuar a progredir nas medidas de desconfinamento previstas no calendário.

Nos dois níveis seguintes impõe-se uma manutenção das medidas em vigor, sem que se possa progredir.

Por último na situação de mais de 120 casos e um R superior a 1, não só não podemos progredir, como temos de regredir nas medidas adotadas.

A zona verde significa que estamos numa situação de conforto em relação ao calendário definido. Se passarmos para as zonas amarelas significa que estamos numa situação em que temos de travar essa evolução. E se chegarmos à zona vermelha, temos mesmo de voltar para trás face aos avanços obtidos.

Os peritos sugeriram que o alerta vermelho começasse com 240 casos por 100 mil habitantes a 14 dias e um R_t de 1,2, mas o Governo foi mais prudente optou por valores mais baixos, que podem obrigar a recuos mais cedo. É uma decisão exclusivamente política

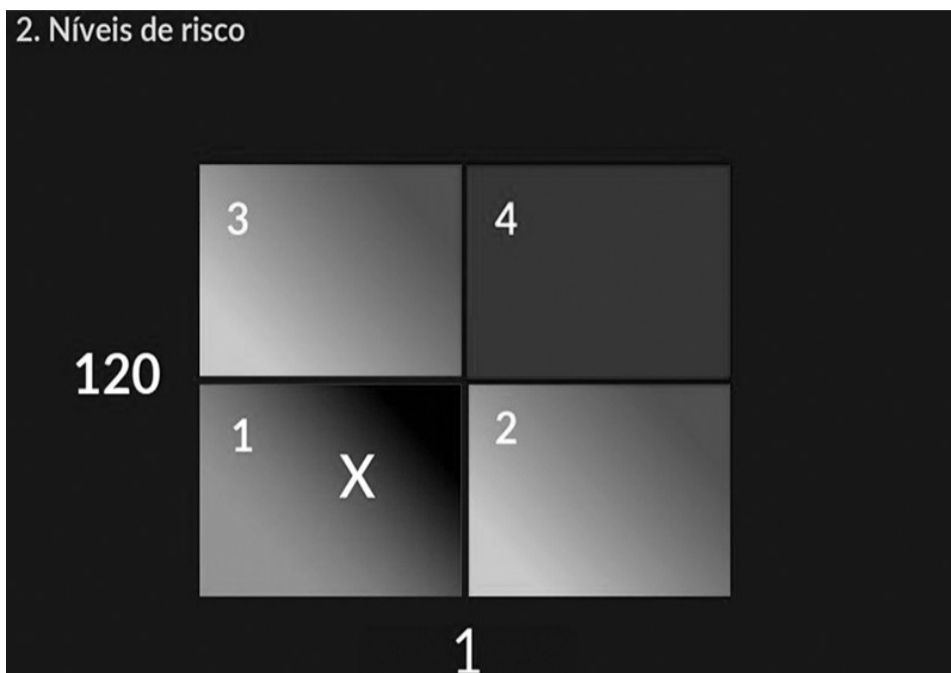
Muitos especialistas ficaram surpreendidos quando viram António Costa apresentar o gráfico quadriculado com níveis de risco muito mais difíceis de gerir, e que podem obrigar a recuos constantes.

Assim, apesar de Costa ter apresentado um plano que prevê a abertura de escolas, cabeleireiros, liceus, universidades, teatros, esplanadas, e restaurantes, a concretização real desse plano pode ser muito mais difícil e obrigar a adiar muito do planeado. O ensino será sempre uma medida nacional. O resto pode ir abrindo e recuando, casos os valores da incidência e do R_t o justifiquem conforme as regiões ou concelhos.

António Costa defendeu, num jantar com Marcelo Rebelo de Sousa, um desconfinamento mais tardio e mais cauteloso. Marcelo aceita e acaba por elogiar, em Roma, a “preocupação de conciliar desconfinamento com prudência e precaução”.

Se até agora os exemplos de António Costa e Marcelo Rebelo de Sousa eram merecedores de toda a confiança, caso seja necessário dar um passo atrás e voltar aos dias de chumbo do confinamento, haverá quem os queira ouvir?

Aceita-se que, depois de dois meses de ansiedade, medo e confinamento os portugueses tenham o direito a gozar os prazeres do sol e do mar. Aceita-se que queiram regressar à vida normal e que o façam com especial zelo e satisfação.



Há nesta súbita mudança em menos de duas semanas uma dúvida: ou vivemos exageradamente confinados até há duas semanas, com cuidados e receios que não se justificavam; ou estamos a expor-nos aos riscos que continuam.

Entre o primeiro e o segundo momento, há uma óbvia falta de coerência e de senso que nos dá o direito de questionar o alcance político dos incentivos e dos exemplos do primeiro-ministro e do chefe de Estado, que, depois do apelo ao confinamento drástico, entram na defesa do desconfinamento, mesmo a conta gotas.

Se o Presidente e o primeiro-ministro vão à praia, por que não havemos de ir também?

O DESCONFINAMENTO EM ABRIL

A partir de 5 de abril

- são retomadas as aulas presenciais do 2.º e 3.º ciclos (e ATL's para as mesmas idades), equipamentos sociais na área da deficiência;
- museus, monumentos, palácios, galerias de arte e similares; lojas até 200 m², com porta para a rua;
- feiras e mercados não alimentares (por decisão municipal); esplanadas (máx. 4 pessoas);
- modalidades desportivas de baixo risco; atividade física ao ar livre até 4 pessoas e ginásios sem aulas de grupo.

A 19 de abril

- regressam os ensinamentos Secundário e Superior, cinemas, teatros, auditórios, salas de espetáculos;
- lojas de cidadão com atendimento presencial por marcação; todas as lojas e centros comerciais;
- restaurantes, cafés e pastelarias (máximo 4 pessoas ou 6 em esplanadas) até às 22h ou 13h, ao fim de semana e feriados;
- modalidades desportivas de médio risco;
- atividade física ao ar livre até 6 pessoas e ginásios sem aulas de grupo;
- eventos exteriores com diminuição de lotação;
- casamentos e batizados com 25% de lotação.

A partir de 3 de maio

- reabrem os restaurantes, cafés e pastelarias (máximo 6 pessoas ou 10 em esplanadas) sem limite de horário;
- todas as modalidades desportivas;
- atividade física ao ar livre e ginásios;
- grandes eventos exteriores e eventos interiores com diminuição de lotação;
- casamentos e batizados com 50% de lotação.

Presidência portuguesa quer disparar a ‘Bazuca’

Costa Guimarães

A presidente da Comissão Europeia espera que tudo esteja pronto até ao final da presidência portuguesa para começar a libertar os primeiros pagamentos do fundo de recuperação europeu, no valor de 750 mil milhões de euros. A expectativa de António Costa é que os países ratifiquem a legislação dos recursos próprios até ao final do primeiro trimestre, o que irá permitir a emissão de dívida por parte da Comissão Europeia em nome da União Europeia.

O prazo sofreu agora um sério revés: um grupo de cidadãos alemães convocou o Supremo Tribunal da Alemanha para travar este financiamento. É uma triste surpresa, atendendo a que a Alemanha é um dos países mais entusiastas desta “Bazuca” financeira e pode atrasar todo o processo (cf. <https://pt.euronews.com/2021/03/29/bazuca-contra-a-crise-europeia-travada-na-alemanha>). Sem a ratificação dos 27 países não há nada para ninguém.

Mesmo assim, espera-se que o dinheiro da bazuca europeia (Fundo de Recuperação) para ajudar a recuperação da economia deve começar a chegar em maio ou junho, avançou a secretária de Estado dos Assuntos Europeus e coordenadora operacional da presidência portuguesa da União Europeia.

É preciso que a decisão seja ratificada por todos os Parlamentos nacionais – e isso tem as suas dificuldades – e que a Comissão Europeia dê o seu aval aos programas nacionais de recuperação e resiliência que cada Estado-membro vai apresentar.

“O nosso objetivo é que o dinheiro da Próxima Geração UE [fundo de recuperação europeu] comece a chegar às nossas pessoas e às nossas empresas antes do final da presidência portuguesa”, reitera Ursula Von der Leyen, tendo a seu lado o primeiro-ministro português a partir da sede da presidência portuguesa do Conselho da União Europeia no Central Cultural de Belém.

António Costa escreveu uma carta aos chefes de

Estado dos 27 países da União Europeia a apelar a que façam a ratificação da legislação dos recursos próprios até ao final do primeiro trimestre.

Para fazer face à crise, a União Europeia dotou-se de um pacote de recuperação de 1,8 biliões de euros, cabendo a Portugal mais de 45 mil milhões de euros.

Este pacote conjuga o orçamento plurianual para 2021-2027 – 1,07 biliões de euros – e o Fundo de Recuperação – 750 mil milhões de euros. A adoção desta “bazuca” financeira ganha ainda mais significado dado o Fundo de Recuperação ser financiado com dívida comum contraída pela Comissão Europeia nos mercados em nome dos 27, e mais de metade da verba (390 mil milhões) ser destinada a Estados-membros a fundo perdido.

Mas nem tudo é incerto, porque o pior pesadelo para a presidência portuguesa não se concretizou: a presidência alemã conseguiu fechar os dossiers do Brexit e do fundo de recuperação europeu.

“Tempo de agir: por uma recuperação justa, verde e digital” é o lema da presidência portuguesa do Conselho da União Europeia – órgão que representa os Estados-membros, coordenando e negociando as políticas da UE – que arrancou numa fase da pandemia em que já existe “a luz ao fundo do túnel” com a vacinação a ocorrer em toda a União Europeia.

Na frente da pandemia, a administração da vacina prolonga-se para lá de junho, mas os grupos mais vulneráveis à Covid-19 são vacinados no primeiro semestre, daí que este seja um período essencial.

A MARCA PORTUGUESA

António Costa elege os direitos sociais como a “marca” portuguesa da presidência ao dar prioridade à implementação do Pilar Europeu dos Direitos Sociais. O



momento mais visível desse esforço é a Cimeira Social que está marcada para os dias 7 e 8 de maio no Porto. Os temas em cima da mesa são o quadro europeu do salário mínimo, avanços no domínio da União Europeia para a Saúde e questões sobre a infância, os jovens e o envelhecimento.

A amarração em Sines de um grande cabo submarino (EllaLink) ligando o continente europeu ao americano através de Fortaleza, no Brasil, é outro marco assinalável além da ligação da União Europeia à Índia. Os líderes europeus participam no Porto num encontro com Narendra Modi, primeiro-ministro indiano: será a “jóia da coroa” da presidência portuguesa, em prol da cooperação entre a UE e a Índia no desenvolvimento de inteligência artificial ou da ciência de dados.

Portugal quer um encontro dos líderes europeus com a União Africana e acordos comerciais com a Austrália e a Nova Zelândia e abrir o primeiro acordo comercial da UE com Marrocos.

UE e os EUA com a nova presidência Biden voltam a ser “aliados e não adversários”, nas palavras de Augusto Santos Silva, ministro dos Negócios Estrangeiros, num encontro entre Joe Biden e os líderes europeus durante o primeiro semestre do próximo ano.

Angela Merkel pede desculpa aos bispos e ao povo alemães

Costa Guimarães

A Alemanha não vai ter, afinal, um confinamento rigoroso durante o período da Páscoa, anunciado por Angela Merkel, após uma reunião com os representantes dos estados federados. Merkel assumiu o erro, após uma enxurrada de críticas: “Foi meu e apenas meu”, assegura, pedindo desculpa à população por ele.

As medidas, justificadas pela grande presença no país da variante inglesa mais infecciosa, foram anunciadas na terça-feira, e recebidas com muitas críticas. Algumas igrejas, em particular, recusaram a sugestão do Governo de realizar de novo os serviços religiosos de modo virtual durante a Páscoa.

Especialistas reagiram porque o confinamento “curto-circuito” de cinco dias não era suficiente para ter um efeito significativo na subida de casos da terceira vaga que a Alemanha enfrenta actualmente.

No dia seguinte, a chanceler alemã cancelou os planos para uma paralisação de cinco dias durante a Páscoa para combater o aumento de contágios pelo SARS-CoV-2 e pediu desculpas aos alemães pela ideia, que considerou um erro.

“A ideia de uma paralisação na Páscoa foi elaborada com as melhores intenções, porque precisamos urgentemente de conseguir desacelerar e reverter a terceira onda da pandemia”, disse Merkel. “No entanto, a ideia (...) foi um erro somente meu (...). lamento profundamente e peço desculpas a todos os cidadãos”, disse Angela Merkel.

O plano era fazer uma paralisação de cinco dias da

vida pública no feriado da Páscoa – com o comércio encerrado e com os supermercados a abrirem apenas no sábado anterior ao dia da Páscoa –, além das restrições de bloqueio existentes, que foram estendidas até 18 de abril.

A Alemanha registou mais de 75.000 mortes desde o início da pandemia há um ano.

Meses de paralisação devido à pandemia já se passaram, milhares de existências estão ameaçadas pelo recolhimento total, as pessoas estão exaustas, uma mistura de resignação e desespero paira como névoa sobre a Alemanha.

Apesar de todos os esforços, o número de infecções aumenta. Esta quinta-feira (dia 25) foram contabilizados 22.657 novos casos de Covid-19 no país em 24 horas, mais do que os cinco mil registrados uma semana antes.

Mas a chanceler não parece desanimada. “Há uma luz no fim do túnel”: a velocidade da vacinação aumenta cada vez mais, testes caseiros e testes rápidos contra a Covid-19 estão agora disponíveis em quantidade suficiente e têm apenas que ser melhor distribuídos pelos estados. “Vamos vencer este vírus”, disse Merkel.

Assumir um erro pessoal e pedir perdão à população é algo que nunca acontecera em 15 anos da gestão de Angela Merkel. Este é um exemplo de nervos à flor da pele na sede do governo alemão. Merkel tem consciência de que sua autoridade foi afectada, apesar de todos os elogios ao seu nobre pedido de desculpas.



Já há um copo “exclusivo” para os alvarinhos de Melgaço e Monção

Há quase uma década, Madalena Lima estudou a melhor forma de saborear Alvarinho

João Martinho



A arte da criadora Madalena Lima já nos passou pela vista inúmeras vezes. O jornal “A Voz de Melgaço” já revisitou algumas das mais emblemáticas criações da artista melgacense nas últimas edições, mas volta ao atelier da artista para falar de uma peça diferente.

Depois dos “Milagres da Terra” (ou a escultura das mãos); das esculturas “Troféu” e “Via Glória” e da instalação das “Capas Crastejas”, desta vez a arte de Madalena Lima sai da rua para se instalar à mesa de cada casa, se o interesse das entidades locais ou dos entusiastas dos sabores de Melgaço e Monção assim o quiserem.

À primeira vista parece um peculiar copo de vidro, mas tudo está pensado ao pormenor. Além da exclusividade da criação, que a artista pretende ceder para um dos ex-líbrs da sub-região, há pesquisa por detrás deste produto final que não pretende ser apenas um objecto de *design* arrojado.

“A particularidade única do copo é ser pensado e desenhado para servir o vinho e o espumante Alvarinho. A sua forma, volume e altura possui características que contribuem consideravelmente para o exercício de prova ou para os prazeres gustativos”, conta-nos a criadora, que se inspira no vinho até para a forma que dá ao vidro.

“Procurei formas na grainha da uva e nas curvas do corpo feminino. Fiz os esboços, a minha irmã Isabel viu nos desenhos uma lágrima invertida, que é, segundo ela, sinónimo de alegria”.

Desde 2014 que existe um primeiro e exclusivíssimo exemplar no espólio criativo de Madalena Lima, feito na Marinha Grande. Há quase sete anos que os eventos da sub-região estão a abdicar de um produto exclusivo para a “classe superior” dos seus vinhos, tendo até ao momento apostado em copos comuns que pouco transmitem o que as *nunances* do vinho tem para “dizer”.

“Quando se cria um copo para o vinho e o espumante Alvarinho, devemos tomar em conta o que esse vinho e esse espumante têm para “dizer” aos nossos sentidos. O copo é o meio para apresentar, descobrir, conhecer e saborear um vinho. **Os copos utilizados na Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço e na Feira do Alvarinho em Monção** são copos de vinho branco e flûtes de champagne. **Para mim, que gosto de provar os vinhos e os espumantes, é muito chato ter dois copos, são grandes demais.** Isso também me inspirou”, confessa.

“Desenvolver a ideia foi o que levou mais tempo e esforço. Começou quando era Cavaleira da Távola na Real Confraria do Vinho Alvarinho. Nessa altura trabalhava no Solar do Alvarinho como responsável das provas. Fazer um copo para a casta Alvarinho é um desafio grande. Tive muito apoio da família, amigos e grandes profissionais, mas o meu percurso profissional permitiu também adquirir conhecimento técnico, prático e estético”, ressaltou.

E antes de traçarmos uma retrospectiva do percurso da artista que lhe foi aguçando o engenho artístico e de sentido de prova dos vinhos nobres de Melgaço e Monção, quisemos saber porque é que ainda não há mais exemplares desta proposta que promete aguçar os sentidos de prova.

“Já me fizeram uma oferta de financiamento, encomendas, propostas de negócio e de representação. **O copo ainda não foi apresentado ao mundo, está feito e foi feito para servir o vinho e o espumante Alvarinho, na prova ou na degustação, mas também para unificar o sentimento de pertença.** O Alvarinho é nosso, somos a sua origem e o seu destino. Para mim faz sentido apresentá-lo primeiro na sub-região do Alvarinho”, assume a criadora.

A qualidade dos alvarinhos da sub-região de Monção

e Melgaço, a par de uma tendência do consumidor para apreciar e educar o gosto pelos vinhos pedem, segundo Madalena Lima, recipientes mais indicados (desde o decantador ao copo), para acompanhar esta evolução da complexidade do ritual de prova.

“O vinho é uma matéria viva, é jovem, amadurece, envelhece, tem carácter, personalidade, tem cor, raça, sabor e cheiro. Pode ter equilíbrio, tendências, pode ser forte, pesado, delicado e muito mais. O vinho pronuncia-se no nosso corpo, cria efeitos, dá prazer, às vezes até cura. Um Alvarinho tem centenas de aromas que formam um bouquet, um perfume. Na prova tentamos identificar os aromas, é extremamente difícil descobrir um aroma no meio de centenas. Um Alvarinho tem nuances de cor que variam do verde-limão ao ouro, tem um corpo com brilho e clareza, um sabor delicioso e delicado que permanece na boca. Da vontade de partilhar. Eu sinto muito orgulho de ser da terra do Alvarinho, por ele fazer parte da minha cultura. **O recipiente é fundamental para o receber. Há uma grande diferença entre saborear e beber. Eu bebo água, o alvarinho saboreio**”.

Poderia o exclusivo e estudado recipiente de prova integrar a lista de elementos essenciais a inserir no cabaz da edição de 2021 da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, quer nos restaurantes, quer na prova que cada entusiasta possa fazer em casa?

“O copo foi feito para o Alvarinho, primeiro tem que se apresentar à sub-região. Se for aceite, porque não? Gostava que fosse o copo para provar e brindar todos os vinhos e todos os espumantes Alvarinhos de Monção e de Melgaço”, ressalva Madalena Lima.

Mais de três décadas de “escola prática” para chegar ao copo ideal

Madalena Lima trabalhou doze anos (1984/1996) na restauração. Foi proprietária e gerente de um bar, uma taberna, um snack-bar esplanada e um restaurante “onde gostava de escolher e servir vinhos aos clientes”.

Entre 1997 e 2012 foi responsável pelas provas no Solar do Alvarinho. “Tive a sorte de ser formada por especialistas do vinho Alvarinho, como Fernando Moura, António Luís Cerdeira, Anselmo Mendes, o escanção Vítor Pinho e outros”.

Desde 1984 e até hoje, é Artesã Mestre na Arte de trabalhar o vidro e Artista Plástica há 37 anos. Todo este passado ajudou a idealizar um copo que já foi inclusive testado por profissionais do vinho.

“Os testes foram feitos por enólogos, escanções, produtores e amantes do vinho. **Todos foram unânimes na aprovação do copo, sobretudo pela performance técnica e prática.** A estética foi a menos avaliada. O último teste foi realizado com o sommelier Manuel Moreira”, notou Madalena Lima.

NOVIDADES
VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

“Da Costa Congelados, até ao seu prato”

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!
251 031 438

Nesta senda de proibições... e se acabassem com a caça?

João A. S. Lemos

Proibir a Caça terá sempre resultados desastrosos e um impacto ambiental devastador.

Os últimos anos têm sido anos de difícil convergência Política, Económica e Social, com os consequentes problemas de complexa resolução e estabilização.

São muitas as Atividades Económicas e Sociais que se têm debatido com graves crises, e a Atividade Económica e Social que a Caça representa não tem estado blindada a estes tempos difíceis.

As vontades Políticas dos últimos anos têm sido, umas mais que outras, sensíveis ao Setor, mas a dificuldade Orçamental que tem sido transversal a todos os Governos da última década tem colocado a Atividade Cinegética num patamar inferior no que respeita aos apoios para o Mundo Rural. A falta de capacidade Económica, associada à inoperância Política, tem condicionado no progresso imediato da Atividade.

Aliada a estes fatores, a falta de poder de compra e retração do consumo têm afetado a Atividade Cinegética na mesma proporção em que têm afetado a maioria das Atividades em Portugal. As dificuldades e os acréscimos da despesa com impostos pela lei das armas e o complicado e desastroso efeito da Doença Hemorrágica Viral nas Populações do Coelho Bravo e recentemente nas Lebres, com as suas novas Estripes derivadas da constante mutação do vírus, tem conduzido a uma redução importante do número de Caçadores, que sempre viram no Coelho Bravo a sua Caça predileta, e que cada vez mais deparam-se com dificuldades ao seu direito de Cidadão no uso e porte de Arma de Caça.

Continua a ser um dos setores com mais impacto Económico, direto e indireto, no mundo Rural. Mantém-se como uma das Atividades Desportivas com mais praticantes em Portugal, e acima de tudo continua a ter cada vez mais um papel fundamental e insubstituível na Conservação da Natureza e na melhoria da Biodiversidade.

Mas mesmo assim, alguns movimentos continuam a exigir o fim da Caça em Portugal, tentando legislar

de uma forma “proibicionista ou repressiva”, de modo a atingirem o seu fim ideológico de inserir também as Espécies Cinegéticas no alargamento do Regime Sancionário aos maus tratos a animais que não só de companhia, deixando ao livre arbítrio o que seja de definição de mau trato a uma Espécie Cinegética.

E em que se baseiam, para além da inusitada Humanização de todo e qualquer animal?

Em nada. E se fizessem o seu trabalho de casa de uma forma honesta, teriam concluído o mesmo que se concluiu em Países europeus como a Holanda e a Bélgica, onde as proibições e repressões sobre a Atividade Cinegética resultaram num redondo desastre, dando origem a uma nova problemática: o descontrolo da Vida Selvagem, onde gansos, raposas, javalis e veados se tornaram uma praga, causando impactos negativos de larga escala, com consequências graves para a segurança das Populações e um impacto extremamente negativo para os Habitats e Biodiversidade. Mas não precisamos de ir tão longe, bastando olhar para a situação dos últimos anos na área protegida da Arrábida, tratando-se de um exemplo claro do resultado da vertente proibicionista da Caça.

Proibir a Caça terá sempre resultados desastrosos e um impacto Ambiental devastador, pondo em risco a Saúde dos Humanos e Animais Selvagens, e consequentemente aumentando drasticamente o conflito entre Humanos e a Vida Selvagem.

E é desta forma que se comprova que as ideologias dos Movimentos que se opõem à Caça baseiam esmagadoramente a sua argumentação em aspetos ideológicos, em detrimento de factos Científicos ou conhecimento de causa.

É com a constatação destes erros já conhecidos que no Parlamento Europeu já se discutem os impactos negativos das vertentes proibicionistas no Setor Cinegético, ao nível do “Intergroup on Biodiversity, Huting and Countryside”, responsável pela Conservação de espécies Selvagens, Pesca e Caça sustentáveis, bem como



pela Gestão Sustentável do Mundo Rural e do seu Património Cultural.

Então, se os Países que já condicionaram ou proibiram a Caça começam a analisar o erro cometido; se o Parlamento Europeu já se dedica a contrapor esses efeitos negativos fomentando a responsabilidade, sustentabilidade e transparência no Setor Cinegético, devemos nós em Portugal permitir que se siga a mesma política desastrosa já comprovada em outros Países Europeus?

Não, mas também não se espera que estes mesmos movimentos abdicuem de um dos temas em que mais se apoiam para, de uma forma infundada e desonesta, tentarem motivar uma Sociedade Urbanizada que já não compreende a realidade da Caça e do Mundo Rural.

Mas cá estaremos para continuar a recordar a quem de direito, que devemos aprender (e não repetir) com os erros dos outros, e não permitir que se continue a publicar os resultados do exterior apenas nos moldes que convém aos fervorosos adeptos da nova moda do Proibicionismo em Portugal, escondendo ou falseando as verdades dos fatos.

Caça... Sempre...

Gestor Cinegético

Os portugueses não estão satisfeitos nem com a distribuição das vacinas nem com a vacinação lenta e de muitos sem prioridade

Abílio Francisco Conde

São precisas várias vacinas eficazes e uma adesão em grande escala à imunização. É este o caminho certo para sair do Covid-19. Foi um feito extraordinário da ciência em menos de um ano conseguir vacinas para combater com vigor a actual pandemia que já tantos infectados e mortos provocou.

Contudo, os interesses das farmacêuticas não podem prevalecer sobre os direitos à saúde e à vida. Na União Europeia, há bastante ruído na aquisição e distribuição das vacinas, cujo atraso pode custar muitas vidas. Sabemos que a UE pagou a produção das vacinas, financiando a investigação e comprando-as antecipadamente. É ridículo agora que a UE tenha taxa de vacinação de 3 por cento, quando o Reino Unido e os EUA têm 20 por cento. Percebendo isso, vários países da União estão a sair das políticas comuns e a seguir o seu rumo. A Alemanha foi a primeira a diversificar opções de compra de vacinas, beneficiando o seu povo. Outros países fizeram o mesmo. Portugal não pode ficar parado. Os portugueses não estão satisfeitos e já denunciaram manobras diversificadas na compra das vacinas e vacinação em quem não tem prioridade.

O que é preciso é mais vacinas certificadas pela Organização Mundial de Saúde, seja qual for o fabricante, para libertar a economia portuguesa o mais rápido possível. Não se compreende o atraso do fornecimento pelas farmacêuticas por razões de interesses de monopólios, do lucro essencialmente, quando deviam primeiramente olhar na nobreza de salvar vidas e de melhorar a saúde dos cidadãos. A China e a Rússia não têm as suas populações vacinadas mas estão interessadas diplomaticamente em vender as suas vacinas à União Europeia. A EMA (Agência Europeia de Medicamentos) pronunciou-se sobre a segurança da vacina da AstraZeneca por aparecerem casos de coagulação sanguínea com a sua administração. Mas os especialistas reafirmaram a sua segurança e disseram que todos os medicamentos podem causar efeitos secundários e que os benefícios são superiores aos riscos das reacções adversas.

Decidir a suspensão de uma vacina para ter confiança pode ter efeito contrário. Já foram administradas mais de 300 milhões de vacinas e são poucos os casos de efeitos secundários. A suspensão da AstraZeneca foi meramente política. Começa a desenhar-se a ideia de



uma pressão sobre a farmacêutica anglo-sueca que ignora os contratos com UE, privilegiando o Reino Unido, o Canadá e a Austrália. Bruxelas ameaça bloquear exportações de vacinas para o Reino Unido produzidas na União. Estamos perante uma faca de dois gumes: por um lado as dúvidas e por outro lado o benefício da vacina capaz de acabar com a praga do vírus. As dúvidas podem causar danos irreparáveis quer na Europa quer em Portugal. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

MARÇO 2021

Cátia Rocha assinalou dez anos de actividade enquanto Osteopata em Melgaço

“Quando cheguei, a maioria das pessoas associava a Osteopatia a um ‘endireita com curso’”

João Martinho

Cátia Rocha, Directora Técnica das Clínicas Osteo+, assinalou, no passado mês de Fevereiro, dez anos de actividade em Melgaço (mais de quatro anos em consultório de uma farmácia local e pouco mais de cinco em clínica própria) e comemorou a data de forma simbólica.

Sem a festa que normalmente tomaria conta do espaço em dia de festa, a responsável pela clínica com instalação em Melgaço optou por uma pequena oferta aos clientes, um *cupcake*, “sorrisos, palavras de ânimo e votos de prosperidade e saúde”.

O jornal “A Voz de Melgaço” aproveitou o momento de avaliação da missão e retrospectiva para colocar algumas questões a Cátia Rocha, licenciada em Motricidade Humana, com formação académica em Fisioterapia e Osteopatia, sobre o que mudou nesta área e o entendimento popular sobre esta terapia ao longo da última década.

“Quando cheguei a Melgaço, não havia a noção de que a Osteopatia era uma especialidade da área da saúde. A maioria das pessoas associava a Osteopatia a um “endireita com curso”. **Quando explicava que tinha uma licenciatura de cinco anos em Motricidade Humana, mais formação académica em Fisioterapia e só depois mais três anos de Osteopatia, ficavam admiradas com o que se tinha que estudar para alguém ser de facto Osteopata**”, conta Cátia Rocha, assegurando que “é necessário um esforço contínuo para elucidar as pessoas, mostrando no esqueleto e nos pósteres que estão nos consultórios, utilizando linguagem acessível e dando muitas vezes exemplos práticos para

que as pessoas entendam o seu problema e como se vai abordar nas consultas, quer de Osteopatia quer das outras especialidades”.

A pandemia Covid-19 veio alterar o atendimento normal da clínica. Como pode continuar a trabalhar uma área que precisa essencialmente, pela intervenção que aplica, de contacto físico com o cliente?

“Tal como muitos empresários locais, tivemos um período de fecho entre meados de Março e início de Abril de 2020, mas continuamos a dar apoio à distância, estando eu própria inscrita numa rede nacional de fisioterapeutas voluntários que dá apoio telefónico, e a minha colega Iris Fernández desenvolveu vídeos de auto-Shiatsu para a ansiedade. Recebemos chamadas, mensagens, via telemóvel, *facebook* e *whatsapp*, pedindo ajuda em situações de dor, fizemos consultas telefónicas totalmente gratuitas e fomos dando soluções terapêuticas para que as pessoas pudessem fazer em casa. Obviamente sofremos perdas económicas, no entanto, numa perspectiva de apoio social e como responsabilidade ética e para ajudar a não saturar o SNS, optamos por continuar a dar esse apoio até ao dia em que abrimos de novo e nos fomos adaptando às novas medidas”, confessa a responsável.

Ainda sobre a instalação da Clínica em Melgaço, reconhece a hospitalidade de uma comunidade que a acolheu “de braços abertos”.

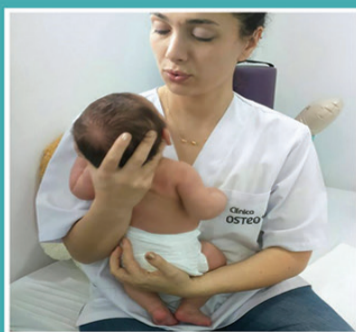
“Quando abri a Osteo+ aqui, foi precisamente para não deixar os meus pacientes sem atendimento. **Muitos deslocavam-se à clínica de Monção enquanto levei a cabo a obra de remodelação do local em Melgaço,**



e isso nunca esquecerei. A fidelidade e o reconhecimento dos melgacenses está acima de tudo no coração, pois é a prova de que assim como eu sou por eles, eles são por mim. Aliás, pela Clínica Osteo+, pois recebem os meus colaboradores com igual carinho e confiança. Dizem muitas vezes que se levo determinada pessoa para trabalhar comigo, é porque trabalha bem. É um orgulho ouvir isso”, manifestou, agradecendo à comunidade melgacense.

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA: Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados), Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO
www.osteomais.com • clinica@osteomais.com

Tel. 251 401 078
Tlm. 969 195 272

Refill H2O: IPVC inicia em Setembro um projecto-piloto de ‘garrafas inteligentes’ e estação de reenchimento

Sistema pretende acabar com as garrafas de plástico nas escolas do Alto Minho

João Martinho

O Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) vai arrancar com um projecto-piloto que prevê retirar anualmente, das suas seis Escolas Superiores, mais de uma tonelada de garrafas plásticas de utilização única.

O projecto Refill H2O vai iniciar já no próximo ano lectivo, em Setembro, e será coordenado pelo investigador do IPVC, António Curado, que foi considerado o melhor entre as 24 candidaturas ao Programa “ambiente, alterações climáticas e economia de baixo carbono”, promovido pelo Ministério do Ambiente e da Ação Climática (MAAC).

Terá a duração de 18 meses e começará a ser implementado em Setembro, com um financiamento de 140.349,64 € para a redução do lixo marinho. Este projecto visa incrementar a utilização de matérias-primas secundárias que permitam substituir o uso dos plásticos. Nesse sentido, está a ser desenvolvida uma estação de reenchimento de garrafas de água reutilizáveis e isentas de plásticos.

Garrafas “inteligentes” em forma de Orca

Está igualmente em curso o desenvolvimento de dois protótipos de garrafas “inteligentes” que vão estar em sintonia com a estação de reenchimento. Desenvolvidas por João Mendes, aluno do curso de Mestrado em Design Integrado, da Escola superior de Tecnologia e Gestão do IPVC, têm um *design* atractivo, assente em materiais devidamente seleccionados, isentos de plásticos, que permitirá a reutilização em larga escala, garantindo a qualidade da água armazenada.

A garrafa principal do projecto transmite visualmente a ideia de uma orca, “pelo facto de se tratar de um dos animais marinhos que mais sofre com a poluição dos oceanos, especialmente pelo excesso de plástico existente”.

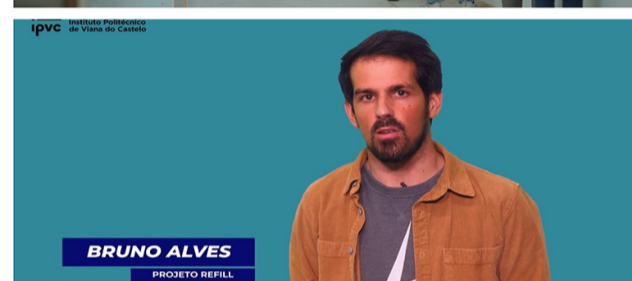
O investigador do Politécnico de Viana do Castelo, Sérgio Lopes, está a desenvolver a estação interactiva de reenchimento com o auxílio de Eduardo Avelar e Francisco Ferraz, estudantes do Curso de Engenharia de Redes e Sistemas de Computadores. O dispositivo irá, segundo Sérgio Lopes, “comunicar com a garrafa através de uma etiqueta electrónica que irá permitir a comunicação e identificação da garrafa que estará associada a um determinado utilizador”.

Esta monitorização por utilizadores, ou grupo de utilizadores, irá permitir aferir métricas sobre o real impacto do projeto e qual o seu contributo para a sustentabilidade económica e ambiental.

IPVC vai reduzir em mais de uma tonelada de plástico nos seus campus

António Curado, coordenador do Projeto Refill H2O IPVC, sublinha que “as instalações do IPVC são frequentadas anualmente por mais de 5000 alunos das mais diferentes faixas etárias, nas quais são consumidas anualmente cerca de 51.000 garrafas plásticas de 0,50l e 15.000 garrafas plásticas de 1,50l.

Este consumo resulta na produção de 1215 quilos de resíduos plásticos. O elevado consumo local, associado ao facto de o seu Campus ser frequentado por um público jovem, aberto à mudança de mentalidades, torna o IPVC “o local certo para a implementação deste projecto-piloto que visa a implementação de um modelo de substituição gradual das indesejáveis garrafas plásticas de água, que satisfaça as necessidades deste público-alvo, e que permite uma fácil replicação da solução desenvolvida no estabelecimentos de ensino profissional, básico e secundário do Alto Minho, numa primeira fase, e do território nacional, numa fase posterior que sai fora do âmbito da presente candidatura”.



António Curado sublinha ainda que “segundo dados da PORDATA, no ano 2018, existiam no Alto Minho aproximadamente 38.139 alunos, estimando-se assim que a replicação por todos os estabelecimentos de ensino neste território iria reduzir anualmente a produção de 9268 quilos de plástico”.



FESTA do
Alvarinho
e do **FUMEIRO**
MELGAÇO

MAIO 2021
7a9 e 14a16

ORGANIZAÇÃO:  APOIO: 



CELEBRAR O TERRITÓRIO
Em segurança!

- ☺ Mercado Central com venda de vinhos e produtos regionais (Largo Hermenegildo Solheiro)
- ☺ Restauração local – harmonização com vinhos de alvarinho
- ☺ Visitas às adegas dos produtores de vinho e aos espaços dos produtores de fumeiro e dos produtos regionais
- ☺ Prova temática de alvarinhos, com press tour à região
- ☺ Venda online dos vinhos e produtos em www.onwine.pt

CONHEÇA EM BREVE TODO O PROGRAMA E OS PRODUTORES EM www.cm-melgaco.pt

Cónego Professor Doutor José Marques

O Seu Amor à Verdade Histórica

Alberto Pereira de Castro

Muito se escreveu já, merecidamente, sobre esta grande figura melgacense, da Igreja e da Cultura portuguesas de que todos nos orgulhamos. Falou-se do seu muito saber, da sua grande simplicidade, do seu interesse em auxiliar quem dele necessitasse. Eu próprio testemunhei, usufruindo do contacto muito próximo muito do que foi dito. Múltiplas vezes nos encontramos: em conversas ocasionais, em encontros de convívio, normalmente culturais, e cheguei mesmo a fazer uma visita guiada em Valença a uma série de sacerdotes meus conterrâneos a que ele assistiu da forma mais simples e compreensiva. Num opúsculo sobre outro sábio - O Cónego Professor Doutor Avelino de Jesus Costa, que ele havia de substituir na respectiva Cátedra, conta que, numa ida a Fátima, iniciaram uma larga conversa depois de ambos rezarem o Terço, o que revela o seu grande sentido de religiosidade e de piedade. Mas não era menos como Professor, amigo de ensinar e com um grande amor à verdade.

A sua extrema correcção e gentileza deram azo a gestos magníficos e verdadeiramente tocantes: sabia falar (embora lhe fosse mais fácil escrever como por diversas vezes me confessou), mas ouvia sempre com muita atenção e nunca deixava de apontar erros sempre que os notava, posto que o fizesse sempre com extrema elegância, não isenta de firmeza se fosse caso disso.

Em pasta própria tenho diversas cartas da correspondência que com alguma regularidade trocávamos, algumas delas respondendo a interrogações que algumas vezes lhe punha, como foi, por exemplo, a razão de as Portas Afonsinas se chamarem de S. Vicente, tendo até num nicho a imagem deste Santo que depois passaria para as portas da Principal (Casa da Guarda de onde partiam as sentinelas da Praça) e agora desconfio que se encontra entre os vários santos que se amontoam no sótão da igreja da Colegiada junto do velho órgão comprado em 1903.

É junto a essa correspondência que vou encontrar dois artigos do Cónego Prof. José Marques publicados ambos, com diferença de um ano (2005/2006) na página "Cultura" do DIÁRIO DO MINHO: o primeiro intitula-se "S. Teotónio não foi bispo" e o segundo "Barcelos/ALVELOS não teve mosteiro".

No primeiro caso, o que está em causa é a colocação de uma placa numa estátua de S. Teotónio existente em Valença, na zona da Coroada, em frente da Capela do Senhor do Bom Fim (antiga capela militar), que ele acabava de visitar, e na qual se diz, entre outras coisas, que "...foi Bispo de Viseu" e "Foi também Cruzado na Palestina lutando contra os Mouros!" E comenta: "Num texto tão pequeno - deixando de lado o *pretense* gesto habitual de D. Afonso Henriques lhe pedir a bênção e beijar-lhe a mão de joelhos (*si vera es fama*) - aí estão dois graves erros históricos, que não honram S. Teotónio, enganam os leitores -turistas ou não -, que, na grande maioria, nem deles se apercebem, tomando-os candidamente como verdades, e desprestigiam o turismo cultural, de que tanto se fala".

S. Teotónio também não foi cruzado nem andou lá a lutar contra os Mouros - E pergunta: "Como pode o autor desta publicação, destinada a um vastíssimo público, transformar S. Teotónio de humilde e devoto peregrino em destemido cruzado, se ele realizou as duas mencionadas peregrinações, entre as duas primeiras cruzadas, mas em anos muito distantes de cada uma delas?!" E comenta:

"O autor desta lamentável informação deveria saber que a primeira cruzada, digna deste nome que recuperou os Lugares Santos, se iniciou em 1096 na sequência do Papa Urbano II, feito no ano anterior em Clemomd Ferrand, só vindo a ser conquistada a cidade Jerusalém em 15 de Julho de 1099, e que a segunda se realizou

de 1147 a 1149, tendo os seus efectivos, que passaram junto à costa portuguesa, sido estimulados e convencidos pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar que, no Porto, lhes dirigiu a palavra, a ajudarem D. Afonso Henriques na projectada conquista de Lisboa, para lá seguindo a bordo com eles.

O autor anónimo deste breve, mas desastroso texto, não leu a biografia de S. Teotónio que se encontra no *Portugalia Monumenta Historica Scriptores*. Não era obrigado a saber latim, mas, sem perder tempo com muita bibliografia, poderia socorrer-se de uma boa edição bilingue - latim-português - com tradução da Sra Profª Doutora Maria Helena da Rocha Pereira".

E a placa referida acabou por ser retirada. Infelizmente erros destes ainda são vulgares, mesmo em Valença, cometidos, tanto pela DGMN (caso da que se encontra à entrada da Igreja de Santo Estêvão (construída em 1283 e que se diz ser "românica") ou da "câmara frigorífica" da antiga Praça de Peixe de Valença que um arqueólogo diz ser do "Açougue Militar"...

* * *

O segundo artigo tem a ver com a confusão gerada pelo antiquário Pinho Leal entre "Alvelos" sita em Barcelos com "Albeos", povoação situada na Galiza, frente a Melgaço, onde existiu um convento de freiras - com uma igreja do século XIII - a igreja do convento de S. Paio.

* * *

"A confusão de tão grave erro histórico está na confusão estabelecida na mente do informador de Pinho Leal entre a freguesia de S. Lourenço de Alvelos - Barcelos - e a de S. João de Albeos (Alvees), da Diocese de Tui, situada na margem direita do rio Minho, em frente, em território português, ao compreendido entre a vila de Melgaço e as conhecidas termas do Peso numa extensão de 4 ou 5 quilómetros. A grafia que já encontramos no século XIV, e certamente a respectiva fonética, foram transformadas pelo citado em "Alvelos", tendo a falta de atenção aos oragos ajudado a situar em Barcelos a paróquia galega de Albeos, que sempre foi da diocese de Tui.

Em S. João de Albeos (Alvees), havia, aí sim, um mosteiro de religiosas, como se verifica pelo livro das Confirmações de Tui (1352-1356), conservado no Arquivo Distrital de Braga, Registo Geral, nº314. Segundo o qual (fl23) em 7 de Maio de 1352, o bispo de Tui D. João confirmou, *devoluto*, Estêvão Fernandes, de Crescente (Crecente) como pároco desta freguesia, vaga pela transferência de Fernando Eanes para a freguesia de Santa Maria do Campo da Vila e Castelo de Melgaço,"(...)

Este mosteiro feminino, sito em S. João de Albeos, diocese de Tui, é também referido no *Cartulário de Fiães*, manuscrito nº52, do Arquivo Distrital de Braga, a propósito da venda de uma propriedade, feita em 1242 - isto é vinte anos antes do documento acima referido



- por Álvaro Martins e outros que neste momento não interessa especificar, ao mosteiro de Fiães, sabendo-se que estava situada na Galiza, entre a Minhoteira e "sul de Buiscos"(...)

Na sincronia dos elementos presentes na datação destes três documentos, consta, expressamente, que em Portugal reinava D. Sancho II e que o prelado de Tui era o célebre bispo cronista, D. Lucas.(...)

* * *

Recordo-me de que, há anos, fui lá acompanhado de um bom Amigo - curioso, como eu, de coisas antigas-, por uma estrada horrível, quase toda em brita. Dentro da dita igreja havia várias capelas, estando uma delas vazia que o cicerone dizia que ali estivera a imagem de uma Nossa Senhora da Conceição que os portugueses tinham trazido, para Portugal. E era verdade... Essa capela estava sob a administração dos familiares do meu tio-avô Lopo Pereira de Castro que a herdara juntamente com a Casa das Fragas em Alveos, Crescente, de sua bisavó materna. Trouxe a imagem (séc.XVIII) dentro de um feixe de palha para Portugal colocando-a na capela de Santo António.

* * *

Mas era assim o Cónego Prof. Doutor José Marques, sempre atento às coisas da sua terra, especialmente, embora se interessasse por tudo quanto respeitava à Idade Média e à relação Minho/Galiza. E em nome da verdade histórica, nada deixava passar em claro. Como, por exemplo, há bem pouco tempo, a propósito de um artigo que eu publicara em "A Voz de Melgaço" em que ele agradecia o destaque dado n'A Voz de Melgaço às minhas *Confirmações de Tui 1352-1383*, que também lhe terá faltado algum estímulo para ampliar o estudo sobre os Castros, família a que pertencia o bispo D. João de Castro, a quem devemos estas confirmações.

"A publicação deste códice, sobre o qual fui trabalhando, lentamente durante muitos anos, após o meu doutoramento defendido em 1982, poderá ser útil para a Diocese de Tui, que o não conhecia, pois veio para Braga em 1514, quando o Entre Minho e Lima por pro-

Continua na pág. seguinte

Prof. Doutor Cónego José Marques

A minha homenagem

Manuel Inácio Rocha

Foi com grande surpresa e profunda amargura que recebi a triste notícia da morte do meu querido amigo e antigo professor universitário Padre José Marques.

Conhecia-o desde os tempos em que foi prefeito no Seminário, há muitos anos, mas foi com redobrada alegria que o recebi como meu mestre e professor na Faculdade de Letras da

Universidade do Porto quando, na década de 70, aí frequentei o curso de História de Portugal Medieval e, anos mais tarde, no curso de Mestrado em História Moderna na mesma Faculdade, como professor de Paleografia e Diplomática. Nos dois anos que com ele convivi como seu aluno, além de afirmarmos a nossa amizade, tive oportunidade de reconhecer e disfrutar da sua enorme competência pedagógica e científica, sendo admirável a sua amabilidade e convívio que partilhava com os alunos e colegas docentes, com quem mantinha um fino trato e amizade, o que faziam dele uma agradável e exemplar presença da Igreja no meio estudantil universitário, ainda mar-



cado pelas radicais transformações pós vinte e cinco de abril de 74.

Sobre a sua vasta obra de investigador, professor universitário e Historiador cujas publicações muito enriquecem o património cultural da Igreja bracarense e do Alto Minho, em Portugal e na Galiza, já muitos outros testemunhos foram registados neste jornal A Voz de Melgaço, por pessoas mais credenciadas que eu e que muito admiro. No campo das publicações, porém, seja-me lícito referir um pequeno estudo que o Prof. Doutor José Marques publicou na Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cuja separata in memoriam, teve a amabilidade de me oferecer com dedicatória em 23 de outubro de 2001. Trata-se, como ele me confidenciou, de uma colaboração feita para a Revista da Universidade dedicada à memória do grande amigo e seu colega Professor Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, muito admirado professor da mesma Universidade, tragicamente falecido numa viagem ao Canadá.

O título do trabalho a que me refiro, é: A Vila Rústica de Deão, em 1284, que o Prof. José Marques estudou e publicou ao longo de 12 páginas da referida revista, e que muito me estimulou para o desenvolvimento da história medieval da minha terra natal, a publicar na respetiva Monografia.

Pelo muito que me ensinou e amizade que me dedicou, aqui fica o meu reconhecimento e a minha singela, mas sentida Homenagem.



Continuação da pág. anterior

posta de D. Frei Henrique de Coimbra, Bispo de Ceuta e primaz de África, foi integrado na Arquidiocese de Braga, que lhe cedeu Olivença. Estas Confirmações permitirão conhecer diversos aspectos do episcopado de D. João de Castro, que, inclusive, esteve na Orada em 1360 e 1363.

A minha estadia de mais de três meses e meio no Hospital da Privado de Braga e, depois, na Casa Sacerdotal, não me permitiu acompanhar a distribuição do volume. Sei que, pelo menos, 100 exemplares foram enviados para a Diocese de Tui, que também contribuiu para a publicação da obra. Oxalá a saibam aproveitar. Digo isto, porque não sei como as coisas correm em Tui, mas, em Portugal e até nas nossas Dioceses de Braga e de Viana, a preparação em latim é muito pobre. O meu contributo aí fica.

Se me permite, peço licença para chamar a atenção para dois lapsos que encontrei. Em primeiro lugar, observo que a peste de que se fala neste códice é quase catorze anos posterior à Peste Negra (Outubro de 1348 - primeiros meses de 1349), pois é do segundo semestre de 1362. Depois anoto que o orago de Cristóval é S. Martinho, como consta do nº108 das Confirmações (pp. 100-101).

(...)

Caro amigo, Sr. Major, peço desculpa da chamada de atenção para estes dois pontos, mas, quando possível, teremos que proceder às correcções, às vezes em situações difíceis, como esta que vou referir.

O artigo sobre a Peste de 1362, de que lhe envio um exemplar, apareceu no Boletim Cultural de Melgaço com erros nos nomes de duas freguesias de Arcos de Valdevez, de que dois amigos me advertiram.. Como na região de Braga ninguém o conhecia, consegui reeditá-lo com as devidas correcções, na Bracara Augusta. Na sessão de apresentação da Revista, o Sr. Director também se referiu ao artigo, dizendo repetidas vezes Peste Negra. Eu, estava presente e, como imagina, não queria passar por “quem cala consente”. Com a devida prudência, no momento próprio, chamei a atenção, publicamente, para o *lapsus linguae* e tudo ficou resolvido com o Sr. Director e com a assistência.

Renovo o meu pedido de desculpa, mas nós andamos todos à procura da verdade”.

Como lhe expliquei, *eu tocara de ouvido* sem pensar muito na questão das datas em que fora induzido em erro, o que reconheci de imediato. Ele estava coberto de razão. Vai, sem dúvida, fazer-nos muita falta. Vou

sentir a falta dos seus livros e das suas separatas, das questões que, vez por outra, me colocava. Deixou-nos, por outro lado, um Património tão grande e tão completo, e tão ilustre, que alguém algum dia conseguirá, sequer, igualar.”

NOTA: A herança viera pelo casamento de Matias de Sousa e Castro e Menezes Sarmento na capela de Santo António em 20 de Janeiro de 1765 com D. Maria Sebastiana de Paços Balhesteras, filha de D. Rodrigo de Paços Balhesteras Sarmento e de sua mulher D. Francisca de Puga Quinhones e Araújo, ele do bispado de Tui e ela do de Orense. Pela parte paterna era neta de D. Rodrigo Paços Balhesteras Sarmento e de D. Maria Gil Costa, da Fraga em Alveos junto a Crecente, na Província galega de Pontevedra e pela parte materna era neta de D. Agostinho de Puga Quinhones de Araújo e mulher D. Antónia Parada, galegos também, mas naturais da freguesia de S. Clódio, a meio caminho entre Ribadavia e Carvalhinho no largo alfoz de Orense. (*Augusto César Esteves, O MEU LIVRO DAS GERAÇÕES MELGACENSES*). Na vila de Melgaço vivia D. Matias da Silva Fajardo, casado com D. Catarina Maria da Puga, tia materna de D. Sebastiana, a quem em testamento público feito em 3 de Fevereiro de 1778 instituiu universal herdeira dos bens sitos na Galiza, ficando herdeiro, com tudo, o sobrinho António ou qualquer outro irmão que viesse a possuir o morgadio de Galvão. E assim vieram os bens a parar às mãos de meu tio avô, passadas tantas gerações, que acabou por morrer pobre socorrido pelo irmão, o meu avô Alberto.



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437

rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437

malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

António Carlos C. Casal
Sante - Paderne | 55 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Vitorino Alves Lima
Mós - Penso | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Lídia Sá Vaz
Alvaredo - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José António Gonçalves
Peso - Paderne | 68 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Simões Vicente
Penso - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Deolinda Augusta Caldas
Carvalhiças - Vila | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António José Trancoso
Vila - Melgaço | 69 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Augusto Meleiro
Carv.Furada - S. Paio | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Leonina de Lima
Pomares - Couso | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel de Carvalho
Lage - Gave | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Américo de Jesus Domingues
Rib.Cima - C.Laboreiro | 65 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Domignues
Souto - Cristóval | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Jesus Domingues
Couso | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Justino Afonso
Coto Santo - P.Monte | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ana Maria Rodrigues
Malhagrilos - Prado | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Fernandes
Carreira - São Paio | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».

AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Maria da Conceição Pires
S.Bartolomeu - Penso | 74 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Todos precisamos da Imprensa Regional

A pandemia ainda não permitiu assinalar com a devida importância o Ano da Imprensa Regional, que se comemora em 2021, na sequência de uma deliberação conjunta datada do mês de dezembro, rubricada pela API - Associação Portuguesa de Imprensa e pela AIC - Associação de Imprensa de Inspiração Cristã.

Apesar das dificuldades deste tempo marcado por confinamentos sucessivos e restrições em muitas frentes da vida individual e coletiva, é importante e urgente assinalar o Ano da Imprensa Regional, agregando iniciativas, numa perspetiva duradoura, que garanta a sustentabilidade e desenvolvimento dos jornais locais e regionais, em suporte papel e digital. É isto que as associações de imprensa, em parceria com os editores locais, irão concretizar ao longo dos próximos meses.

O ano em curso constitui um calendário de oportunidades para refletir e pôr em marcha medidas que reforcem o papel da imprensa regional, a sua independência de todos os poderes, a sua importância no combate à pandemia das notícias falsas, através de uma informação que convoca os melhores princípios éticos, a independência, o rigor, a inclusão, a pluralidade, a liberdade e o respeito pela privacidade, o respeito pelos leitores, a defesa dos direitos humanos e o escrutínio de todos os poderes.

O papel de proximidade da imprensa regional é insubstituível e fundamental, um pilar importante e constituinte da própria democracia, que deve reforçar e ampliar diariamente o espaço de cidadania, com uma expressão própria, altamente relevante, sobretudo nas comunidades locais, onde muitas vezes a crítica e o contraditório são um verdadeiro exercício de coragem, por vezes mal recebido e até condenado por responsáveis e decisores locais.

Sem uma imprensa regional forte, a democracia será fraca e estará ameaçada. A imprensa regional é um bem coletivo, ao serviço de cada indivíduo, mas também de todas as comunidades onde se insere e, no fim de contas, do país.

As associações de imprensa encorajam as autarquias e associações de municípios a estabelecerem planos permanentes de investimento na Imprensa Regional, com total transparência, sem qualquer condicionamento da linha editorial, garantindo assim a liberdade e o acesso à informação das populações que representam.

As empresas e entidades públicas têm também um importante papel a desempenhar no seu relacionamento com a Imprensa Regional, pelo que se espera e deseja que estabeleçam parcerias duradouras que vão ao encontro do privilégio de poderem canter com marcas de informação de proximidade nos seus territórios.

Num outro domínio, as associações de imprensa exortam as universidades, politécnicos, centros de saber, entidades públicas, e organismos ligados ao sector da imprensa, a debaterem a realidade que emerge de forma crescente nas comunidades locais, onde muitas autarquias, entre outras entidades, passaram a recorrer diariamente às plataformas digitais a pretexto de anúncio de medidas, explicações várias, resposta a críticas e divulgação de todo o tipo de iniciativas, esquecendo o papel dos órgãos de comunicação social e a mediação dos seus jornalistas.

A pandemia e o aproximar das eleições autárquicas têm potencializado este fenómeno recente, que rapidamente se poderá transformar numa ameaça à democracia, transformado informação em propaganda, condicionando fortemente o papel legítimo dos órgãos de comunicação social.

Independentemente das reflexões que possam surgir, as associações de imprensa esperam que as autarquias onde a opção por canais próprios de comunicação é mais expressiva, optem desde já por uma postura que dê a primazia à imprensa regional e local.

Todos precisamos da Imprensa Regional é o lema do Ano da Imprensa Regional.

Que cada um faça a sua parte.

João Palmeiro
Portuguesa de Imprensa

Paulo Ribeiro
Associação de Imprensa de Inspiração Cristã



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/04/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dez de março de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas quarenta e oito e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZANOVE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOÃO JOAQUIM ALVES** e mulher **MARIA AMÉLIA FERNANDES RODRIGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da extinta freguesia de Roussas, ela da freguesia de São Paio, onde residem no lugar de Cruzeiro, ambas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito nesta União das Freguesias de **VILA E ROUSSAS**, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado **“BOAVISTA”**, sito no lugar de **BOAVISTA**, composto por terreno de pinhal e mato, com a área de **mil e quinhentos metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Celestiano Gonçalves, de **SUL** com Manuel Gonçalves, de **NASCENTE** com Estrada Municipal e de **POENTE** com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 89**, que teve origem no artigo 94 da extinta freguesia de Roussas, com o valor patrimonial tributário de € 45,41 e atribuído de **dois mil e quinhentos euros**;

Que desconhecem o artigo da antiga matriz rústica, bem como os segundos antepossuidores por serem muito antigos, o que declaram sob sua responsabilidade e entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e setenta e seis**, já no estado de casados, por doação verbal que não chegou a ser devidamente formalizada, que lhes foi feita pelos pais do justificante marido, António Joaquim Alves e mulher Dalila Gonçalves Pereira, residentes que foram no lugar de Boavista, na dita extinta freguesia de Roussas;

Que, assim, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cortando o mato e a lenha, que aproveitaram, usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse

pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de **vinte anos** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dez de março de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/04/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **trinta e um de março de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas cento e vinte e quatro e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZANOVE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **DAVID MANUEL GOMES DE SOUSA** e mulher **MARIA DE JESUS DA ROCHA COSTA DE SOUSA** casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, ela da extinta freguesia de Viana do Castelo (Santa Maria Maior), concelho de Viana do Castelo, residentes na Rua Manuel José Marques, número 38, União das freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadela, concelho de Viana do Castelo declararam que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes bens imóveis, sitos na aludida freguesia de **PADERNE**, não descritos na Conservatória do Registo Predial de **MELGAÇO**:

VERBA UM: Prédio Rústico, denominado **“LEIRA DE VIEIROS”**, sito no lugar de **VÁRZEA**, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de **trezentos e cinquenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Alberto Afonso de Moraes, de **SUL** com Manuel António Gonçalves, de **NASCENTE** com Manuel Gonçalves e de **POENTE** com Caminho Público, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 209**, com o **valor patrimonial tributário de € 43,18**;

VERBA DOIS: Prédio Rústico, denominado **“LEIRA DE VIEIRO”**, sito no lugar de **VIEIRO**, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de **trezentos metros quadra-**

dos, a confrontar de **NORTE** com Davide Manuel Gomes de Sousa, de **SUL** com José Meleiro de Castro, de **NASCENTE** com Delfim Pereira e outros e de **POENTE** com José Freitas, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 211**, com o **valor patrimonial tributário de € 31,29**;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz rústica e entraram na posse dos citados prédios, já no estado de casados e do seguinte modo: em relação ao prédio indicado sob a **verba um**, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e noventa e um**, por doação verbal, que lhes foi feita pelos pais do justificante marido, José David Gomes de Sousa e Amélia Glória Cortes, residentes que foram no lugar de Várzea, na indicada freguesia de Paderne; em relação ao prédio indicado sob a **verba dois**, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e noventa e seis**, por compra verbal que fizeram a Cândida Rodrigues, residente que foi no lugar de Apião, na mencionada freguesia de Paderne;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito, e assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios há mais de **vinte anos** conduziu à aquisição dos mesmos por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado. Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, trinta e um de março de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/04/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **nove de março de dois mil e vinte e um**, exarado a **folhas quarenta e cinco e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZANOVE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **DOMINGOS ALVES**, casado sob o regime de comunhão geral de bens com **Lídia de Oliveira**, natural da freguesia de Paderne, residente no lugar de Balsada, freguesia de Fiães,

ambas freguesias do concelho de Melgaço, **por si e na qualidade de procurador** em representação da sua referida mulher **LÍDIA DE OLIVEIRA**, natural da dita freguesia de Fiães, consigo residente, declarou:

Que este e a sua representada são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito na aludida freguesia de **PADERNE**, não descrito na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado **“COUTADA”**, sito no lugar de **COUTADA**, composto por terreno de pinhal e mato, com a área de **dois mil e cem metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Virgínia Domingues Casal, de **SUL e POENTE** com Manuel José Gonçalves e de **NASCENTE** com Estrada Nacional, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 3031**, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 30,82**;

Que desconhece o artigo da antiga matriz rústica, bem como os segundos antepossuidores por serem muito, antigos, o que declara sob sua responsabilidade;

Que o ora outorgante e a sua representada entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não consegue precisar do ano de **mil novecentos e oitenta**, já no estado de casados, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, que lhes foi feita pela mãe do justificante marido, Isaura Alves, solteira, maior, residente que foi na dita freguesia de Paderne;

Que, assim, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cortando o mato e a lenha, que aproveitaram, usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que, por si e em nome da sua representada, invoca para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado. Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, nove de março de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves

Marcelo no Twitter vai ser “curto e grosso”

Costa Guimarães

Marcelo Rebelo de Sousa, iniciou um novo mandato com a estreia na plataforma Twitter, — <https://twitter.com/presidencia> — avisando os portugueses que vai ser curto e grosso. Trata-se de uma expressão popular que designa uma pessoa rápida e objetiva e diz as coisas sem rodeios.



Reeleito, Marcelo reeleito afirmou que “o segundo mandato não é um cheque em branco” e provou ao estrear-se numa das ferramentas digitais que apenas permitem mensagens curtas: 280 caracteres nas mensagens.

“Os portugueses são a única razão de ser do compromisso solene que acabei de assumir”.

“Hoje, como há cinco anos, Portugal é a única razão de ser do compromisso solene que acabo de assumir. E dizer Portugal é dizer os portugueses”, começou por dizer Marcelo Rebelo de Sousa, para reforçar: “Os portugueses são a única razão de ser do compromisso solene que acabo de assumir”.

Marcelo Rebelo de Sousa ocupou-se do último ano, “demolidor” por causa “da pandemia na vida e na saúde”, a que “se juntou a pandemia na economia e na sociedade”.

Marcelo Rebelo de Sousa pediu “melhor democracia”, sem “o mito do português puro”. “Uma democracia ética e republicana na limitação dos mandatos, estabilidade sem pântano”, prometendo que essa será a sua primeira missão.

A segunda prioridade é combater a pandemia. Já a terceira será a reconstrução “da vida das pessoas, que é tudo ou quase tudo; emprego, rendimento, empresas, saúde mental, laços sociais, vivências e sonhos”. “É mais, muito mais do que recuperar”, considerou o Presidente, falando em reforma administrativa, na luta contras a proteção, na descentralização “toda aquela que os portugueses quiserem”.

“Só haverá, porém, verdadeira reconstrução se a pobreza se reduzir”, sustentou Marcelo Rebelo de Sousa, e a coesão social é a sua quarta missão prioritária.

A quinta missão; é aprofundar a nossa cultura além oceanos, desejando, por exemplo, a reeleição de António Guterres. “É, no fundo, afirmar um sempre renovado patriotismo, das pessoas, do futuro, que os mais jovens assumem como ninguém, contra ventos e marés, contra pandemias na vida”.

“Resta lembrar o óbvio, sou o mesmo de há cinco anos. (...) Com proximidade, afeto, preferência pelos excluídos, rejeição de mecanismos presidenciais, no respeito pela diferença na construção da justiça social, no orgulho de ser português”, apontou, garantindo que será assim com “qualquer maioria parlamentar”.

Nunca tinha acontecido um candidato vencer em todos os concelhos do país, mostrando como os portugueses ainda se mantêm sobretudo ao centro, ainda que as margens cresçam, sobretudo à direita e fora do sistema. Marcelo não o referiu, mas considerou que os portugueses não querem a radicalização e extremismo na vida social e política”.

Os portugueses querem “a pandemia controlada, querem crescimento, querem uma perspectiva de futuro efectivo, uma presidência da UE que fortaleça a imagem de Portugal, fundos europeus geridos com transparência e eficácia, uma reconstrução que vá para além da mera recuperação, combate à pobreza e um sistema político sustentável, para que a sensação de vazio não convide a desesperos e aventuras, e querem uma democracia que seja democrática e não uma democracia iliberal, não democrática”.

O foco principal do seu discurso foi para as vítimas mortais porque “a maior homenagem aos mortos é cuidar dos vivos”, porque “tudo começa e acaba no combate à pandemia”.

Os portugueses querem um horizonte de esperança, projecto e sonho.

Entrevista a José Albano Domingues, o recusou entrar na corrida à Câmara de Distrital anunciará “oficialmente” em Maio a “candidata”

Deputado na Assembleia Municipal de Melgaço pela coligação ‘Prá Frente Melgaço’ (PSD/CDS), José Albano Domingues, advogado, confessa já ter recusado “várias vezes” o convite do Partido Social Democrata para encabeçar uma lista candidata à Câmara Municipal de Melgaço e avança que não será uma opção dos social-democratas para as autárquicas de 2021.

É apontado a cada sufrágio como um dos favoritos a encarar a corrida à autarquia, mas nega o ‘favor’ à estrutura local e é peremptório ao afirmar que nada deve ao partido. **“Pelo contrário, o partido é que se encontra em dívida para com todos aqueles que, empenhada e desinteressadamente, aceitam no dia-a-dia e nos órgãos autárquicos para que foram eleitos, dar a cara e trabalhar convictamente na sedimentação dos seus ideais e na protecção dos legítimos interesses da população”**, sublinha, em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”.

À altura desta entrevista e até ao fecho desta edição, os órgãos do PSD não tinham ainda anunciado o candidato autárquico de Melgaço. Contactado por este jornal, **o presidente da Comissão Política Distrital de Viana do Castelo do PSD, Olegário Gonçalves, avança que a lista social-democrata candidata à presidência da Câmara será encabeçada por “uma mulher”**, que irá entretanto começar a “trabalhar na candidatura se fará notar”, mas “só será anunciada oficialmente em Maio”.

Por sua vez, o líder da bancada da coligação de direita na Assembleia melgacense diz que **“a figura que com o apoio do PSD chegue ao poder terá agora, melhores condições do que nunca para lograr fazer um bom trabalho”**.

“Impensável” seria, atenta o deputado, “que o próximo processo eleitoral decorra, intramuros, com a ausência do PSD, um partido de histórica implantação no concelho. Tal ausência constituiria um forte revés para Melgaço”.

Sobre a tendência crescente do mediatismo em torno dos novos partidos, diz que **“todos os partidos fazem falta à democracia”, até mesmo o recente movimento da direita mais à direita, o Chega de André Ventura**.

“Não sou daqueles que pegam logo numa pedra para a atirar ao projecto ou ao seu líder. Entendo até abusiva a colagem que lhe tem sido feita – da parte de algumas forças políticas, de certos comentadores assalariados e de alguns candidatos a protagonistas – à extrema-direita, ao racismo, à intolerância, e à xenofobia”.

Nesta conversa com José Albano Domingues falamos ainda sobre o desenvolvimento económico do concelho e de uma comunidade que não pode esperar por uma zona Industrial “cinco, dez ou quinze anos”.

A Voz de Melgaço (AVM) – Que avaliação faz das propostas do orçamento municipal para 2021? A concretizarem-se, será um ano razoável para o concelho em termos de posicionamento estratégico para a economia do território nos próximos anos?

José Albano Domingues (JAD) – De um executivo espera-se sinais de esperança, uma marca de criatividade, um esforço para colocar o nosso concelho numa posição confortável em termos de desenvolvimento, em contrariar as estatísticas, que retratam uma contínua e preocupante degradação e absoluta descrença. Existe a tendência de as pessoas se deixarem enlevar por um discurso político apelativo, de eminente retórica, que nos acicate a imaginação, e nos transporta para um mundo mais ou menos ideal.

A verdade é que a radiografia de Melgaço nos apresenta indicadores extremamente preocupantes e que devem provocar uma reflexão coletiva. Referimo-nos,

designadamente, à crescente perda populacional – que **desde os Censos de 2011, em menos de 10 anos, diminuiu 11,6%, uma descida muito superior à da sub-região do Alto Minho, da região norte e do resto do país** – passando pelo envelhecimento da população, pelo défice no binómio saída/entrada de pessoas no concelho, o desemprego de longa duração e terminando na perda de poder de compra que é, per capita, o mais baixo da região, muito reduzido quando comparado com a região Norte e a sub-região do Alto Minho.

Somente o incremento empresarial poderá ajudar a criar dinâmicas que revertam a desertificação. Faz falta uma Zona Empresarial forte, bem infra-estruturada, direccionada para as novas tecnologias e as indústrias de ponta, assim como é essencial a aplicação de políticas fiscais atractivas e mesmo impactantes, que nos tornem diferenciadores no contexto regional. Não se pode esperar por uma **Zona Industrial cinco, dez ou quinze anos. Repare-se que já em 2017 este mesmo Executivo PS apresentava o Plano de Urbanização para a Zona Industrial de Alvaredo como estando já em fase de conclusão. Hoje, volvidos quase quatro anos, a obra ainda nem sequer saiu do papel**. Com estes timings de execução não iremos, seguramente, a lado algum.

Investiu-se em promover Melgaço como “um bom sítio para Viver”, afirmando-se que iria haver medidas de captação de novos residentes, que iria haver medidas para a promoção de nova habitação. Num ano de 2021 que será seguramente difícil para muitas famílias, o executivo PS não abdica de ficar com 200 a 250 mil euros do IRS de todos nós, melgacenses, quando tal valor poderia perfeitamente ser-lhes devolvido e servir de fermento para incrementar a economia e o comércio local, designadamente através do consumo das famílias.

Vemos os nossos vizinhos, e outros concelhos de interior, pujantes, em crescimento sustentado, apelativos, dinâmicos, e nós a perder, continuamente, o comboio do crescimento e do desenvolvimento, a divergir em vez de convergir com o todo regional e nacional.

AVM – Na Assembleia Municipal representa a coligação ‘Prá Frente Melgaço’ enquanto deputado, mas a sua luta política sempre foi enraizada no PSD. Em 2021 há eleições autárquicas. O partido ainda vai a tempo de reestruturar-se e avançar com um candidato à Câmara?

JAD – Começo por dizer que nunca escondi as minhas convicções políticas, ligadas à social-democracia, e permaneço fiel à ideologia. Permaneço convicto de que, inexistindo modelos perfeitos, a social-democracia é das menos imperfeitas. Apoia intervenções económicas e sociais do Estado para promover o bem-estar e a justiça social, dentro de um sistema capitalista, tentando reformá-lo através da regulação estatal e da criação de programas que diminuam ou eliminem as injustiças sociais inerentes a um modelo de capitalismo puro e duro.

Assume-se-me como errada a visão de que podemos, simplesmente, prescindir do capitalismo, do empresário, do investidor, de quem trabalha ambicionando o lucro. Somente havendo quem esteja disponível para arriscar o seu capital se tornará possível criar emprego, e, desse modo, ou por essa via, as bases para que as famílias possam ter um salário, um rendimento regular, um sustento, fomentando, paralelamente, o consumo, possibilitando arrecadar os impostos e as taxas necessárias a que o país e as autarquias possam, depois, criar infraestruturas e investimentos em prol do coletivo.

Para que alguém possa distribuir rendimentos ou-

trem terá de, previamente, construir, trabalhar, criar, angariar, amealhar. Não se poderá distribuir riqueza sem antes a produzir.

Posto isto, e no que concerne à força política que represento na Assembleia Municipal ou à realidade local do PSD, não tenho muito a acrescentar. Estou ciente de que nada devo ao partido. Pelo contrário, o partido é que se encontra em dívida para com todos aqueles que, empenhada e desinteressadamente aceitam, no dia-a-dia e nos órgãos autárquicos para que foram eleitos, dar a cara e trabalhar convictamente na sedimentação dos seus ideais e na protecção dos legítimos interesses da população.

É este meu desprendimento (para com o partido) que me tem permitido ter voz própria, concordar, discordar e decidir em cada momento qual o grau de participação política que devo imprimir à minha existência. Para mim, acima do partido está o concelho que me viu nascer e no seio do qual me formei como pessoa e como homem.

Na Assembleia Municipal represento a “Coligação Prá Frente Melgaço” porque aceitei, ao fim de vários anos de alheamento do processo político local, integrar um projecto no qual acreditei e continuo a acreditar, do qual faziam (e fazem) parte muitas mulheres e homens verdadeiramente considerados, respeitados, de carácter, trabalhadores e com provas dadas ao longo da vida. É para mim uma enorme honra, e verdadeiro orgulho, tê-los ao meu lado e estar eu ao lado deles.

Quem me conhece sabe que não sou pessoa de desistir, de soçobrar, de deixar de acreditar. **Apenas lamentamento que o trabalho, que reputo como muito sério e responsável, que todos os deputados eleitos pela Coligação de direita na Assembleia Municipal têm desenvolvido, não tenha a repercussão que merece junto da população melgacense, que vive um pouco desligadamente do que se passa na esfera política local e do funcionamento dos órgãos autárquicos, do que é exemplo a praticamente nula participação do público nas reuniões da Câmara e da Assembleia Municipal**.

Apesar de ser regularmente conotado com a estrutura local do PSD desde há mais de dezassete anos a esta parte, não ocupo qualquer lugar nos seus órgãos, designadamente na Comissão Política concelhia. Não me iludem, nem seduzem, os cargos de topo, pertenço às bases e considero-me uma pessoa de trabalho.

Será, pois, e a meu ver, aos responsáveis do partido, a nível concelhio ou distrital, que terá que ser posta a questão acerca de qual o seu posicionamento no processo eleitoral autárquico que se avizinha.

O que para mim, como social-democrata, enquanto Melgacense, e como cidadão, é impensável, é que o próximo processo eleitoral decorra, intramuros, com a ausência do PSD, um partido de histórica implantação no concelho. Tal ausência constituiria um forte revés para Melgaço, não só porque existem milhares de eleitores que não se reveem na forma como o PS tem conduzido os destinos do Município, mas também porque o PSD será sempre um ator fundamental para o funcionamento das instituições e dos órgãos autárquicos, seja na posição de governo ou poder seja enquanto oposição.

AVM – Se lhe for formalizada a proposta, aceitará encabeçar uma lista pelo PSD nas autárquicas 2021?

JAD – Não me cabe a mim definir quem será o candidato. A minha vida tem sido pontuada por servir causas, de forma empenhada e desinteressada, sem esperar nada em troca, seja a nível político, local e distrital, seja a ní-

eterno ‘não-candidato’ do PSD que já Melgaço “várias vezes”

do PSD Melgaço



vel cívico e social, das associações e instituições particulares de solidariedade social que tenho vivido por dentro.

Não escondo que ao longo da minha vida já fui, mais do que uma vez, convidado a encabeçar um projecto alternativo ao do poder, no que toca à Câmara Municipal de Melgaço. Até hoje sempre recusei o convite por me encontrar profundamente embrenhado e comprometido com outros projectos, a nível profissional, enquanto advogado, e a nível empresarial, para além da participação em associações, entidades e instituições, o que não me tem deixado margem para um projecto que entendo dever ser abraçado com exclusividade e a tempo inteiro.

Pessoalmente, por o meu maior partido ser Melgaço, estarei sempre disponível, num futuro mais próximo ou mais longínquo, para trabalhar e participar, desde que entenda estarem reunidas as condições que reputo

como essenciais, para se criar um projecto e desenvolver um labor verdadeiramente positivos e diferenciadores, com garantia de resultados.

AVM – Os resultados das últimas presidenciais mostraram que há quase meio milhão de pessoas disponíveis para votar mais à direita do PSD. Mesmo em Melgaço, o candidato do Chega conquistou alguns lugares cimeiros nas preferências populares. Estes resultados poderão motivar a que, mesmo por cá, possam surgir candidatos pelo Chega?

JAD – Todos os partidos fazem falta à democracia. Todos os cidadãos que, na veste e disciplina dos partidos, ou enquanto autónomos com relação às filosofias partidárias, aceitem ser candidatos ou integrem listas candidatas, são bem-vindos ao processo.

Quanto ao Chega, não sou daqueles que pegam logo numa pedra para a atirar ao projecto ou ao seu líder. Entendo até abusiva a colagem que lhe tem sido feita - por parte de algumas forças políticas, de certos comentadores assalariados e de alguns candidatos a protagonistas - à extrema-direita, ao racismo, à intolerância, e à xenofobia.

Todavia, não vejo o Chega como um partido capaz de retirar força e representatividade ao Partido Social Democrata, um partido umbilicalmente ligado à génese da democracia em Portugal, muito menos no médio prazo. Trata-se de um projeto com uma pujança e uma dinâmica que tenho por passageiras, à semelhança do que tem acontecido com outros projetos políticos que se construíram com muito fulgor mas que foram, com o passar dos anos, registando uma cada vez

menor afirmação junto do eleitorado, esvaindo-se de sentido (dou como exemplo o Bloco de Esquerda, que a nível autárquico, do meu conhecimento, não tem uma única Câmara conquistada).

O Chega vive, essencialmente, da dinâmica que lhe é imprimida pelo carisma do seu líder, que, goste-se ou não do estilo, apresenta um discurso directo, de focagem dos problemas concretos, sem filtros, sem manifestar medos, que vai de encontro ao que muita gente, tenha responsabilidades políticas ou vista a pele de simples cidadão, pensa, e gostaria de expressar, mas que, por uma razão ou outra, principalmente por não ser politicamente correto, não verbaliza.

Na realidade do eleitorado melgacense existe ainda um grande conservadorismo no que concerne ao sentido de voto, que por norma se espantilha na dicotomia PSD e PS, apenas partidos com raízes históricas, como é o caso do PCP, tendo conseguido ao longo dos tempos manter fidelizada a maioria do seu eleitorado.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RJO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

*casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias*

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

Roscas de Melgaço voltam ao mercado, agora com marca registada

Gêmeas Madalena e Fátima Barbosa inauguram espaço de fabrico e venda em breve

João Martinho



As gêmeas Madalena Barbosa e Fátima Barbosa são as continuadoras do projecto que renasce e devolve a esperança a uma tradição familiar num dos períodos mais conturbados da história global e da sua própria história.

No início de 2020, a família perdia um dos seus pilares. Maria de Sousa, a mãe de uma numerosa família que “lutou” contra as dificuldades do mundo e tinha na venda de Roscas, Rosquilhos e Papudos (ou massapães) uma forma de ‘dar o pontapé na lata’ e seguir em frente.

Pouco depois, a primeira vaga da pandemia Covid-19 suspendia por tempo indeterminado as festas populares e principais eventos onde as rosca tinham o seu principal ponto de venda. “Perder a nossa mãe foi o nosso pior desgosto, perder também as vendas deixou-nos desarmadas”, recorda Madalena Barbosa.

A ideia que agora floresce só viria a ganhar forma meses mais tarde, em Maio, quando, em conversa, alguém sugeriu que promovessem nas redes sociais as rosca que continuam a fazer-se segundo a receita que está no espólio da família há pelo menos três gerações.

“As pessoas começaram a aderir, algumas nem tinham percepção de que gostavam das rosca. A adesão de uma faixa etária mais jovem deu-nos incentivo para

continuar e fazer esta homenagem porque, para mim, era a minha ‘estrela’ que, lá em cima, estava a dar-nos uma ajuda muito grande”, confessa Madalena, a filha que conhece melhor os truques da receita.

Esta é, em linhas gerais, a história que ainda se escreve de um negócio familiar a ganhar novo alento. As Roscas de Melgaço são agora uma marca registada pelas continuadoras da vontade de Maria de Sousa e preparam-se para uma retoma que promete causar impacto dentro e fora de portas.

Estão em vias de instalar, a curto/médio-prazo, num dos espaços assinalados pelo projecto de revitalização comercial de pequenas cidades Regrow City, da rede UR-BACT, a sua unidade de fabrico e venda de Roscas, Rosquilhos e outros produtos, em dias específicos.

“Precisávamos de espaço. Este produto tem alguns processos de confeção, repouso, que não permitem fazer tudo na hora. Precisamos de um espaço para armazenamento e para produzir em

maior dimensão”, justifica Madalena Barbosa, visando enfrentar com mais confiança o reforço na aposta no mercado local e nacional, mas também “chegar aos supermercados e grandes superfícies. Tentar aí a nossa sorte”, conclui.

Perspectivam ainda, face a “alguns contactos” estabelecidos no estrangeiro, chegar aos clientes que procuram ter aí um pouco destes sabores. A nível local, além dos eventuais pontos de venda em espaços comerciais do concelho, terão em “dois dias por semana” o produto fresco, a sair da unidade de fabrico. A ideia é, também, “não tornar a rosca um produto banal”.

Longe vai também o tempo em que as rosca eram vendidas a granel, vendidas à unidade ou pesadas à dúzia, sem acondicionamento.

“Já há alguns anos, talvez há cerca de dez, fazíamos embalagem em casa. O produto já não apanhava pó nem ar, embalávamos o produto antes de chegar ao cliente. Inicialmente vendiam-se em cestos, mas apanhavam pó e estavam sujeitas a moscas e vespas, quisemos ter um bocadinho mais de cuidado nesse aspecto e além disso conservam-se muito melhor”, observa Madalena Barbosa.

Este ano, a própria embalagem terá uma actualização mais consonante com a qualidade e rusticidade do produto. As futuras embalagens serão de material mais resistente e com janela transparente para que o consumidor possa ver o produto e avaliar da sua conservação.

Contudo, fica desde já avisado dos prazos preferenciais de consumo que garantem uma apreciação do produto sem perda de qualidade: Os Rosquilhos e os Papudos (ou Massapães) “devem ser consumidos no dia da compra ou no dia seguinte” e as Roscas “segundo avaliação laboratorial, têm validade de um mês”.

Madalena Barbosa está ainda a trabalhar, em conjunto com outros agentes locais, na criação de um cabaz completo de produtos que levem uma completa experiência dos sabores de Melgaço a casa de todos os que encomendem este pacote, onde não faltarão as Roscas aqui destacadas.

Com a próxima Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço a realizar-se em moldes diferentes, em programa previsto para os fins-de-semana de 7 a 9 e de 14 a 16 de Maio (ver programa nesta edição), a melhor forma de chegar aos apreciadores será através de um pack de degustação que poderá ser comprado via on-line.

No concelho, a confirmarem-se as melhores expectativas de abertura do seu espaço de fabrico e venda para o mês de Maio, Madalena Barbosa quer que a parceria a estabelecer com os restantes agentes locais por altura da festa dos produtos locais se estenda à montra da sua loja, que se chamará “Recordações de Outrora” para homenagear a história da sua mãe e a história dos produtos que hoje são parte do motor económico do concelho.

Fotos (produto e produtoras): Fernando Lima



TRANSPORTES
SEMANAIS
ENTRE

 PORTUGAL

 FRANÇA

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA




CONTACTOS:

FRANÇA Tlm: 06 08 07 18 61

PORTUGAL Tlf: 251 418 046
Tlm: 967 559 270
Tlm: 914 827 484

e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

MORADA:
Lugar da Igreja
Roussas
4960 MELGAÇO

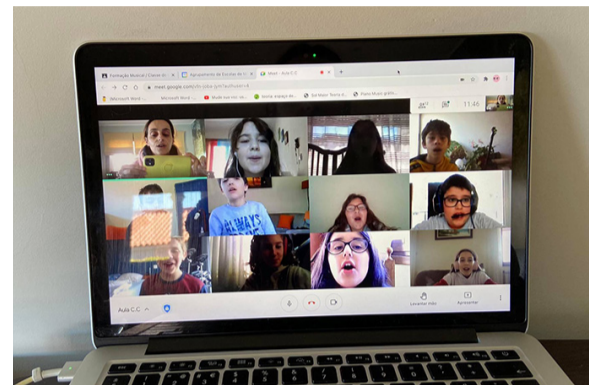
ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

Academia Musical de Monção quer estender Ensino Artístico Especializado da Música aos alunos de Melgaço

Formação pode ser articulada com o horário escolar

João Martinho

Beatriz Barbosa, directora pedagógica da Academia Musical de Monção há três anos, é natural de Viana do Castelo e quer trazer o ensino da academia e o Ensino Artístico Especializado de música às escolas de Melgaço, terra de origem do seu avô materno. Músico de profissão, Leonel Alves tocava trompete e saxofone na Banda Musical de Monção e Vila Verde e foi ainda professor de música em Viana do Castelo.



Beatriz Barbosa provou que saiu aos seus e soma também uma vasta formação e experiência na área da música (ver informação no final deste texto) que quer alargar para os alunos de Melgaço.

No concelho vizinho, até Março do corrente ano, havia 89 alunos inscritos na Academia Musical de Monção / Escola de Música da Banda Musical de Monção, desde a iniciação ao Ensino Secundário. Cerca de 60 alunos frequentam o ensino livre, 13 no Ensino Articulado da Música e 16 em Iniciação Musical. E nem a mudança de modelo de ensino devido à pandemia Covid-19 dificultou a aprendizagem.

“Como no restante ensino, as aulas mantiveram-se nos horários habituais, embora com tempos síncronos menores, e algum tempo assíncronos. As aulas de instrumento foram sempre síncronas e houve ainda o envio de alguns vídeos por parte dos alunos. É claro que tivemos de nos adaptar rapidamente, fizemos reuniões e acções de formação para preparação dos professores e estamos a utilizar essencialmente o Google Workspace, o Classroom para a parte assíncrona e para a síncrona usamos preferencialmente o Meet, mas também o Jitsi Meet, o Whatsapp ou o Zoom, conforme o possível ou desejável para cada situação ou aluno”, conta-nos a professora e Directora pedagógica da Academia, confessando que as dificuldades maiores não se prenderam com a adaptação às plataformas, mas com a qualidade dos equipamentos ou da internet.

“As dificuldades surgiram mais a nível da qualidade da Internet e dispositivos existentes em cada casa, mas a avaliação é tão importante como a de qualquer outra disciplina, e os nossos alunos são muito exigentes com as suas classificações e progresso. Claro que nada supera o ambiente de aprendizagem das aulas presenciais, mas se tudo correr bem, em breve voltaremos a esse registo e conseguiremos concluir o ano letivo com todos os objetivos alcançados”, perspectivou ainda Beatriz Barbosa.

Ainda em perspectivas, a Academia quer alargar a formação musical a Melgaço com o **Ensino Artístico Especializado (EAE) da Música**. **Beatriz Barbosa explica em síntese como é este modelo de ensino**

se articula com o restante plano escolar.

“São cursos de nível Básico e/ou Secundário para alunos que pretendem desenvolver aptidão pela música, através de uma rede de escolas do ensino artístico especializado da música, academias ou conservatórios, com o ensino legalmente oficializado. **As aulas podem ser na escola do ensino regular ou na escola do ensino da música. A escola do ensino articulado da música oferece as disciplinas de educação artística especializada, sendo os alunos dispensados de duas disciplinas da escola do ensino regular: Educação Musical e Educação Tecnológica.** O horário é sempre ajustado no início do ano pelo agrupamento e a academia de música”, notou.

Quais são por isso os requisitos para que esta proposta de enriquecimento curricular chegue aos alunos de Melgaço?

“O EAE abre concurso cada dois anos. No primeiro ano que concorremos conseguimos financiamento e já temos uma turma, no próximo ano teremos duas. Alargar implica um concurso para ser financiado. Muitas academias funcionam com os apoios do município e de outras entidades, ou uma mensalidade a pagar pelo aluno de forma a ser possível a sobrevivência da academia”, esclarece Beatriz Barbosa, prometendo estabelecer brevemente contactos com o município e o Agrupamento de Escolas de Melgaço para trabalhar uma proposta que viabilize a implementação do EAE da Música já no próximo ano lectivo.

Sobre o ensino em questão e a abrangência de ensino de instrumentos, a directora pedagógica dá nota da versatilidade e variedade de gostos dos alunos de Monção.

“Curiosamente, o primeiro ano lectivo foi muito peculiar. **Tivemos muitos interessados nos instrumentos de sopro, flauta, clarinete, saxofone e percussão e temos alguns pianistas**”, exemplificou.

Sobre a música e os benefícios de aprender um instrumento, a responsável da Academia traça uma série de vantagens que poderão ser notórias nas crianças e jovens ao longo do processo de aprendizagem e crescimento,

mas também nos adultos.

“A música é um bem maior para qualquer pessoa, jovem, adulta ou sénior. São muitos os estudos científicos que comprovam a eficácia da aprendizagem de um instrumento musical, da leitura musical e do canto: Elimina os níveis de stress, melhora a capacidade psico-motora, eleva o desempenho cognitivo, concentração, entre muitos outros benefícios. Isso daria outra entrevista, mas posso afirmar que o estudo da música e de um instrumento musical vão ao encontro do perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória e no geral, melhoram até o rendimento escolar dos alunos nas restantes disciplinas do currículo”.

Sobre Beatriz Alves Barbosa:

Iniciou os estudos musicais na Academia de Música de Viana do Castelo, ingressou na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, na classe de Violino. Frequentou o Conservatório Superior de Música de Vigo na Classe de Violino. Licenciou-se em Direcção Coral na Universidade do Minho no curso de Direcção Coral. Concluiu o Mestrado em Ensino da música pela Universidade Católica Porto.

Participou em estágios de orquestra com os maestros Jaime Mota, Emílio de César, António Saiote, Miguel del Castillo, Leonardo de Barros, Manuel Hernandez Silva, José Gomes, Francisco Peres e Manuel Martinez Alvarez-Navarra.

Frequentou cursos de aperfeiçoamento com os maestros D. José Gómez, Maestro Luís Vila, Maestro Filipe Carvalheiro, Dr. Jorge Mata, Martin Baker, D. Javier Viqueiro Filgueira, Maestrina Elisenda Carrasco, Jonathan Ayerst, Alan Woodbridge.

É professora do Ensino Artístico Especializado, Maestrina e directora artística do Coro Sénior do Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo e Directora pedagógica da Academia Musical de Monção.

Formadora certificada pelo conselho científico-pedagógico da formação contínua de professores, onde lecciona Técnica Vocal para Professores.

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO)

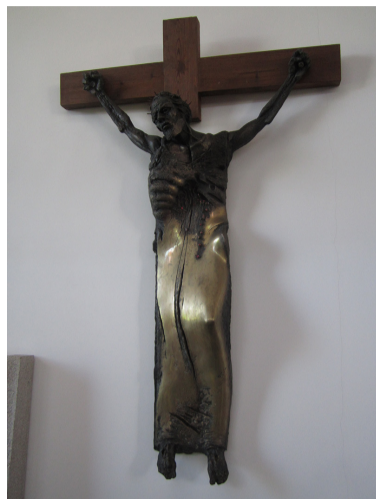
ESPANHA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO

Memória Páscoa 2021

A Luz de Cristo Ressuscitado ilumina a Humanidade

José Rodrigues Lima



Há sinais festivos... Ouvem-se os toques constantes das campainhas e os sons dos sinos nos campanários das igrejas, anunciando a todos a grande festa da Ressurreição de Jesus.

São tons e sons de ALELUIA...

Alegre-se o céu e rejubile a terra... ALELUIA

A Páscoa está associada à ressurreição da natureza e por isso relacionada com a festa da LUZ e das flores... Há perfumes a toda a hora...

É um tempo novo... Há música no ar... É a Festa da Vida...

Envolvem-nos referências cósmicas, teológicas e escatológicas.

Há simbologia com água, lume novo, amêndoas, pão de ló, folares, ovos e nas refeições familiares à volta da mesa com toalhas lindas.

Acontece a festa comensal conforme a tradição bíblica.

A FÉ em Cristo Ressuscitado cria um ambiente festivo, contagiante e as saudações são mais ternas.

Cristo ressuscitou e quer fazer a festa no mais íntimo do coração de cada um.

Páscoa é acreditar no amanhã...

Cristo Ressuscitado é o rosto visível do Deus invisível.

ALELUIA, ALELUIA!

FESTA DA VIDA

A LUZ DE CRISTO VENCEU AS TREVAS DA NOITE

“... Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem acredita em mim nunca morrerá.” (Jo. 11,25)

“Cristo é a luz dos povos”, sublinha a Constituição Dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II.

“Somos filhos da luz”, regista a Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo, documento do citado Concílio.

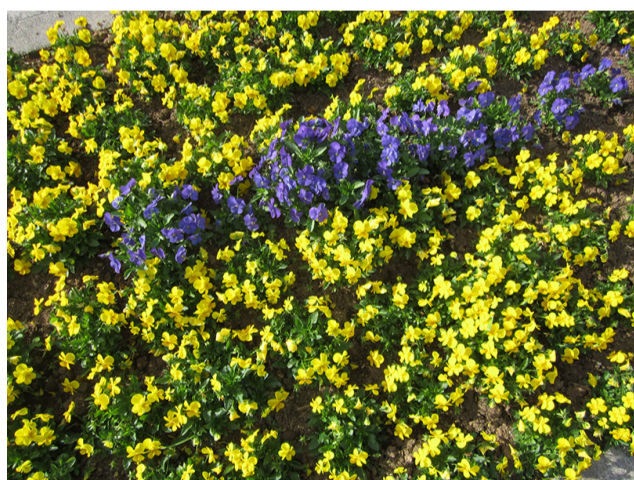
“Deus disse: Faça-se a luz. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz e às trevas a noite. Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã; foi o primeiro dia.” (Génesis 1,3-5)

Antes de criar os astros luminosos Deus criou a luz. Na Bíblia a luz está associada a tudo o que é positivo, divino; ela é o resplendor do próprio Deus. Por isso, é a primeira criatura.

“Deus é a Luz. Eis a mensagem que ouvimos de Jesus e vos anunciamos. Deus é Luz e n'Ele não há nenhuma espécie de trevas.

Se dizemos que temos comunhão com Ele, mas caminhamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Pelo contrário se caminhamos na Luz, como Ele, que está na Luz, então temos comunhão uns com os outros, e o sangue do seu filho Jesus purifica-nos de todo o pecado”. (1 Jo. 1, 5-7)

No prólogo de São João Evangelista podemos ler: “Nele é que estava a vida de tudo o que veio a existir. E a vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou, mas as trevas não o receberam. Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamou João. Este vinha como testemunha para dar testemunho da Luz e todos creiam por meio dele. Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz. O Verbo era a Luz verdadeira que ao vir ao mundo a todo o homem ilumina.” (1 Jo. 1,5-7)



CLÍNICA DE OTORRINO
LARINGOLOGIA
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular
Viana do Castelo
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

Allianz Liberty Seguros LUSITANIA SEGUROS ageas

MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133



Continua na pág. seguinte

Jesus falou-lhes novamente: “Eu sou a Luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a vida eterna”. (Jo. 8,12)

“Vós sois o sal da terra e a luz do mundo... Assim brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está no céu.” (Mat. 5,14-16)

“É que outrora ereis trevas, mas agora sois Luz, no Senhor. Procedei como Filhos da Luz, pois o fruto da Luz está em toda a espécie de bondade, justiça e verdade, procurando discernir o que é agradável ao Senhor. E não tomareis parte nas obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, denunciad-as. Porque o que por eles é feito às escondidas até dizê-lo é vergonhoso. Mas tudo isso se denunciado é posto às claras na Luz, pois tudo o que é posto às claras é Luz. Por isso se diz: desperta tu entre os mortos, levanta-te de entre os mortos, Cristo brilhará sobre ti” (Ef. 5, 8-14)

“Por um pouco de tempo ainda a Luz está no meio de vós. Caminhai enquanto tendes a Luz, de modo que as trevas não vos apanhem, pois quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes a Luz, crede na Luz, para vos tornardes Filhos da Luz. Jesus disse estas coisas, foi-se embora e ocultou-se deles”. (Jo.12,35-36)

“Na verdade todos vós sois Filhos da Luz e filhos do dia” (1 Te. 5,5)

“Quem diz que está na Luz, mas tem ódio ao seu irmão ainda está nas trevas. Quem ama o seu irmão permanece na Luz e não corre perigo de tropeçar. Mas quem tem ódio ao seu irmão, está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai por que as trevas lhe cegaram os olhos.” (1 Jo. 2,8)

“Jesus Cristo Filho unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus; Luz da Luz.”

Assim professamos no Credo.

“Os atributos bem conhecidos do espírito são a vida e a Luz. A Luz é antes de mais, poder de revelação, e por isso ao Deus revelado se chama Deus-Luz.”

“Na tua Luz conheceremos toda a Luz” (Salmo 36,10)

O Tempo Pascal cria um ambiente de fraternidade, partilha, compreensão e acolhimento.

A Luz de Cristo Ressuscitado gloriosamente nos dissipa as trevas do coração.

CAMINHEMOS NA LUZ DE CRISTO

“Não se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim ilumina todos os que estão em casa”.

A Luz que transportamos dentro de nós é para partilhar com os outros para que possam ser iluminados.

A Páscoa não é simplesmente uma festa entre outras: é a “festa das festas”, a “solenidade das solenidades”, tal como a eucaristia é o sacramentos dos sacramentos, bem como a Semana Santa é chamada no Oriente a “Semana Maior”. O mistério da Ressurreição em que Cristo aniquilou a morte.

No Concílio de Niceia (em 325) todas as Igrejas acordaram em que a Páscoa Cristã fosse celebrada no domingo a seguir à lua cheia (14 de Nisan), depois do equinócio da Primavera.

A PALAVRA PÁSCOA SIGNIFICA PASSAGEM

O signo linguístico Páscoa, derivado do hebraico, do grego e do latim significa passagem.

As narrativas bíblicas referem, abundantemente, a libertação do povo que vivia na escravidão e passou para o estado de liberdade.

“Deus ressuscitou Cristo de entre os mortos, e Ele está sempre entre nós todos os dias até à consumação dos séculos, ensinando-nos e guiando-nos pelas verdades da justiça, e fortalecendo-nos na pregação da Boa Nova do Evangelho”. (Mat. 28,16-20)

A Páscoa é um convite à mudança: passagem do pecado à graça; da fome ao pão; do desânimo ao ânimo; do subdesenvolvimento ao desenvolvimento; da morte à vida; da doença à saúde; do analfabetismo à literacia; da rua à casa; da barraca à habitação digna; da injustiça à justiça; da exclusão à inclusão; do desemprego ao emprego; da indignidade à dignidade; da angústia à serenidade; das sombras à luz; dos medos à confiança; da corrupção à honradez.

A caminhada deverá ser com esperança viva e confiança, alegre na nova criação, manifestando a fraternidade da vida nova em Cristo Vivo e Ressuscitado.

Alegremo-nos, pois Cristo Ressuscitado está vivo na história dos homens.

COMPASSO-VISITA PASCAL

Estando de acordo com Geraldo Coelho Dias, professor universitário e monge, “para nós o compasso era o desenvolvimento ritual e solenizado da bênção das casas”.

“Em tempos recuados, o pároco respectivo podia, com tranquilidade, por si ou encomendado, na altura da Páscoa visitar e benzer as casas dos seus paroquianos”.

Com a mudança social houve alterações de aspectos pastorais.

O compasso, sublinha o citado historiador “por extensão ou sinédoque, é uma forma abreviada da expressão latina “CRUX CUM PASSO DOMINO”, isto é, designação da cruz litúrgica que preside aos ritos cristãos.

Daí que em todas as paróquias ou freguesias, subsiste ainda o “JUIZ DA CRUZ” ou “mordomo”, que deve empunhar solenemente a cruz paroquial nas grandes cerimónias anuais.

Por isso, a Cruz da Cruz, COMPASSO, adornada e perfumada acompanha o pároco quando ele, na alegria pascal, vai benzer as casas dos seus paroquianos.

Na zona Entre Douro e Minho, o costume da Visita Pascal esta mais enraizado.

O assunto foi abordado no Sínodo da Diocese de Braga, em 1918, fazendo-se a visita pascal segundo o decreto do prelado D. António Bento Martins Júnior, de 21 de Novembro de 1942, artigo 23 e seguintes.

REVELAÇÕES DE ALELUIA

Há localidades onde os registos etnográficos singulares, se destingem nos cerimoniais da visita pascal.

Assim, é de referenciar o encontro das cruces no largo das Neves, confluência das localidades de Vila de Punhe, Mujães e Barroelas, à volta da mesa dos três abades.

Este cerimonial decorre com grande participação dos habitantes, não faltando uma banda de música, ao mesmo tempo que se trocam saudações acompanhadas pelos doces pascais e um cálice de bom Vinho do Porto.

A visita pascal em Fontão, em Vitorino das Donas e a cerimónias transfronteiriças da aleluia em Cristelo Covo, Valença, são manifestações que têm merecido a investigação antropológica pela sua tipicidade.

O padre português e o “cura galego” atravessam o rio Minho no cerimonial que envolve o grande simbolismo das águas correntes e da fertilidade.

A MINHA ALDEIA DA PÁSCOA

Minha aldeia na Páscoa...Infância mês de Abril!
Manhã primaveril!

A velha igreja,

Entre as árvores, alveja

Alegre e rumorosa

De puro, luzes, flores...

E, na penumbra dos altares cor de rosa,

Rasgados pelo Sol os negros véus,

Parece até sorrir a Virgem mãe das Dores.

Ressurreição de Deus!

Domingo da Esperança!

Aleluias fazendo uma outra luz, no ar...

(Os olhos me ficam de criança,

Que para mim é ver o recordar)

Sai o Compasso. Em pleno azul, erguida

Entre a verde folhagem das uveiras,

Rebrilha a cruz de prata florescida...

Na igreja antiga a rir seu branco riso de cal,

Ébrias de cor, tremulam as bandeiras...

Vede! Jesus lá vai, ao Sol de Portugal!

Ei-lo que entra contente nos casais;

E, com amor, visita as rústicas choupanas.

E Ele, Esse que trouxe aos míseros mortais

As grandes alegrias sobre-humanas

Lá vai, lá vai, por íngremes caminhos!

Linda manhã, canções de passarinhos!

A campanha toca: aleluia!

Aleluia!

La vai o padre e a sua branca estola

E o seu ramo de flores.

E, às portas espelhado, o rosmaninho evolva

Velhos trabalhadores,

Por quem sofreu Jesus,

E mães, acalentando os filhos no regaço,

Esperam o Compasso...

E, ajoelhando, com séria devoção,

Beijam os pés da Cruz.

Teixeira de Pascoais
“Obras Completas” - 1.º Vol.

PÁSCOA É ACREDITAR NO AMANHÃ...

ALELUIA! ALELUIA!

BOAS FESTAS PASCAIS...



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

Vendem-se
Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:

251 414 973 / 969623094



O lugar de Cavaleiros (Rouças - Melgaço) e a sua capela de S. Mamede: alguma História

Na freguesia de Rouças, perto dos antigos limites com a freguesia da Vila de Melgaço, situa-se o lugar de Cavaleiros, um dos lugares mais antigos do nosso concelho, citado em documentos desde há mais de 850 anos.

Na verdade, é um dos lugares mais referenciado em documentação histórica em tempos antigos. Temos notícia de Cavaleiros desde o século XII, nomeadamente no Livro de Datas de Fiães. Segundo PINTOR, M. (1975), Cavaleiros foi uma vila em tempos antigos e já tinha este nome em 1160, ano em que foi vendida uma propriedade neste lugar por uma freira de nome Marinha Pais ao Mosteiro de Fiães.

Segundo o mesmo autor, o nome do lugar pode vir-lhe do facto de ali terem vivido guerreiros de qualquer Ordem de Cavalaria. Todavia, na Corografia do Padre Carvalho da Costa, publicado em 1706, faz alusão a uma possível origem do topónimo "Cavaleiros", onde se pode ler: "A Condessa Dona Fronilla deu a este Mosteiro [Fiães] e ao seu Abade João em Janeiro do anno de 1166 a Quinta de Cavalleiros junto de Melgaço, cousa boa, particularmente de vinhas entendemos que com ela lhe daria também a Igreja de Nossa Senhora da Orada alli pegado, que os Frades dizem foi Mosteiro de S. Bento, e fundado quando se edificou o de Feães, de que veio a ser Priorado. Outros dizem (o que tenho por mais certo, e alguns sinais mostra para isso) que foi de Cavaleiros Templários, de que esta quinta tomou o nome, que era passal seu." (COSTA, A., 1706)

Do século XIV, é uma lápide sepulcral que foi encontrada nos anos 50 do século passado junto ao Mosteiro de Fiães. A dita lápide pertencia a um residente, seguramente ilustre do lugar de Cavaleiros. Como sabemos isto? Na dita pedra, encontra-se a seguinte inscrição:

E:M:CCC:LIII KL'S IULI
O' M:Ih'IS DE CAVALEIROS

Segundo leitura de PINTOR, B., (1975), deve interpretar-se assim:

"Era 1354 calendis Julii obiit Martunis
Johanes de Cavaleiros"

Tal inscrição, em linguagem corrente, deve ler-se: "Na era de 1354, nas calendas de Julho, faleceu Martinho Joanes de Cavaleiros". A era de 1354 corresponde ao ano de 1316.

Cavaleiros é citado também no Foral concedido a Melgaço em 1513 pelo rei D. Manuel I como sendo reguengo, e do qual se transcreve este extrato: "(...) E na freguesia de Rouças, o casal de Cavaleiros que três Pero Mouro paga sabido de pão vinte alqueires, a saber, quinze de centeio e cinco de milho, e uma



marrã. E se não tem escritura de obrigação pode-se mudar ao quarto se quiser".

Neste lugar da freguesia de Rouças, ficava a já citada e muito antiga Quinta de Cavaleiros que passou por diversos proprietários, desde a Condessa Dona Fronilla, no século XII, ao Mosteiro de Fiães. Sabemos que em 1837 o Padre António Bernardo Gomes da Cunha, Cavaleiro da Ordem de Cristo e pároco de S. Paio, a comprou aos frades bernardos de Fiães. ESTEVES, A. (2003) Todavia, pelo meio, sabemos que aqui morava, em meados do século XVII, Francisco Pinheiro de Figueiroa, sargento-mor das ordenanças da vila de Melgaço. (FERNANDES, V., 2010).

Este lugar é ainda descrito em finais do século XIX no célebre livro "O Minho Pittoresco", publicado em 1886, por onde o autor passa na sua viagem rumo a Fiães e Castro Laboreiro e onde regista a seguinte nota: "Atravessamos o pittoresco lugar de Cavaleiros, onde existe a capela da Senhora das Dores, cuja festa se realiza em setembro, e que domina um pequeno mas formoso vale, e assim vamos caminhando, levando à esquerda a montanha, e à direita os pequenos tabuleiros arrelvados, que descem até ao regato de Souto dos Loiros, sobre cujas margens se levantam frondosos soutos de castanheiros." (VIEIRA, J., 1886).

A capela citada neste extrato e que ainda hoje existe é dedicada a S. Mamede, cuja construção poderá remontar ao século XVII. Todavia, é bem possível que já existisse uma velha ermida neste lugar no século XIII com este orago. Esta afirmação fundamenta-se num documento da época em que o atualmente chamado Rio do Porto, foi nomeado como rio "de S. Mamede" o que prova que, de alguma maneira, já na época, o lugar teria alguma tipo de ligação ao referido santo. Deixamos aqui

algumas notas históricas acerca da dita capela.

Desconhecemos a época exata da construção da primitiva capela, ainda que suspeitamos que pudesse já existir no século XIII, conforme referimos atrás.

Sabemos, contudo, que no princípio do século XVIII, a capela estava completamente arruinada, tendo a obrigação de a fabricar os povos das aldeias circundantes. Desta forma, em 1739, dá-se o início da construção de uma nova capela, dedicada a São Mamede e à Senhora da Escravitude, no lugar de Cavaleiros de Cima. Em 1740, a 13 Julho a capela é benzida após a sua conclusão, dizendo a primeira missa o Padre Manuel da Cunha Lira. Pouco depois, os fregueses conseguiram autorização do Senado Municipal para venderem, no monte baldio da Costa da Rolha, uma tapada, cujos rendimentos cobrissem as despesas anuais do culto. Aqueles tinham a obrigação, no entanto, de vedarem no monte a tapada.

Em 1742, a 14 Fevereiro, o visitador queixa-se dos fregueses que estavam obrigados a trabalhar na parede da tapada se escusarem da obra, estipulando que o pároco os devia intimar e obrigar a continuar a obra, multando-os em 100 réis cada vez que faltassem. Posteriormente, o Padre Manuel António Pinheiro de Figueiroa, ao fazer com os mesários da Confraria das Almas do Purgatório, de Rouças, um contrato de doação sujeito a missas, estipula a obrigação anual de uma missa cantada a 24 de Setembro, dia da Senhora das Mercês, a que chamam Senhora da Escravitude, com a esmola de 500 réis e cera, e uma missa rezada a 17 Agosto, dia de São Mamede, com esmola de 120 réis, ambas na capela de Cavaleiros. Para satisfação e complemento desta obrigação, o Padre dava à Confraria 50\$000 em dinheiro, os quais seriam pagos após o seu falecimento. No seu testamento, o Padre Manuel Pinheiro diz que o seu herdeiro deverá mandar fazer uma coroa de prata à Senhora da Mercê da Escravidão, no lugar de Cavaleiros.

D. Maria Teresa de Gondar Sotomaior, D. Isabel Ventura de Castro Sousa e D. Maria Luísa de Sotomaior, primas do Pe. Manuel António Pinheiro de Figueiroa, incrementaram o culto na capela de São Mamede. Contudo, em 1755, a 29 de Dezembro, as mesmas senhoras instituíram na Confraria das Almas de Rouças um outro legado de missas. Contrataram entre si fundarem perpetuamente uma "capela" de domingos e dias Santos na capela, e no dia de Nossa Senhora dos Prazeres (a primeira 2ª feira de Pascoela), uma missa cantada com assistência de 4 clérigos, doando ainda 250\$00; as ditas capelas terão princípio depois do falecimento da primeira destas senhoras.

Alguns anos antes, em 18 de Março de 1746, foi feito o registo de provisão a favor dos moradores dos lugares de Mijanços, Corga, Cabanas, Cabreiros, Riba de Souto, Paço, Requeijo e todos os mais declarados na provisão, para se colocar confessorário nesta capela de São Mamede, deste lugar de Cavaleiros.

Cavaleiros é, como vemos, um lugar com muita História e com mais de 800 anos de existência comprovada. Tem sido povoado de forma continuada nos últimos séculos, conforme nos mostram os registos de batismos e óbitos ocorridos neste lugar, com os dados organizados na seguinte tabela:

Períodos (5 anos)	Nº de Batismos	Nº de Óbitos
1705 - 1709	3	Sem dados
1856 - 1860	11	6
1905 - 1909	8	3

Fontes consultadas:

- COSTA, Padre António Carvalho da (1706) - Corografia Portuguesa, tomo I, Valentim da Costa Deslandes, Lisboa.
- ESTEVES, Augusto C. (2002) - Obras Completas. Volume I, tomo 2; Edição: Câmara Municipal de Melgaço.
- FERNANDES, Vasco Q. (2010) - Pereira de Lira e Castro, da Casa dos Picoutos. In: Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica n.º 9, Gabinete de Estudos de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto, Porto.
- PINTOR, Pe M. A. Bernardo (1975) - Melgaço Medieval. Augusto Costa & Lda, Braga.
- VIEIRA, José Augusto (1886) - O Minho Pittoresco, Tomo I, Livraria de António Maria Pereira-Editor, Lisboa.

Atleta de Minas Gerais quer criar Centro de Caminhada Atlética em Melgaço

João Martinho



Amauri Luís da Silva – ou ‘Minas’, como diz ser mais conhecido desde criança – é um atleta natural de Juiz de fora, Minas Gerais (Brasil) que quer implementar em Melgaço um Centro de Caminhada Atlética.

Está em Portugal há cinco anos e em Melgaço há cerca de seis meses, onde se estabeleceu como residente depois de intensa procura de um espaço natural e

condições para instalar aquela que pretende ser a primeira base de Caminhada Atlética.

Já calcorreou os trilhos do concelho, da Vila a Castro Laboreiro, Lamas de Mouro, Fiães e o alto de São Tomé (Penso) e, deslumbrado, diz que é o contexto ideal para arrancar com a academia de treinos que englobará, além da caminhada atlética, o futebol e vários eventos de lazer e animação turística.

Chegou ao concelho em momento atípico, com a pandemia a obrigar a adiar a operacionalização de planos, mas aproveitou a paragem para estabelecer contactos com empresários, entidades locais e conhecer os trilhos que futuramente utilizará como plataforma de treinos.

Futuramente, perspectiva o atleta que há mais de três décadas tem a caminhada atlética como foco, a academia ganhará espaço físico e equipa técnica para apoio conveniente aos atletas que terão Melgaço como destino para os diversos treinos que o Centro de treinos pretende administrar.

O jornal “A Voz de Melgaço” esteve á conversa com o atleta e publicará na próxima edição o texto integral onde dá nota das intenções do seu projecto, o envolvimento com a comunidade que pretende promover e a criação de uma imagem de marca associada a Melgaço no âmbito da Caminhada Atlética e que poderá tornar o concelho uma referência na modalidade.



A coragem da Irmã Ann: imagem que corre mundo!

Costa Guimarães



Ajoelhou-se e implorou-lhes para pararem. «Em nome de Deus, poupai aquelas jovens vidas. Levei a minha» — gritou a irmã Ann Nu Thawng, ajoelhada perante um pelotão de soldados birmaneses, transformando esse apoio numa ação corajosa e decisiva para evitar uma carnificina.

É uma verdadeira heroína. Só com o seu apelo sentido a Ir. Ann conseguiu travar os militares que se enfureciam sobre os jovens. É um modelo para a Igreja em todo o Myanmar. E, depois de ter acalmado os ânimos, apressou-se a ir tratar os feridos.

A imagem desta religiosa da Ordem de S. Francisco Xavier – na diocese de Myityina, no norte de Myanmar –, correu o mundo, como símbolo da vasta onda de protestos contra o golpe de Estado naquele país do Sul asiático.

Ela tinha permanecido entre as paredes do seu convento, apoiando com o silêncio, a oração, o encorajamento espiritual, aqueles jovens que desfilavam apaixonados pelas ruas, pedindo liberdade e democracia. Olhava-os com atitude materna e o afecto que os adultos dirigem aos adolescentes e aos jovens tão repletos de ideais, de sonhos, de energias voltadas para o bem.

A Catedral católica de São Columbano, no norte de



Myanmar, acolheu vários jovens que protestavam contra o golpe militar no país, tendo a política disparado sobre os manifestantes, dois dos quais morreram.

A irmã Ann Nu Thawng ajoelhou-se diante das forças de segurança, pedindo que não atirassem contra jovens desarmados, naquele dia 8 de março — Dia da Mulher — marcado por uma dura repressão das forças de segurança contra os jovens manifestantes em todo o país.

A cidade de Myitkyina, capital de Kachin, no norte de Myanmar, tem cerca de 1,5 milhões de habitantes, dos quais mais de 550 mil são cristãos e as forças de segurança abriram fogo e mantiveram o cerco á catedral.

Num dia dramático para Myanmar, o mais sangrento desde que começou o protesto da população birmanesa que se opõe ao golpe militar de 1 de fevereiro, a audácia da Irmã Ann Nu Thawng recordam o sacrifício de muitos mártires da fé. Praticamente quatro semanas após o início da crise, a repressão do exército tornou-se mais dura e violenta, e a polícia abriu fogo sobre a multidão indefesa. O embaixador de Myanmar na ONU, Kyaw Moe Tun destacou-se com uma sentida intervenção em favor dos manifestantes, e, censurando a ferocidade da junta militar, concluiu com o sinal distintivo dos três dedos



levantados, o que lhe valeu o imediato despedimento.

Em Myitkyina, capital do estado de Kachin, território onde os cristãos são cerca de um terço da população (mais de 550 mil em 1,6 milhões de habitantes), os manifestantes estão nas ruas desde há semanas.

O ajuntamento chegou ao convento católico de S. Columbano, onde residem as irmãs de S. Francisco Xavier, que administram um dispensário e uma pequena clínica para os doentes mais carenciados. Ann Nu Thawng escancarou os portões e desceu à rua, dirigindo-se, indefesa, ao encontro da polícia alinhada em posição antitomotim. De joelhos, ergueu as mãos para Deus e implorou: «Não disparem, não matem sangue inocente. Se quiserem, atinjam-me a mim». O profético e destemido gesto deixou os agentes surpreendidos e aqueles soldados, também eles jovens, não tiveram a força de ir mais além, enquanto uma lágrima regava os seus rostos.

A coragem da Ir. Anna permitiu a cem manifestantes encontrar refúgio no convento, enquanto 40 feridos foram conduzidos à clínica, onde receberam os primeiros socorros. A violência cessou, e o confronto, que podia ser uma tragédia, cessou naquele momento.

Viajar pela Birmânia – 5

M. J. Lobo Elias



Os barcos locais, longos mas baixinhos e leves, porque navegam num lago onde a superfície da água é calma



Festejos na lua cheia de Outubro no Lago Inle. Reparem que eles remam com a perna enrolada no remo!



Barcos a deslizar no Lago Inle nos festejos da Lua cheia de Outubro... Duas semanas a percorrer as aldeias à beira de água, as stupas e templos ribeirinhos



Barco todo dourado de encerramento do cortejo e que transporta dentro estátua de Buda. Com os monjes e os remadores...



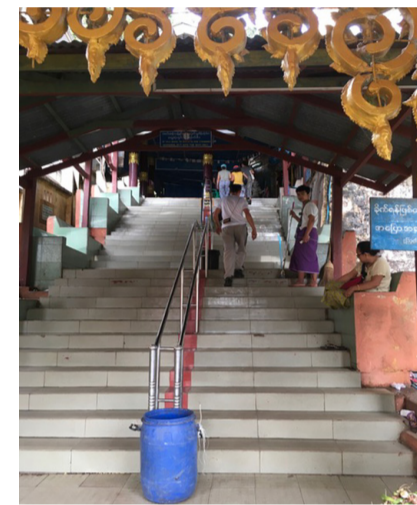
A subida: o negócio criando as oportunidades de paragem descanso!



Monte Popa. A entrada para a escadaria dos 777 degraus guardada por 2 elefantes



Descansando na subida... 777 degraus!



O acesso às salas dos "nats" é por esta escadaria, coberta, e sempre a ser varrida...



Outro recanto das salas dos "nats". Difícil de descrever...



Uma figura feminina pertencente aos "nats" com dádivas recebidas



Alguns dos "nats" com as ofertas aos pés. O vestuário cuidado e colorido!



Este banco no acesso ao Monte Popa, tão bem enquadrado lá no alto, convida a sentar para uma foto inesquecível!

Esta segunda visita pela Birmânia, mais longa e mais integrada em pontos visitados e em programas de vivências locais, foi de um enorme enriquecimento, não só pelo conjunto de novas áreas abrangidas, mas muito concretamente pelo calendário escolhido – o mês de Outubro- abrangendo a sua lua cheia que marca um dos principais festivais, tão especial para este povo.

Recordo que uma anterior e breve viagem me levou a voltar a este país sete anos depois: desta vez por três semanas, em Outubro de 2019. A mesma sensação de simpatia e afabilidade dos locais nos percursos efectuados sempre muito bem acolhidos pelos locais, numa vivência de partilha com o tradicional ritmo dos habitantes. Registos inesquecíveis.

O Monte Pôpa em imagens

Neste tópico que abordei a finalizar o artigo anterior, descrevi um pouco o Monte Pôpa, um antigo vulcão há muito extinto, com 225 m de altura, considerado o principal local de peregrinação no culto dos 37 "nats", o que significa "deus". Esta crença antiquíssima mantém-se principalmente na população rural birmanesa.

É surpreendente que se tenha mantido mesmo após

a adopção oficial do budismo no século X pelo rei que então governava, como então referimos, e continue até aos nossos dias. Este local, de origem vulcânica, é muito popular e considerado como possuidor de uma energia especial.

Só hoje envio, por uma questão de espaço, várias imagens fotográficas que nos mostram originalidades deste local antiquíssimo de peregrinação, herança de crenças primitivas, muito "sui generis" e que seguem devidamente legendadas. São imprescindíveis para captar o ambiente e alguns curiosos pormenores. Os 777 degraus da subida são ocupados por vendedores, visitantes, devotos e...alguns macacos à solta!

Toda esta heterogénea diversidade pelos largos degraus acima distrai-nos e reflecte-se numa boa solução para realizar a subida quase sem nos darmos conta da sua extensão. Aliás, um modo sugestivo de sugerir paragens é a oferta infindável de objectos para compras, de toda a espécie, além de serviços, inclusive de um astrólogo... Pormenores locais de costumes e usos.

Ao chegar ao cimo da escadaria encontramos afixadas nas paredes inúmeras placas de agradecimento

aos "nats" afixadas nas paredes ao longo da subida. Até nomes de portugueses encontramos com o seu nome gravado como sinal de agradecimento. Para ilustrar a reportagem segue uma fotografia. Ao chegar ao cimo encontramos em duas salas, reproduzidas em tamanho natural, figuras humanas imaginadas dos 37 "nats" com enfeites e ofertas, em tamanhos e trajas semelhantes a manequins. O seu culto é bastante mais comum nos meios rurais.

Há um grande movimento de visitantes e devotos mas também muitos observando também a paisagem magnífica e sem fim a toda a volta deste cone vulcânico.

Depois da descida, feita a pé, por um percurso com degraus, observamos a largueza dos horizontes sem fim em todas as direcções.

Cá em baixo resisti a uma foto com o Monte Popa lá no alto e ao fundo, enquadrada por um enorme arco de flores..

Creio que estas tradições seculares nascem de interações interrogativas com os mistérios da vida e do desconhecido.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior



Uma casa palafita tradicional deste povo de etnia Shan construídas à beira do Lago Inle quando não lhes foi permitido construir em terra já ocupada!



Os macacos no cimo do Monte Popa: Cuidado com o que se leva na mão...sempre alerta para surripiarem pequenos objectos!



O Monte Popa, de origem vulcânica, onde no cume estão as estátuas representativas dos "nats" visto cá de baixo



Placas de agradecimento aos "nats" ao lado das escadas lá em cima. Aqui a de um português que sugere ser emigrante na Suíça...

Festival da Lua Cheia de Outubro no Lago Inle

Este lago de água doce, está localizado a 884 m acima do nível do mar nas montanhas do estado de Shan, no leste da Birmânia. Com 100 km de comprimento por 5 km de largura e uma área estimada de 500 km².

Um lago tão sereno e tão longo onde o nascer do sol é inesquecível.

Neste Lago realiza-se anualmente talvez o mais belo festival da Birmânia com grande projecção fora das suas fronteiras e a presença de muitos turistas. Com o seu nome em birmanês, o Festival Phaung Daw Oo realiza-se no Lago Inle com desfiles lindíssimos das embarcações deslizantes dos pescadores que vivem junto ao enorme lago sobre a água calma, é um dos mais conhecidos da Birmânia e de maior projecção nos outros países adjacentes.. Ao longo de duas semanas há cortejos lindíssimos de barcos atracando às suas inúmeras aldeias e pagodes existentes nas suas margens.

O calendário depende da data da Lua Cheia de Outubro que estará presente nas duas semanas de duração, abrangendo a meio Lua Cheia de Outubro! Pode iniciar-se em Setembro se a lua cheia for mais no início de Outubro, ou iniciar-se perto do fim de Outubro e terminar já em Novembro. De qualquer modo a Lua Cheia estará presente a meio do festival com toda a sua beleza e simbolismo.

Como fomos à Birmânia em 2019 a lua cheia de Outubro foi no dia 13 mas os festivais estendem-se no antes e no depois. São percursos diários de barcos locais a remos, é uma animação com as inúmeras aldeias e pagodes, visitando as populações. Os remadores seguem de pé num ritmo e cadência impressionantes.

A etnia Intha marca o Lago Inle

Nas margens do enorme lago, encontram-se mais de 100 cidades e vilas, na sua maioria povoadas pela etnia Intha (filhos do Lago). O lago Inle, em si, tornou-se actualmente um dos principais destinos turísticos da Birmânia.

É muito interessante saber que este lago é o sustento de 70.000 a 100.000 pessoas, vivendo principalmente da pesca. Este povo é originário de Dawei, região na ponta sudeste da Birmânia de onde fugiu no século XVIII por causa de uma invasão dos Thai, etnia que predomina a sul na Tailândia. Na sua fuga para norte, quando chegaram a esta zona banhada pelo enorme lago Inle, segundo a tradição, tentaram aí fixar-se mas um chefe local do povo que habitava na zona junto ao lago, recusou-lhes o direito a ocupar as terras que eles já aí possuíam. Então os recém- chegados, vindos de um sul longínquo, conseguiram estabelecer-se engenhosamente na faixa litoral existente nas margens do lago sem interferir com as terras já possuídas pelos habitantes locais...E como? Ocupando a área da faixa de terra que ficava submersa pela água quando esta subia infalivelmente vários metros de nível na estação anual das chuvas. Assim, foram construindo as suas casas sobre estacas, no estilo palafítico, nesse solo que ninguém ocupava porque ficava submerso uma parte do ano e por isso as casas normais nunca o poderiam ocupar. Simples, não é?

Desenvolveram assim um modo de vida completamente inovador e único no SE da Ásia e extraordinariamente bem adaptado ao clima e ao ecossistema. Possuem imaginativos jardins flutuantes e existem também, junto às povoações palafitas, mercados flutuantes. Adoptaram a extraordinária técnica de remar em pé nos seus pequenos barcos com uma só perna fora do barco, enrolada no remo colocado na posição vertical, para deslocar o barco, enquanto as duas mãos ficam livres para segurar as redes e as lançar à água de modo a capturar os peixes. As redes não precisam de ser muito grandes porque o lago é pouco profundo! É bem verdade o que diz o ditado: "A necessidade aguça o engenho" mas a este ponto e tão criativo serve-nos de exemplo das capacidades humanas!

Podem procurar na internet imagens destes pesca-

dores na sua faina. É verdadeiramente extraordinário..

Os desfiles dos barcos são imperdíveis e únicos

Num dos dias destes extraordinários rituais festivos a bordo dos longos barcos tradicionais que levam em pé dezenas de remadores, fomos alugar barcos ainda disponíveis para assistirmos, de mais perto, como observadores de primeira fila, às surpreendentes e originais corridas dos longos barcos representando as várias aldeias e lugares situados à beira de água, em sinal de vivência dos valores culturais tradicionais com o estímulo do des-pique de velocidade de deslizamento a remos, nas águas do Lago! Todos os remadores remam em pé a manusear os remos com enorme força, destreza e cadência. Impressionante! Nas margens os gritos de estímulo eram uma animação... Aplausos e exclamações a incentivar os habitantes das várias aldeias para os seus representantes, eram uma animação. Um espectáculo único e muito imaginativo. Estas exhibições duram vários dias porque as aldeias que concorrem são muitas.

Envio fotos que tirei a partir do nosso barco, próximo da margem para deixar livre a pista aquática em que os remadores se lançavam e se tentavam mutuamente ultrapassar para chegar à meta em primeiro lugar.

Seguem depois atrás dos estreitos e longos barcos que disputavam a corrida, os enormes barcos solenes, grandes, completamente dourados, transportando imagens de Buda, e monges, como se fossem pagodes flutuantes. Seguem como se fossem pequenos pagodes budistas Repito: tudo dourado! É absolutamente indescritível.

Os barcos que seguem em forma pagodes budistas, vão de visita de umas aldeias a outras, a maioria como referimos, de construção palafítica, ou seja, sobre estacas.

Seguem algumas das muitas fotografias que tirei a este espectáculo que é perfeitamente fascinante, único, e inesquecível.

Abril 2021

Do Iraque, com (muito) Amor

Serafim Reis

Desde que tenho memória de telejornais me lembro de ouvir falar do Iraque. Infelizmente, nunca por bons motivos. Como resumo da história recente, eis um esboço:

- Guerra com o Irão (1980-88);
- Ofensiva contra o povo curdo e outras minorias étnicas (1986-89);
- 1ª Guerra do golfo (1990-91);
- Sanções económicas internacionais (1990-2003);
- Invasão da coligação internacional (2003);
- Guerra civil (2004-07);
- Retirada ocidental e nova tensão sectária, entre sunitas, xiitas e curdos, resultando no auto proclamado estado islâmico (2006-2017) que espalhou o terror e no ressurgir da guerra civil (2011-17);

- Depois disso, proliferam ocorrências de violência, terrorismo ou fanatismo. Só em 2020, ocorreram 1400.

Instabilidade e violência resumem esta nação. Permanecer por essas terras revela estoicismo e heroicidade. Tornar-se refugiado não é uma escolha. É, muitas vezes, uma inevitabilidade.

Por tudo isso, nestes três últimos dias, as palavras do papa Francisco e as imagens daquele povo martirizado a expressar, em sorrisos, gritos e cânticos, a

esperança que lhes enche a alma, são um verdadeiro bálsamo.

Bem sei que o ódio e o extremismo levantarão a voz, uma e outra vez. Mas as sementes da paz e da reconciliação foram lançadas. E muitos são os corações que as anseiam e as receberam. A Bíblia mostra que, por norma, os milagres divinos requerem a colaboração humana: fé e compromisso de gestos concretos de diálogo e cooperação. A renascida comunidade de Qaraqosh é prova disso e a imagem mutilada da Virgem "sem mãos" (presente na eucaristia em Ebril) simboliza a necessidade das nossas para recomeçar e reconstruir.

Se já tinha o Iraque gravado na memória, agora, como o papa o confessou, ficou-me no coração.

Ficam também os desafios, válidos para Portugal.

Na hora de reinventarmos a nossa nação na multiculturalidade, esta não passa pelo "negacionismo". A nossa história e símbolos não podem ser apagados só por não serem "imaculados" ou por não estarem "na moda". Se erros houve, têm de estar à vista para serem lembrados. Sem memória, não tenho identidade.

Nem o futuro se pode fechar à diferença cultural, étnica e religiosa daqueles que escolhem o nosso país para aqui se instalarem. As três medalhas de ouro con-



quistadas no atletismo, este fim-de-semana, são o rosto deste novo Portugal. O hino tocou e a bandeira foi hasteada. Eram portugueses! Como eu, hoje, embora nascido noutra país europeu. E como uma multidão desde o século XII. Esse orgulho não é propriedade privada de ninguém. Consegue ser maior que nós juntos.

Se uma coisa o português sempre soube fazer é adaptar-se às circunstâncias.

"Não há caminho para a paz. A paz é o caminho", dizia Mahatma Gandhi.

Tanto no Iraque como em Portugal, digo eu.

Programa de Apoio à Produção Nacional de Base Local recebeu 106 candidaturas do Alto Minho

João Martinho

Encerraram a 30 de Março os Avisos ao Programa de Apoios à Produção Nacional (PAPN) de Base Local lançados para o território do Alto Minho. No total foram submetidas 106 candidaturas, **tendo sido solicitado um apoio total de 8.309.922€, que corresponde a 153% da dotação total a concurso.**

Atendendo ao elevado número de projectos submetidos e à dotação provisionalmente atingida, o programa terá um forte impacto na região, podendo alavancar um investimento global estimado na ordem dos 15,9 milhões euros.

Lançados a 14 de Janeiro, os Avisos na região do Alto Minho distribuíam-se por sete linhas de acção:

Linha de Acção A – Qualificação de agentes de animação turística e de agências de viagens do Alto Minho; que recebeu **11 candidaturas**;

Linha de Acção B – Qualificação de lojas com história, lojas tradição e de lojas produção territorial do Alto Minho, **com 6**;

Linha de Acção C – Qualificação dos restaurantes de acordo com o referencial “Amar o Minho”, com **15**;

Linha de Acção D – Qualificação e promoção do artesanato do Alto Minho, **sem registo de candidaturas**;

Linha de Acção E – Qualificação da produção industrial associada aos recursos endógenos do Alto Minho, com **12**;

Linha de Acção F – Qualificação da oferta de alojamento de turismo de excelência no Alto Minho, com **11**;

Linha de Acção G – **Qualificação da produção territorial do Alto Minho**, com o maior número de procura, num total de **51 candidaturas submetidas**.

Registou-se uma procura muito elevada na maioria das linhas de acção, salientando-se a forte procura na Linha de Acção G, com 51 candidaturas e um apoio

solicitado de 4,7 milhões de euros, seguida das Linhas de Acção C, com 15 candidaturas e um pedido de apoio de 1 milhão de euros e a Linha de Acção E, com 12 candidaturas e um apoio de 1,2 milhões de euros.

“Atendendo à procura observada e à tipologia de projectos em fase preliminar de análise, permitirá dar um forte contributo para a qualificação da produção territorial de base local e para o sector do turismo no Alto Minho”, notou a Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho), enquanto organismo intermédio de análise das candidaturas.

A comunidade intermunicipal considera ainda “fundamental que o Governo, em particular o Ministério da Coesão Territorial, possa equacionar, numa fase posterior, um reforço transversal da dotação afecta a este programa de âmbito nacional”.

A taxa de incentivo máxima a conceder à totalidade dos avisos é de 40% para os investimentos localizados em territórios do interior e de 30% para investimentos nos restantes territórios, a que acresce uma majoração de 10 ou 20 pontos percentuais em função do sector empresarial a que se refere a candidatura.



De sublinhar que o incentivo do Programa de Apoio à Produção Nacional revestirá a natureza de subvenção não reembolsável, ou seja, as entidades beneficiárias não terão de devolver a verba que lhes venha a ser atribuída.

Este sistema de incentivos foi criado pelo Governo em resultado da reprogramação dos fundos da União Europeia, para estimular a produção de base local, promover a manutenção do emprego e reduzir a dependência da economia portuguesa face ao exterior, contribuindo, desse modo, para a estabilização económica e social do país na sequência do surto pandémico provocado pela COVID-19.

Há festa na praça!

Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço 2021 vai ao Largo, ao território e à restauração local

João Martinho

Atendendo às circunstâncias e ainda em período de especial cuidado sanitário, de forma a evitar que uma quarta vaga da pandemia Covid-19 volte a encerrar as actividades agora em retoma, o Município de Melgaço não abdica da celebração do território, mas muda o conceito da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço 2021.

Durante dois fins-de-semana, de 7 a 9 e de 14 a 16 de Maio, a festa desdobra-se entre as plataformas digitais, as visitas ao território, em rota de provas de vinhos e produtos locais e a restauração, por esta altura já com medidas menos restritas.

Serão assim dois fins-de-semana dedicados ao alvarinho e outros produtos, mas também à gastronomia e às diferentes experiências que o território oferece, “sempre em segurança”.

Haverá um mercado central, em tenda a instalar no Largo Hermenegildo Solheiro, onde se realizará a venda de vinhos e produtos regionais. À restauração caberá a melhor harmonização gastronómica entre os vinhos e os pratos que vem sendo referência no concelho.

Na rota pelas adegas e produtores de fumeiro e produtos regionais, os apreciadores e entusiastas dos sabores poderão visitar e adquirir directamente aos produtores o resultado da matéria-prima desta terra.

Haverá ainda prova temática de alvarinhos, com press tour à região, e venda online dos vinhos e produtos, em www.onwine.pt.

Depois da interrupção de 2020, o município volta a desafiar os visitantes a “virem a Melgaço, com toda a segurança, ao nosso alojamento e à nossa restauração. Aí acontecerá o momento da festa”, propõe o autarca de Melgaço, Manoel Batista.

Para quem não possa vir ao território fazer a degustação, haverá uma “acção de venda online” dos produtos passíveis de envio via correio e que dará especial atenção “aos produtores mais pequenos” e que não tem a estratégia de venda online tão agilizada quanto as grandes marcas locais. “Teremos um olhar muito especial aos pequenos produtores, para que possam escoar a sua produção”, ressaltou o edil.

